

22.ª edição

# *As velas ardem até ao fim*

Uma obra incomparável

Sándor Márai



D. QUIXOTE

# DADOS DE ODINRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

## Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e***

***poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir  
a um novo nível."***

**eLivros**.love

Converted by [convertEPub](#)

22.<sup>a</sup> edição

# *As velas ardem até ao fim*

Uma obra incomparável

Sándor Márai



D. QUIXOTE

Sándor Márai

AS VELAS ARDEM ATÉ AO FIM



Um pequeno castelo de caça na Hungria, onde outrora se celebravam elegantes saraus e cujos salões decorados ao estilo francês se enchiam da música de Chopin, mudou radicalmente de aspecto. O esplendor de então já não existe, tudo anuncia o final de uma época. Dois homens, amigos inseparáveis na juventude, sentam-se a jantar depois de quarenta anos sem se verem. Um passou muito tempo no Extremo Oriente, o outro, ao contrário, permaneceu na sua propriedade. Mas ambos viveram à espera deste momento, pois entre eles interpõe-se um segredo de uma força singular...

Sándor Márai nasceu em 1900 em Kassa, uma pequena cidade Húngara que pertence à Eslováquia. Passou um período de exílio voluntário na Alemanha e na França durante o regime de Horthy nos anos vinte, até que abandonou definitivamente o seu país em 1948 com a chegada do regime comunista, tendo emigrado para os Estados Unidos. A subsequente proibição da sua obra na Hungria fez cair no esquecimento quem nesse momento era considerado um dos escritores mais importantes da literatura centro-europeia. Foi preciso esperar várias décadas, até à queda do comunismo, para que este extraordinário escritor fosse redescoberto no seu país e no mundo inteiro. Sándor Márai suicidou-se em 1989 em San Diego, Califórnia, poucos meses antes da queda do muro de Berlim.

O romance *As Velas Ardem Até ao Fim* tem sido entusiasticamente aclamado, tanto pela crítica como pelo público, um pouco por todo o lado. As Publicações Dom Quixote orgulham-se de ter apresentado ao leitor português um autor como Sándor Márai, cuja obra continuará a publicar nesta colecção.

“Uma obra-prima.”

Inês Pedrosa

“Belíssimo romance é uma reflexão sobre a amizade, a paixão e um mundo que não regressará jamais. A sua profundidade é das que brilham à flor da pele.”

El correo

“A profundidade do discurso resulta de uma inteligência que atrai irremediavelmente pela sua beleza. Uma descoberta emocionante.”

Cuadernos del Sur

“Um dos melhores romances escritos no século XX, se não o melhor.”

Guia del Ocio

“Deslumbrante. Cheia de ritmos e brilhos com uma prosa fértil e subjugadora.

Uma obra incomparável.”

Resena

“Magistral. Uma prosa envolvente, tranquila e interrogativa.”

Que Leer

“Uma das melhores surpresas dos últimos anos.”

La Vanguardia - Magazine

De manhã o general demorou-se muito na cave do lagar. Foi para a vinha de madrugada, com o vinhateiro, porque dois barris do seu vinho tinham começado a fermentar. Já passava das onze quando acabou o engarrafamento e voltou para casa. Debaixo das colunas do pórtico, cheio de bolor devido às pedras húmidas, esperava o guarda-caça, que entregou uma carta ao seu senhor que chegava.

— Que queres? — disse ele, parando com um ar aborrecido. Puxou para trás o seu chapéu de palha, cuja aba larga lhe ensombrava inteiramente o rosto encarnado. Há alguns anos que não abria nem lia cartas. Um feitor abria e seleccionava a correspondência no escritório do caseiro.

— Trouxe-a um mensageiro — disse o guarda-caça que aguardava hirto. O general reconheceu a letra, pegou na carta e meteu-a no bolso.

Entrou no vestíbulo fresco e em silêncio entregou o chapéu e a bengala ao guarda-caça. Procurou os óculos no bolso interior, aproximou-se da janela e, na penumbra, à luz que vinha das frestas das persianas semicerradas, começou a ler a carta.

— Espera — disse por cima dos ombros ao guarda-caça que se aprestava a partir com o chapéu e a bengala.

Enfiou a carta no bolso.

— Diz ao Kálmán que prepare o coche para as seis. O landau, porque vai chover. Que ponha a libré de gala. Tu também — disse com uma ênfase inesperada, como se alguma coisa o tivesse enfurecido.

— Quero tudo a brilhar. Comecem imediatamente a limpar o coche e a ferramenta. Vestes a libré, percebes? E sentas-te na boleia, junto do Kálmán.

— Percebo, Excelência — respondeu o guarda-caça, olhando fixamente o patrão. — Para as seis.

— Vão partir às seis e meia — disse o general e movia os lábios silenciosamente como se fizesse cálculos. — Apresentas-te na Águia Branca. Diz apenas que fui eu que te mandei e que o coche veio para levar o senhor capitão. Repete.

O guarda-caça repetiu as palavras. Então — como se quisesse dizer mais alguma coisa — o general levantou a mão e olhou para o tecto. Mas, sem dizer nada, subiu as escadas. O guarda-caça, em posição de sentido, hirto, seguiu-o com um olhar vazio e aguardou até que a figura atarracada, de ombros largos, desaparecesse atrás do balaústre de pedra esculpida em torno do patamar.

O general entrou no quarto, lavou as mãos, aproximou-se da estante alta, estreita, coberta de pano verde, manchado de tinta, onde se alinhavam caneta, tinta e cadernos forrados com capas de oleado, com desenho axadrezado, sobrepostos cuidadosamente numa ordem milimétrica, como aqueles onde os alunos da escola escrevem os trabalhos. No centro da estante estava um candeeiro de abajur verde; acendeu-o, porque fazia escuro no quarto. Atrás das persianas fechadas, no jardim seco, árido e tostado ardia o Verão com a sua última raiva, como um incendiário que no seu furor delirante, abrasa o campo antes de ir pelo mundo fora. O general tirou a carta, alisou a folha de papel cuidadosamente e, sob a luz forte, com os óculos no nariz, leu outra vez as linhas rectas e curtas, traçadas

com letras alongadas. Cruzou as mãos atrás das costas e assim continuou a leitura.

Na parede havia um calendário pendurado com algarismos grandes como punhos. Catorze de Agosto. O general inclinou a cabeça para trás, fazia contas. Catorze de Agosto. Dois de Julho. Calculava o tempo passado entre um dia remoto e o dia presente. Quarenta e um anos, disse finalmente em voz baixa. Nos últimos tempos falava em voz alta no seu quarto, mesmo quando estava sozinho. Quarenta e um anos, disse depois perplexo. Como um aluno que se atrapalha no meio das complicações da lição inesperada, corou, inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos húmidos. O pescoço avermelhado intumescceu por cima da gola do casaco amarelo como o milho. Dois de Julho de mil oitocentos e noventa e nove, a caçada foi nesse dia, murmurou. Depois ficou calado. Apoiou os cotovelos na estante, preocupado como um aluno aplicado, e voltou a fitar o texto, essas linhas escassas escritas à mão, a carta. Quarenta e um, disse por fim em voz rouca. E quarenta e três dias. Foi tudo isso.

Agora, como se se tivesse acalmado, começou a passear. O quarto era abobadado e tinha ao meio uma coluna que suportava os arcos. Antigamente esta sala constituía dois quartos, um quarto de dormir e um vestiário. Muitos anos atrás — pensava apenas em décadas, não gostava dos números exactos, como se todos os números lhe lembrassem algo que seria melhor esquecer — ordenara que deitassem abaixo a parede entre os dois quartos. Deixaram só a coluna que sustentava o arco no meio. A casa fora construída duzentos anos antes, edificada por um fornecedor do exército que vendia aveia à cavalaria austríaca e que mais tarde recebeu o título de príncipe. O palácio foi

construído nessa altura. O general nascera aqui, neste quarto. Então, o quarto traseiro, mais escuro, cuja janela dava para o jardim e para as dependências, era o quarto da mãe e este, mais alegre e arejado, era o vestiário. Há algumas décadas, quando se instalou nesta ala do edifício e deitaram abaixo a parede que separava os quartos da mãe, as duas divisões transformaram-se numa sala ampla e sombria. Iam dezassete passos de distância da porta até à cama. E dezoito passos do muro do jardim até à varanda. Contou muitas vezes, sabia isso com exactidão.

Como uma pessoa que se habitua à dimensão da sua doença, vivia neste quarto. Como se fosse feito à sua medida. Passaram anos sem que ele fosse à outra ala do palácio, onde se seguiam as salas verde, azul e vermelha com lustres dourados. As janelas davam para o parque, para os castanheiros que na Primavera se inclinavam sobre as grades da varanda e que, com as suas velas cor-de-rosa e com uma pompa verde-escura, estavam dispostos com aparato, em semicírculo, em frente do relevo corpulento da ala meridional do palácio, dos balaústres de pedra das varandas. Anjos gordos sustentavam os balaústres. O general ia ao lagar ou à floresta ou — todas as manhãs, mesmo no Inverno e quando chovia — ao ribeiro povoado de trutas. E quando regressava, atravessando o vestíbulo, subia para o quarto e lá comia.

— Então, voltou — disse agora, em voz alta, no meio do quarto. Quarenta e um anos. E quarenta e três dias.

E como se estivesse cansado quando proferiu essas palavras, como se percebesse agora que quarenta e um anos e quarenta e três dias é muito tempo, vacilou. Sentou-se na cadeira de pele, de espaldar, que estava a

desfazer-se. Uma campainha de prata estava em cima da mesa, ao alcance da sua mão, e tocou-a.

— Diz à Nini que suba — disse ao criado. E depois acrescentou educadamente: — Diz-lhe que entre, por favor.

Não se moveu; ficou assim sentado com a campainha de prata na mão, até à entrada de Nini.

Nini tinha noventa e um anos mas chegou rapidamente. Criara o general neste quarto. Estava presente quando o general nasceu. Nini tinha dezasseis anos na altura e era muito bonita. Era baixa, mas tão robusta e calma, como se o seu corpo conhecesse algum segredo. Como se escondesse algo nos ossos, no sangue, na carne, o segredo do tempo ou da vida, algo que não pode ser dito aos outros, que não pode ser traduzido para outra língua, porque as palavras não suportam esse segredo. Era filha do carteiro da aldeia, deu à luz uma criança quando tinha dezasseis anos, e não disse nunca a ninguém de quem era filho. Amamentava o general porque tinha muito leite; quando o pai a expulsou da casa, veio ao palácio. Não tinha nada, apenas uma roupa e, num envelope, uma madeixa do cabelo do bebé falecido. Chegou assim ao palácio. Veio para o parto. O general sorveu o primeiro gole de leite do seio da Nini.

Assim vivera no palácio, em silêncio, durante setenta e cinco anos. Sorria sempre. O seu nome voava através dos quartos, como se os habitantes do palácio se avisassem uns aos outros. Diziam: “Nini!”. Como se dissessem: “É curioso, no mundo existem outras coisas além do egoísmo, da paixão e da vaidade, Nini...” E porque estava presente em toda a parte onde era precisa, nunca a viam. E porque estava sempre bem

disposta, nunca lhe perguntavam como podia ela estar alegre, quando o homem que amava a deixara e a criança, para quem o seu leite brotara, tinha morrido. Amamentou e criou o general, e depois passaram setenta e cinco anos. Às vezes o sol brilhava sobre o palácio e sobre a família e então, no esplendor geral, notavam com surpresa que Nini sorria. Depois morreu a condessa, a mãe do general, e Nini, com um pano embebido em vinagre, limpou a testa branca e fria da morta, coberta de suor mucoso. E um dia trouxeram para casa o pai do general numa maca, porque caíra do cavalo, mas ainda viveu cinco anos. Nini cuidou dele. Lia-lhe em francês, e como não sabia essa língua, recitava apenas as letras; não sabia a pronúncia correcta, por isso só lia as letras, muito devagar, uma após outra. Mesmo assim, o doente percebia. Depois o general casou, e quando o casal voltou da lua-de-mel, Nini estava à espera deles à porta do palácio. Beijou a mão da nova senhora e ofereceu-lhe rosas. Sorria, como sempre; o general, às vezes, lembrava-se desse momento. Mais tarde, passados vinte anos, morreu a senhora, e Nini cuidou da campa e das roupas da falecida. No palácio não tinha título nem posição. Todos sentiam simplesmente que tinha força. Apenas o general sabia, distraído, que Nini já passara dos noventa anos. Mas ninguém falava disso. A força de Nini espalhava-se por toda a casa através das pessoas, das paredes, dos objectos, como uma corrente eléctrica secreta que no pequeno palco do teatro ambulante de marionetas faz mover as figuras, o João Valentão e a Morte. Às vezes sentiam que a casa e os objectos desabariam, se a força de Nini não segurasse todo o conjunto, como os tecidos muito velhos se desintegram, se aniquilam, se alguém toca neles inesperadamente. Quando a mulher morreu, o general partiu em viagem. Passado um ano regressou e mudou imediatamente para a ala antiga do palácio, para

o quarto da mãe. Mandou fechar a ala nova onde vivera com a mulher, as salas coloridas onde a tapeçaria francesa de seda começou a desfazer-se, o quarto grande senhorial com a lareira e os livros, a escadaria com os chifres dos veados, os galos bravos empalhados e as cabeças de camurças tratadas, a grande sala de jantar, donde, através das janelas, se podia ver o vale e a vila, e mais longe, o cume azul-prata das montanhas, os quartos da mulher e o seu antigo quarto de dormir, perto do dela. Havia trinta e dois anos, desde que a mulher morrera e o general regressara da viagem pelo estrangeiro, que apenas Nini e os criados entravam nesses quartos quando — de dois em dois meses faziam a limpeza.

— Senta-te, Nini — disse o general.

A ama sentou-se. No último ano envelhecera. Depois dos noventa as pessoas já não envelhecem como depois dos cinquenta ou sessenta. Envelhecem sem ressentimento. O rosto de Nini estava enrugado e rosado — as matérias muito nobres envelhecem assim, como as sedas de centenas de anos em que uma família teceu toda a sua habilidade manual e os seus sonhos. No ano passado contraíra cataratas num dos olhos. Esse olho estava agora triste e cinzento. O outro ficava azul, tão azul como as lagoas eternas entre as grandes montanhas, em Agosto. Esse olho sorria. Nini vestia roupa azul escura, sempre a mesma, saia de pano azul escuro e blusa da mesma cor. Como se não tivesse mandado fazer roupa durante setenta e cinco anos.

— O Konrád escreveu — disse o general; e sem dar importância, ergueu a carta ao alto com uma das mãos.  
— Lembras-te?

— Sim — respondeu Nini. Lembrava-se de tudo.

— Ele está cá, na cidade — disse o general à ama, em voz baixa, como se comunicasse uma notícia muito importante e confidencial. — Está hospedado na Águia Branca. Vem cá à noite, mandei o coche para o trazer. Vai jantar aqui.

— Aqui, onde? — perguntou serenamente Nini. E com o seu olho azul, vivo e sorridente, olhou em volta do quarto.

Havia vinte anos que não recebiam visitas. Os visitantes que, às vezes, vinham almoçar, os representantes do distrito e as autoridades da cidade, os convidados das caçadas de grande dimensão, eram recebidos pelo caseiro na casa de caça, na floresta, onde em todas as estações do ano estava tudo preparado para receber os visitantes; dia e noite, os quartos de dormir, as casas de banho, a cozinha, a grande sala de jantar para caçadores, o portal aberto, as mesas de pé-de-cabra esperavam os hóspedes. Nessas ocasiões, o caseiro sentava-se à cabeceira da mesa e, em nome do general, recebia os caçadores, ou as personagens oficiais. Já ninguém ficava ofendido, porque sabiam que o dono da casa era invisível. O pároco era o único que vinha ao palácio uma vez por ano, no Inverno, quando escrevia com giz na trave da porta de entrada as iniciais dos nomes de Gaspar, Melchior e Baltasar. O pároco, que enterrou os habitantes da casa. Mais ninguém, nunca.

— Na outra ala — disse o general. — Pode ser?

— Há um mês que fizemos limpeza lá — disse a ama.  
— Pode ser.

— Para as oito da noite. É possível?... — perguntou excitado, com uma curiosidade um pouco infantil, inclinando-se para frente na poltrona. — Na sala grande. É agora meio-dia.

— Meio-dia — disse a ama. — Então, aviso toda a gente. Até às seis vão arejar e depois põem a mesa. — Os seus lábios moviam-se em silêncio, como se fizesse cálculos. Calculava o tempo, a quantidade das tarefas. — Sim — disse depois tranquilamente e com firmeza.

O general, com o corpo inclinado para a frente, observava-a com curiosidade. As duas vidas rolavam juntas com o movimento de ritmo lento da vida de corpos muito velhos. Sabiam tudo um do outro, conheciam-se melhor que mãe e filho, melhor que os casais. A comunhão que unia os seus corpos era mais íntima que qualquer outro laço corporal. Talvez a razão fosse o leite materno. Talvez porque Nini fora o primeiro ser vivo a ver o general quando ele nasceu, porque o vira no momento do nascimento, coberto de sangue e de imundícies, como as pessoas vêm ao mundo. Talvez fossem os setenta e cinco anos que tinham vivido juntos, debaixo do mesmo tecto, comendo a mesma comida, respirando o mesmo ar; o bolor da casa, as árvores em frente das janelas, tudo era comum. E nada disto tinha nome. Não eram irmãos, nem amantes. Existe outra coisa, e eles sabiam isso vagamente. Existe um certo tipo de amizade que é mais profunda e mais densa do que a dos gémeos no útero materno. A vida misturava os seus dias e as suas noites, sabiam do corpo e dos sonhos do outro.

A ama disse:

— Queres que tudo seja como antigamente?

— Quero — disse o general. — Exactamente. Como tinha sido ultimamente.

— Está bem — respondeu lacónica.

Aproximou-se do general, inclinou-se e beijou a mão velha que tinha um anel e onde se viam as veias e as sardas.

— Promete-me — disse — que não te agitas.

— Prometo — respondeu o general obediente e calmamente.

Até às cinco nenhum sinal de vida veio do quarto dele. Nessa altura tocou a campainha, chamou o criado e pediu-lhe para lhe preparar um banho frio. Mandou de volta o almoço, bebeu apenas um chá gelado. Estava deitado no sofá, no quarto mergulhado na penumbra, e atrás das paredes frescas zumbia e fermentava o Verão. Ouvia o borbulhar escaldante da luz, o sussurro do vento quente entre a folhagem flácida, seguia os ruídos do palácio.

Agora que ultrapassara a primeira surpresa, sentia-se de repente cansado. Uma pessoa prepara-se para alguma coisa durante a vida inteira. Primeiro, sente-se ofendido. Depois quer vingança. A seguir, fica à espera. Havia muito que não aguardava. Já não sabia em que ponto o ressentimento e o desejo de vingança se haviam transformado em espera. Tudo perdura no tempo, mas torna-se tão pálido como aquelas fotografias muito antigas que ainda foram fixadas em chapas metálicas. A luz e o tempo retiram das chapas as tonalidades nítidas e características dos traços. É preciso rodar a fotografia e encontrar uma certa refacção da luz para podermos reconhecer na obscura chapa metálica a pessoa cujas

feições foram absorvidas pela placa. Deste modo se desvanecem no tempo todas as lembranças humanas. Mas um dia, a luz cai dum lado qualquer e tornamos a ver um rosto. O general guardava numa gaveta uma fotografia antiga semelhante. O retrato do seu pai. Nessa foto o pai vestia um uniforme de capitão da guarda.

O cabelo era frisado, encaracolado, como o de uma rapariga. Dos ombros caía-lhe uma capa branca da guarda; segurava a capa no peito com a mão que ostentava um anel. Inclina a cabeça para o lado, orgulhoso e com um ar ofendido. Nunca mencionou em que ocasião o ofenderam e porquê. Quando regressou de Viena começou a dedicar-se à caça. Andava na caça todos os dias, todas as estações do ano; se não encontrava caça, ou se chegara a época em que a caça era proibida, caçava raposas e gralhas. Como se quisesse matar alguém e preparasse constantemente essa vingança. A mãe do general, a condessa, proibiu os caçadores de pôr os pés no palácio, sim, banuiu e removeu tudo o que fazia lembrar a caça, as armas e as bolsas em que guardavam as munições, as flechas antigas, as cabeças empalhadas das aves e dos veados, os chifres. Foi então que o oficial da guarda mandou construir a casa de caça. Lá estava tudo reunido: em frente da lareira estendiam-se grandes peles de ursos e ao longo das paredes, nos quadros de moldura castanha, revestidos de pano branco de lã, estavam penduradas as armas. As espingardas belgas e austríacas. As facas inglesas e as armas de fogo russas. Para todo o tipo de caça. E perto da casa de caça tinham os cães, a matilha numerosa, os cães de caça, os perdigueiros; e o falcoeiro também habitava ali com os três falcões encapuçados. O pai do general vivia lá, na casa de caça. Os habitantes do palácio viam-no apenas à hora das refeições. No palácio as paredes eram cobertas com cores claras, com

tapeçarias de seda francesas, azuis, verdes e vermelhas claras, listradas a fio de ouro nas fábricas de tecelagem nos arredores de Paris. Todos os anos a condessa escolhia pessoalmente a tapeçaria e a mobília nas fábricas e lojas francesas, no Outono, quando viajava para a sua pátria, a visitar a família. Nunca abdicou dessa viagem. Tinha direito a ela, estipulara essa cláusula no contrato matrimonial quando se casou com o oficial da guarda estrangeiro.

— Talvez a culpa fosse das viagens — meditava agora o general.

Pensava que os pais não se entendiam. O oficial da guarda passava o tempo na caça e porque não podia destruir o mundo em que havia outras coisas e pessoas, diferentes dele — cidades desconhecidas, Paris, palácios, línguas e costumes estrangeiros —, matava as corças, os ursos e os veados. Sim, talvez fossem as viagens. Levantou-se e postou-se em frente do fogão de porcelana branco e barrigudo que, em tempos, tinha aquecido o quarto de dormir da mãe. Era um fogão grande, centenário, o calor irradiava dele como a boa vontade duma pessoa pançuda e indolente que gostava de atenuar o seu egoísmo com uma boa acção piedosa e barata. Era óbvio que a mãe tinha frio aqui. Este palácio, os quartos abobadados no meio da floresta, tudo era escuro para ela: por isso é que revestiu as paredes com seda de cor clara. E sofria de frio, porque o vento soprava constantemente na floresta, também no Verão, o vento, que tinha o mesmo sabor dos ribeiros da montanha quando, na Primavera, se enchem com a neve derretida e começam a transbordar. Tinha frio, e por isso era preciso ter sempre o fogo aceso no fogão de porcelana branco e barrigudo. A mãe queria um milagre. Veio para Oriente, porque uma paixão que a tocou era

mais forte que a sua razão e o seu discernimento. O oficial da guarda conheceu-a em serviço diplomático: nos anos cinquenta era correio na Embaixada em Paris. Conheceram-se num baile, e não houve nada a fazer contra esse encontro. A orquestra tocava e o oficial da guarda disse à condessa francesa: “O sentimento é mais forte que nós, mais fatal.” Tudo isto aconteceu no baile da embaixada. As janelas estavam cobertas com cortinas de seda branca; eles encontravam-se no vão duma janela e olhavam para os dançarinos. As ruas de Paris estavam brancas, caía neve. Nesse momento o rei francês, neto da dinastia dos Luíses, entrou na sala. Todos se curvaram. O rei vestia fraque azul e colete branco; ergueu até aos olhos, com um gesto lento, uns óculos de asa dourada. Quando se endireitaram da reverência profunda, regulada pela etiqueta da corte, olharam-se fixamente. Nesse instante já sabiam que não havia nada a fazer, tinham de viver juntos. Sorriam, pálidos e perplexos. A música tocava na sala vizinha. A rapariga francesa perguntou: “No vosso país, onde?...” — e sorria pitosga. O oficial da guarda disse o nome da sua pátria. A primeira palavra íntima que disseram um ao outro, era o nome da pátria.

Regressaram no Outono, quase um ano depois. A mulher estrangeira, embrulhada em véus e mantas, estava sentada no fundo da berlinda. Vieram através das montanhas, passando pela Suíça e pelo Tirol. Em Viena, o imperador e a imperatriz receberam-nos. O imperador era benévolo, como nos livros de leituras. E disse: “Tenha cuidado! Na floresta, para onde a leva, vivem ursos. Ele também é um urso.” E sorria. Todos sorriam. Era uma grande honra, o imperador gracejava com a mulher francesa do oficial da guarda húngara. A mulher respondeu: “Vou amansá-lo com música, Majestade, como Orfeu fez com as feras.” Viajaram através de

florestas e campos que exalavam o aroma da fruta. Quando atravessaram a fronteira, as montanhas e as cidades desapareceram e a mulher começou a chorar. “Chéri — disse —, tenho vertigens. Aqui nada tem fim.” Sentia-se estonteada com a visão da estepe, da paisagem da grande planície lânguida sob o peso do ar outonal, oscilante e opressivo, depois da ceifa, onde a carruagem andava horas e horas por caminhos ínvios, onde apenas os grous atravessavam o firmamento, e os campos de milho se estendiam tão despojados ao longo da via, como no fim da guerra, quando a paisagem ferida se aniquila atrás das tropas retiradas. O oficial da guarda estava sentado na carruagem, em silêncio, de braços cruzados. De vez em quando pedia um cavalo e andava a cavalo horas a fio, ao lado da carruagem. Contemplava a sua pátria, como se a visse pela primeira vez. Olhava as casas baixas com persianas verdes e pórticos brancos, onde pernoitavam, as casas das pessoas da sua classe no fundo dos jardins, os quartos frescos, onde toda a mobília, até o cheiro dos armários, lhe era tão familiar. Olhava a paisagem, cuja solidão e melancolia tocaram o seu coração como nunca antes o haviam tocado: com os olhos da mulher via o poço de vara comprida, as terras áridas, as florestas de bétulas, as nuvens cor-de-rosa no céu crepuscular, sobre a planície. A pátria abriu-se para eles, e o oficial da guarda sentiu, com o coração aos pulos, que a paisagem que os acolhia, era, ao mesmo tempo, destino. A mulher estava sentada na berlinda, calada. De vez em quando, levava o lenço até aos olhos. Nessas ocasiões, o seu marido inclinava-se da sela e olhava, interrogativo, os olhos cheios de lágrimas. Mas a mulher fazia sinal de que prosseguissem. Tinham algo em comum que os ligava. O palácio, nos primeiros tempos, consolava-a. Era grande, e a floresta e as montanhas cercavam-no, impedindo a visão da planície: era pátria dentro da pátria estrangeira. Começaram a

chegar carroças atrás deles, uma por mês. Vinham de Paris e de Viena, carroças com mobília, tecidos de linho, damasco, gravuras e uma espineta, porque a mulher queria domesticar as feras com música. Já tinha caído a primeira neve nas montanhas, quando se instalaram e começaram a viver no palácio. A neve rodeava o casarão como um exército nórdico, austero e taciturno cercava o castelo assediado. A noite, corças e veados saíam da floresta, paravam na neve, à luz do luar, olhavam em direcção às janelas luminosas do palácio, de cabeça inclinada, com olhos animais maravilhosos, escuros, intensos e de reflexos azuis, e escutavam a música que escorria da casa. “Vês?...” — perguntou a mulher ao lado do piano, e ria. Em Fevereiro o gelo expulsou os lobos das montanhas, cobertas de neve, os lacaios e os caçadores acenderam uma fogueira de lenha no parque e os lobos rondavam uivando, atraídos e enfeitiçados pelo fogo. O oficial da guarda enfrentou-os de faca em punho; a mulher olhava-o da janela. Havia algo que não conseguiam resolver entre si.

Apesar disso, amavam-se. O general aproximou-se do retrato da mãe. O quadro era obra dum pintor vienense, que tinha pintado também o retrato da imperatriz, com trança caída; o oficial da guarda tinha-o visto no escritório do imperador, no Burg. No quadro, a condessa trazia um chapéu de palha, decorado com flores cor-de-rosa, como as raparigas de Florença, no Verão. Estava pendurado na parede branca numa moldura dourada, por cima da cómoda de cerejeira. Esta mobília era ainda do tempo da mãe. O general apoiou-se com duas mãos no encosto da cómoda e nessa posição olhava para o quadro, em cima. No retrato do pintor vienense, a jovem mulher inclinava a cabeça para o lado e com um olhar terno e sério fitava o infinito, como se perguntasse: “Porquê?” Era esse o significado do quadro.

O desenho do rosto era nobre, o pescoço e as mãos, calçadas de meias-luvas de croché, os ombros brancos e os seios no decote do vestido verde claro eram sensuais. Era estrangeira. Lutavam um com o outro, sem palavras, com as armas de música e caça, viagens e festas, e quando o palácio se iluminava, como se um incêndio lavrasse nas salas, as cavaliças enchiam-se com os cavalos e os cocheiros dos convidados; de quatro em quatro degraus da escadaria grande, como figuras empalhadas no museu de cera, encontravam-se criados de libré imóveis que seguravam candelabros de prata de doze braços, e a luz, a música, a voz das pessoas e o perfume dos corpos circulavam nas salas, como se a vida fosse uma festa desesperada, uma espécie de cerimônia trágica e solene, ao fim da qual os trompetistas tocassem os seus instrumentos e do serão anunciassem uma ordem sinistra para os participantes. O general ainda se lembrava dessas festas. Os cavalos e os cocheiros, às vezes, acampavam no parque, coberto de neve, junto das fogueiras de lenha, porque não cabiam nas cavaliças. E uma vez veio também o imperador que na terra húngara tinha o título de rei. Chegou de coche, acompanhado de cavaleiros com penachos brancos nos elmos. Andara na caça durante dois dias, na floresta, estava alojado na outra ala do palácio, dormia numa cama de ferro e dançava com a dona de casa. Enquanto dançavam, conversavam, e os olhos da mulher enchiam-se de lágrimas. O rei parou com a dança. Fez reverência, beijou a mão da mulher e acompanhou-a até à outra sala, onde a comitiva aguardava num semicírculo. Conduziu a mulher ao oficial da guarda e voltou a beijar-lhe a mão.

— De que estavam a falar?... — perguntou mais tarde, muito mais tarde, o oficial da guarda à esposa.

Mas a mulher não lhe disse. Ninguém soube o que o rei disse à mulher que veio do estrangeiro e começou a chorar durante a dança. Na vizinhança ainda se falou disso por muito tempo.

O palácio encerrava tudo, como um grande túmulo ornamentado, talhado em pedra, em que ossos de gerações se deterioravam, onde se desfaziam vestidos fúnebres de mulheres e homens de outros tempos, de seda cinzenta ou de pano negro. Encerrava em si também o silêncio, como um preso religioso que apodrece desmaiado na palha pútrida, numa masmorra, de barba comprida, esfarrapado e coberto de bolor. E encerrava a memória, a memória dos mortos que se ocultavam nos recantos ocultos dos quartos, como se ocultam os fungos, a humidade, os morcegos, as ratazanas e os insectos nas caves húmidas das casas muito velhas. Sentia-se nos puxadores das portas o tremor dum a mão, a emoção dum momento passado quando a mão hesitava em puxar essa maçaneta. Todas as casas onde a paixão tocou as pessoas com a sua força arrebatadora se enchem desse conteúdo obscuro. O general contemplava o retrato da mãe. Conhecia todas as feições do rosto magro. Os olhos fitavam o tempo com um desprezo desolado e sonolento; mulheres do passado subiram para o patíbulo com esse olhar, desprezando, ao mesmo tempo, aqueles por quem morreram e aqueles que as mandaram matar. A família da mãe possuía um palácio na Bretanha, à beira-mar. O general tinha cerca de oito anos quando num Verão o levaram para lá. Na altura, já viajavam de comboio, muito lentamente. As malas, embrulhadas em tela, marcadas com as iniciais da mãe, decoradas com bordados, encontravam-se no porta-bagagens, protegido com redes. Em Paris chovia. A criança ia sentada ao fundo dum coche, forrado de seda azul e via, através da janela embaciada, a cidade que,

como a barriga dum peixe gordo, reluzia deslizando na chuva. Via telhados pontiagudos, chaminés altas que se erguiam cinzentas e oblíquas entre as cortinas sujas do céu nebuloso, como se gritassem aos quatro ventos algo sobre segredos de destinos completamente diferentes e incompreensíveis. As mulheres andavam na chuva e riam, com uma mão levantavam a saia um pouco, os dentes delas brilhavam, como se a chuva, a cidade estrangeira e a fala francesa, tudo isso fosse uma coisa divertida e magnífica que a criança não era ainda capaz de compreender. Tinha oito anos, estava sentada com ar sério na berlinda, ao lado da mãe, em frente da camareira e do preceptor e sentia que tinha uma tarefa. Todos observavam o pequeno selvagem que vinha de longe, da floresta, onde viviam os ursos. Ele pronunciava as palavras francesas atenta, escrupulosa e cuidadosamente. Sabia que falava em nome do seu pai, do palácio, dos cães, da floresta e da pátria que deixava para trás. Abriu-se um portão, o coche entrou num pátio amplo, em frente da escadaria larga criados de fraque faziam repetidas reverências. Tudo aquilo era um pouco hostil. Foi conduzido através de salas onde tudo estava no seu lugar numa forma minuciosa e inquietante. A avó francesa recebeu-o na sala, no primeiro andar. Tinha olhos cinzentos e um pequeno bigode estreito, preto; o cabelo, que em tempos devia ter sido ruivo, era agora um tanto descolorido, avermelhado, como se o tempo se tivesse esquecido de o lavar, e estava enrolado em cima da cabeça. Beijou a criança, com as duas mãos brancas e ossudas inclinou ligeiramente para trás a cabeça do recém-chegado e assim olhou para ele, de cima. “Toute de même” — disse à mãe que estava ao lado deles, preocupada, como se a criança enfrentasse um exame e logo se descobrisse algo inesperado. Mais tarde serviram chá de tília. Tudo tinha um cheiro insuportável, a criança sentia náuseas. Por volta da meia-noite chorou e

começou a vomitar. “Tragam a Nini!” — disse, e sufocava-se em lágrimas. Estava deitado na cama, branco, como um morto.

No dia seguinte a febre subiu muito, delirava. Vieram médicos solenes, vestidos de sobrecasacas pretas, puxaram das correntes douradas dos relógios através das botoeiras centrais dos seus coletes brancos, inclinaram-se sobre a criança e das suas barbas e roupas emanava o mesmo cheiro que se exalava dos objectos do palácio, do cabelo e da boca da avó francesa. A criança sentia que ia morrer, se aquele cheiro não desaparecesse. A febre não baixou, nem para o fim-de-semana, o pulso da criança batia irregularmente. Então mandaram um telegrama para a Nini. A ama levou quatro dias para chegar a Paris. O major domus, de suíças, não a reconheceu na estação ferroviária. Nini chegou ao palácio a pé, com um saco de croché na mão. Veio como as aves migratórias se deslocam; não falava francês, não conhecia as ruas, nunca conseguiu responder à pergunta de como encontrou na cidade desconhecida a casa que acoitava a criança doente. Entrou no quarto, levantou da cama o menino moribundo que estava já muito calmo, só com os olhos a brilhar, pegou-lhe ao colo, abraçou-o com força, ficou sentada silenciosa e embalava-o. Ao terceiro dia ministraram à criança a extrema unção. À noite, Nini saiu do quarto do doente e disse em húngaro à condessa: .

— Creio que vai sobreviver.

Não chorava, apenas estava muito cansada, porque havia seis dias que não dormia. Voltou para o quarto do doente, tirou do saco de croché comida caseira e começou a comer. Durante seis dias sustentou a vida da criança com a sua respiração. A condessa estava

ajoelhada diante da porta, chorava e rezava. Todos estavam lá, a avó francesa, os criados, um jovem padre com sobranceiras tortas que entrava e saía da casa a todas as horas do dia. As visitas dos médicos tornavam-se mais raras. A criança viajou até à Bretanha com Nini; a avó francesa, espantada e ofendida, ficou em Paris. Naturalmente, ninguém disse por que motivo a criança adoeceu. Não disseram, mas todos sabiam. O general queria carinho, e quando aqueles estranhos se inclinaram sobre ele e aquele cheiro insuportável emanava de tudo, decidiu que era melhor morrer. Na Bretanha sussurrava o vento e a maré-cheia entre as rochas antigas.

Rochedos vermelhos projectavam-se do mar. Nini estava tranquila, olhava para o mar e para o céu sorridente, como se os tivesse visto anteriormente. Nos quatro ângulos do palácio erguiam-se torres redondas, muito antigas, construídas de pedra bruta, no passado remoto tinham espreitado aqui os antepassados da condessa a chegada de Surcouf, o pirata. A criança bronzeava-se rapidamente e ria muito. Já não tinha medo, porque sabia que os dois, ele e Nini eram mais fortes. Sentavam-se à beira-mar, os folhos do vestido azul escuro de Nini flutuavam no vento, tudo tinha um sabor salgado, o ar e as flores também. Pela manhã, quando a maré se retirava, nas cavidades dos rochedos vermelhos costeiros disseminavam-se aranhas marinhas de pernas peludas, caranguejos de barrigas encarnadas, estrelas-do-mar violáceas, gelatinosas. No pátio do palácio havia uma figueira com centenas de anos, semelhante a um mago do Oriente que só contava histórias extremamente simples. Debaixo da sua folhagem densa escondia-se uma frescura doce e perfumada. Por volta do meio-dia, quando o mar

murmurava abatido, o menino sentava-se ali, calado, junto da ama.

— Vou ser poeta — disse uma vez, e levantou os olhos, de cabeça inclinada para o lado.

Contemplava o mar, as suas madeixas louras ondulavam no vento quente, debaixo das pálpebras semicerradas observava atentamente o horizonte. A ama abraçou-o, apertou a cabeça dele contra o peito. E disse: — Não, vais ser soldado.

— Como o pai? — a criança abanava a cabeça. — O pai é também poeta, não sabias? Pensa sempre noutra coisa.

— É verdade — respondeu a ama, e suspirou. — Não vás para o sol, meu anjo. Ficas com dor de cabeça.

Estavam sentados assim durante muito tempo, debaixo da figueira. Escutavam o mar: o seu murmúrio era-lhes familiar. Rumorejava como a floresta lá longe, em casa. A criança e a ama pensavam que no mundo tudo estava relacionado.

As pessoas só se recordam dessas coisas mais tarde. Passam dezenas de anos, atravessam um quarto escuro, onde alguém morreu e de repente ouvem o murmúrio do mar, as palavras antigas. Como se aquelas poucas palavras tivessem exprimido o significado da vida. Mas mais tarde, era sempre outra coisa de que tinham de falar.

No Outono, quando regressaram da Bretanha, o oficial da guarda estava à espera da família em Viena. Puseram o menino no colégio militar. Deram-lhe uma espada pequena, calças compridas e um quépi. Ataram-lhe à cintura a espadinha e aos domingos, de jaqueta azul

escura, levavam a passear os pupilos no Graben. Eram como crianças que brincam vestidas de soldados. Calçavam luvas brancas e faziam continência com graciosidade.

O colégio situava-se perto de Viena, no alto duma colina. Era um edifício amarelo, das janelas do segundo andar podia ver-se a cidade antiga com as suas ruas direitas e rígidas, a residência de Verão do imperador, os telhados de Schönbrunn e, no grande parque, os passeios abertos entre a folhagem podada. Nos corredores brancos abobadados, nas salas de aulas, no refeitório, nos dormitórios, tudo estava reconfortantemente colocado no seu lugar, como se aquele fosse o único sítio no mundo onde, finalmente, foi posto em ordem no seu lugar tudo o que na vida é caótico e supérfluo. Os preceptores eram velhos oficiais. Tudo cheirava a salitre. Nos dormitórios dormiam trinta, em todas as salas trinta rapazes da mesma idade, como o imperador, em camas estreitas, de ferro. Por cima da entrada estava pendurado um crucifixo com a espiga sagrada. À noite, as lâmpadas espalhavam uma luz azul. De manhã, acordavam com o som da corneta; no Inverno, às vezes, a água de se lavarem congelava nas bacias de lata. Nessas ocasiões, as ordenanças traziam água quente em jarros grandes, da cozinha.

Estudavam Grego, Balística, o modo como haviam de comportar-se diante do inimigo, e História. O rapaz estava pálido e tossia. No Outono, todas as tardes, o sacerdote levava-o a passear por Schönbrunn. Andavam com passos lentos pelos caminhos. Duma fonte, de pedras corroídas pelo musgo verde e pelo bolor, a água gorgolejava com reflexos dourados, sob os raios do sol. Passeavam entre as filas de árvores podadas, o rapaz endireitava-se e com a mão de luva branca fazia

continência com rigidez e de acordo com o regulamento aos velhos soldados que aqui passeavam em uniforme de gala, como se todos os dias se celebrasse o aniversário do imperador. Uma mulher vinha a andar no caminho, com um guarda-sol branco, renda nos ombros, cabeça descoberta; veio com passos rápidos até junto deles e o sacerdote curvou-se profundamente.

— A imperatriz — sussurrou ao rapaz.

O rosto da mulher estava muito pálido, enrolava o seu cabelo grosso e preto em tranças triplas à volta da cabeça. A três passos de distância seguia-a uma senhora de vestido preto, um pouco curvada, como se estivesse cansada de caminhar tão depressa.

— A imperatriz — repetiu o sacerdote com devoção profunda.

O rapaz seguiu com os olhos a mulher solitária que quase corria entre as filas de árvores do parque grande, como se fugisse de algo.

— É parecida com a mãe — disse, porque se lembrou do quadro que estava pendurado no escritório do pai, por cima da mesa.

— Não se deve dizer isso — respondeu com ar sério o sacerdote. Estudavam de manhã à noite as coisas que não deviam dizer-se. No colégio, onde educavam quatrocentos rapazes, reinava o mesmo silêncio que reina dentro de uma bomba-relógio um minuto antes da explosão. Estavam todos ali, tinham vindo dos palácios da Boémia, de cabelo louro como grão, nariz achatado e mãos fatigadas e brancas, dos solares da Morávia, dos castelos tirolezes e dos palacetes de caça estirianos, dos palácios com persianas fechadas das ruas que circundam

o Graben e das casas de província húngaras, com nomes compridos, muitas consoantes e títulos de nobreza, títulos e posições que ali, no colégio, por assim dizer, haviam sido postos no armário, como as roupas civis finas costuradas em Viena e Londres e as roupas interiores holandesas. De tudo isso ficou apenas um nome e um rapaz, portador desse nome, que estava a aprender agora quais eram as coisas permitidas e quais não eram. Havia rapazes eslavos de testa estreita, em cujo sangue se misturavam todas as características humanas do Império, havia aristocratas com dez anos de idade, de olhos azuis e ar fatigado, que olhavam para o vazio como se os seus antepassados já tivessem visto tudo em lugar deles, e um príncipe tirolês suicidou-se com um tiro aos doze anos, porque estava apaixonado por uma prima.

Konrád dormia na cama ao lado dele. Tinham dez anos quando se conheceram.

Era atarracado mas magro ao mesmo tempo, como os filhos de uma raça muito antiga, em cujo corpo os ossos dominam a carne. Era mais lento sem ser preguiçoso, apenas tinha o seu ritmo deliberadamente ponderado. O pai era um funcionário público na Galícia que recebera o título de barão, a mãe era polaca. Quando ria, surgia-lhe um traço largo e infantil, tipicamente eslavo, em redor da boca. Mas ria raramente. Era calado e atento.

Viviam juntos desde o primeiro momento, como os gémeos idênticos no útero da mãe. Não era necessário “travar amizade”, como faziam os rapazes da mesma idade, com rituais solenes e ridículos e com uma paixão pretensiosa, tal como o desejo surge entre pessoas de uma forma inconsciente e desfigurada, quando alguém, pela primeira vez, quer separar do mundo o corpo e a

alma de outra pessoa, para a possuir de uma maneira exclusiva. É esse o sentido do amor e da amizade. A amizade deles era tão séria e silenciosa, como todos os grandes sentimentos que duram uma vida inteira. E tal como todos os grandes sentimentos, continha também um certo pudor e sentimento de culpa. Uma pessoa não pode apropriar-se impunemente de outra, separando-a das restantes.

Contudo, sabiam também, desde o primeiro momento, que esse encontro os vinculava para a vida inteira. O rapaz húngaro era alto e frágil, e nesse tempo o médico examinava-o todas as semanas: temia-se pelos seus pulmões. A pedido do coronel morávio, director do colégio, o oficial da guarda veio a Viena e conversou longamente com os médicos. De tudo aquilo que os médicos disseram, percebeu apenas uma palavra: “perigo.” O rapaz não está doente efectivamente, concluíram, mas tem predisposição para doenças. Perigo, disseram, em geral. O oficial da guarda ficou hospedado numa ruela escura, à sombra da igreja de Santo Estêvão, numa pousada denominada “Ao Rei da Hungria”, onde o seu avô já se tinha alojado. No corredor estavam pendurados chifres de veados. O criado cumprimentou assim o oficial da guarda: “Beijo a sua mão.” Ocupava ali dois quartos escuros, com abóbadas, cheios de móveis, forrados de seda amarela. Durante esses dias trouxe o filho consigo, moravam juntos na pousada, onde, por cima de cada porta, se podiam ler os nomes de hóspedes frequentes e estimados, como se esse edifício fosse uma espécie de mosteiro laico, destinado aos senhores solitários da monarquia. De manhã tomavam um coche e dirigiam-se ao Prater. O ar começou a tornar-se mais fresco, era o início de Novembro. A noite iam ao teatro, no palco gesticulavam heróis, roncavam e tombavam pela própria espada. Depois comiam num restaurante,

numa sala reservada, onde eram servidos por numerosos empregados. O menino vivia ao lado do pai calado e educado, à maneira dum velho, como se suportasse e perdoasse algo.

— Dizem que há perigo — disse o pai, para consigo, após o jantar, e acendeu um charuto grosso e preto. — Se quiseres, podes voltar para casa. Mas preferia que não tivesses medo de enfrentar qualquer perigo.

— Não tenho medo, pai — disse o rapaz. — Mas queria que o Konrád estivesse sempre connosco. A família dele não é rica. Gostava que ele pudesse vir para a nossa casa, no Verão.

— É o teu amigo? — perguntou o pai.

— Sim.

— Então, ele é o meu amigo também — disse com seriedade. Vestia fraque e uma camisa franzida, nos últimos tempos já nunca usava uniforme. O rapaz, aliviado, não disse nada. Podia fiar-se na palavra do pai. Para onde quer que fossem em Viena, conheciam-no em toda a parte, quer nas lojas — o luveiro, o camiseiro, o alfaiate — quer nos restaurantes, onde os chefes de mesa solenes reinavam sobre as mesas, e também nas ruas, onde homens e mulheres lhe acenavam dos coches alegremente.

— Visitas o imperador? — perguntou um dia o rapaz, antes da partida do pai.

— Rei — disse severamente, num tom repreensivo, o pai. Depois acrescentou: — Nunca mais lá vou.

O rapaz percebeu que tinha acontecido algo entre eles. No dia da partida apresentou Konrád ao pai. Na noite anterior adormecera com o coração aos pulos: tudo parecia como se fosse um noivado. “Não se deve falar do rei diante dele” — avisou o amigo. Mas o pai era generoso e cordial, como um grande senhor. Acolheu Konrád no seio da família com um simples aperto de mão.

A partir desse dia, a tosse do rapaz atenuou-se. Já não estava sozinho. Não suportava sentir-se só no meio das pessoas.

A educação que trazia no sangue da casa, da floresta, de Paris e da sensibilidade da mãe, impunha-lhe que uma pessoa nunca falasse daquilo que o afligia, antes suportasse tudo em silêncio. O mais sensato era não falar de todo, assim lhe ensinaram. Mas não conseguia viver sem afecto, e isso também fazia parte da herança. Talvez fosse a mulher francesa que trouxe à família o desejo de confiar os próprios sentimentos a alguém. Na família do pai não se falava de tal coisa. Precisava de alguém a quem pudesse mostrar o seu afecto: Nini ou Konrád, e assim não tinha febre, não tossia, o seu rosto de menino pálido e magro tingia-se de cor-de-rosa, de entusiasmo e de confiança.

Os rapazes estavam naquela idade em que o sexo ainda não tinha carácter definido: como se ainda não tivessem decidido. De duas em duas semanas, o barbeiro rapava à máquina zero o seu cabelo macio e louro que ele odiava, porque achava que lhe dava um aspecto efeminado. Konrád era mais viril, mais sereno. A juventude abriu-se para eles, e já não tinham medo desse tempo, porque não estavam sozinhos.

No fim do primeiro Verão, quando os rapazes subiam para o coche, para regressarem a Viena, a mãe francesa, da porta da entrada do palácio, olhava longamente para os viajantes. Depois disse a Nini, sorrindo: — Enfim, um bom casamento.

Mas Nini não sorria. Os rapazes chegavam juntos todos os Verões e mais tarde passavam também o Natal no palácio. Partilhavam tudo, o vestuário, as roupas interiores, no palácio dividiam o mesmo quarto, liam o mesmo livro simultaneamente, descobriam juntos Viena e a floresta, os livros e a caça, a equitação e as virtudes militares, a vida social e o amor. Nini tinha medo, é possível que estivesse com um pouco de ciúmes. Já há quatro anos que essa amizade durava, os rapazes começaram a isolar-se do mundo e tinham segredos. Aquela relação era cada vez mais profunda, mais tenaz. O filho do oficial da guarda orgulhava-se de Konrád, se pudesse, tinha-o apresentado a toda a gente, como se fosse uma obra de arte, uma obra-prima e, ao mesmo tempo, gostava de ocultá-lo de todos, temia que alguém lhe pudesse tirar a pessoa que amava.

— Isto é demais — disse Nini à mãe do rapaz. — Um dia ele vai deixá-lo. E então sofrerá muito.

— É uma lição humana — respondeu a mãe, sentada diante do espelho, contemplando a sua beleza que desvanecia. — Um dia temos de perder a pessoa que amamos. E se alguém não suporta isso, não vale o esforço, porque não é um homem íntegro.

No colégio, não durou muito a troça que fizeram daquela amizade; habituaram-se, como se fosse um fenómeno natural. Mencionavam-nos apenas com o mesmo nome, como se fazia com os casais. “Os

Henriks.” Mas não troçaram dessa relação. Havia algo no relacionamento dos dois, ternura, seriedade, dedicação, algo de fatal, e essa irradiação desarmava qualquer tendência sarcástica. Em todas as comunidades humanas, esse tipo de relação suscita o sentimento de uma certa inveja. Não há nada tão desejado pelo homem, como uma amizade desinteressada. Mas é um desejo sem esperança. No colégio, os rapazes refugiavam-se no orgulho da sua origem, ou nos estudos, nas farras precoces, nas bravuras físicas, ou nos amores prematuros, confusos e dolorosos. Nesse tumulto humano, a amizade de Konrád e Henrik cintilava como a luz mansa de uma cerimónia votiva medieval. Nada é tão raro entre jovens como uma afeição desinteressada que não pretende do outro nem ajuda nem sacrifício. A juventude está sempre à espera do sacrifício da parte daqueles a quem entrega a sua esperança. Os dois rapazes sentiam que viviam numa condição maravilhosa, sem nome, num certo estado de graça.

Nada é tão delicado como essa relação. Tudo que a vida oferece mais tarde, os desejos subtis ou brutos, os sentimentos fortes, as ligações fatais da paixão, tudo isso é mais rude, mais desumano. Konrád era sereno e reservado como os verdadeiros homens, mesmo com dez anos de idade. Quando os rapazes entraram na adolescência e começaram a tomar gosto por indecências e a perscrutar com vanglória desolada os segredos da vida dos adultos, Konrád fez jurar a Henrik que teriam uma conduta de vida pura. Mantiveram esse juramento durante muito tempo. Não era fácil. De duas em duas semanas confessavam-se, preparavam juntos a lista de pecados. Os desejos faziam-se sentir no sangue, nos nervos, os rapazes andavam pálidos e tinham vertigens quando as estações mudavam. Mas viviam uma vida pura, como se a amizade, cuja capa mágica

cobria as suas vidas jovens, compensasse tudo aquilo que atormentava e arrepiava os outros, os curiosos e irrequietenos e os perseguia para as regiões obscuras, infernais da existência.

Viviam segundo um regulamento rigoroso, prescrito pela prática e pela experiência de séculos. Todas as manhãs, de tronco nu, com faixa protectora e máscara, praticavam esgrima durante uma hora no ginásio do colégio. Depois andavam a cavalo. Henrik era um bom cavaleiro, mas Konrád lutava na sela desesperadamente para manter o equilíbrio e a segurança, faltavam ao seu corpo as memórias das disposições hereditárias. Henrik aprendia com facilidade, Konrád com alguma dificuldade, mas guardava avidamente, com um apego tenaz, tudo o que tinha adquirido, como quem sabe que aquela era toda a riqueza que possuía no mundo. Henrik movia-se também com naturalidade na sociedade, despreocupadamente e com superioridade, como se o mundo já não o pudesse apanhar de surpresa; Konrád era rígido e cumpridor de regras. Num Verão, viajaram para a Galícia, a visitar os pais de Konrád. Já eram jovens oficiais. O barão — um homem velho, careca e humilde, gasto pelos quarenta anos de serviço na Galícia e pela ambição social insatisfeita dum mulher nobre, polaca — corria com uma complacência embaraçada a entreter os jovens senhores. A cidade tinha uma atmosfera sufocante com as suas torres antigas, com o poço no meio da praça principal quadrada e os quartos escuros, com abóbadas. E as pessoas na cidade, os ucranianos, os alemães, os judeus, os russos, viviam numa espécie de murmúrio surdo, abafado pelas autoridades, como se fermentasse algo na cidade constantemente, nas casas sombrias e mal arejadas, uma revolução ou apenas um certo descontentamento deplorável, ruidoso ou nem isso: uma agitação reprimida e uma atmosfera de expectativa

dum caravançarai impregnava as casas, as praças, a vida toda na cidade. Só a Sé, com a sua torre robusta e os seus arcos largos sobressaía serenamente dessa confusão berrante, cantarolante e sussurrante, como se alguém, uma vez, com todas as suas consequências, tivesse proclamado uma lei na cidade, algo definitivo e irrevogável. Os rapazes estavam alojados num hotel, porque a casa do barão consistia em três quartos pequenos. Na primeira noite, depois dum jantar sumptuoso com carne rica em gordura e vinhos aromáticos, pesados — que o velho funcionário, pai de Konrád, e a mulher polaca fanada e melancólica, a mãe, pintada com cores de violeta e vermelho como um papagaio, serviam na casa humilde com tanta excitação comovente e consternadora, como se a felicidade do filho, que vinha a casa tão raramente, dependesse da qualidade dos pratos — dos jovens oficiais, antes de se deitarem, ficavam ainda sentados por muito tempo na penumbra dum canto do restaurante, decorado com palmeiras poeirentas, na pousada galiciana. Bebiam vinho húngaro, pesado, de Hegyalja, e fumavam cigarros em silêncio.

— Agora já os viste — disse Konrád.

— Sim — respondeu o filho do oficial da guarda, com sentimento de culpa.

— Então, já sabes — disse o outro, em voz suave e sereno. — Agora imagina o que se passa aqui, tudo por minha causa, há vinte e dois anos.

— Sei — disse Henrik, e sentiu um aperto na garganta.

— Todos os pares de luvas — continuou Konrád — que tenho de comprar, quando saímos juntos e vamos ao

Teatro do Castelo, provêm daqui. Se eu precisar de novos arreios, eles não comem carne durante três meses. Se eu der uma gorjeta num serão, o meu pai não fuma charutos durante uma semana. E isso dura já há vinte e dois anos. E havia sempre tudo o que era necessário. Algures, na Polónia, perto da fronteira russa, há um solar. Nunca o tinha visto. Era propriedade da minha mãe. Tudo vinha desse solar: o uniforme, as propinas, os bilhetes do teatro, o ramo de flores que enviei à tua mãe quando ela estava de passagem em Viena, as taxas dos exames, as despesas do duelo quando tive de me bater com aquele bávaro. Tudo, de há vinte e dois anos para cá. Primeiro, vendiam a mobília, o jardim, a terra, a casa. Depois a saúde deles, o conforto, os seus anos de velhice, as ambições sociais da minha mãe, a possibilidade de ter mais um quarto nesta cidade maldita, de pôr móveis decentes no quarto e de receber visitas de vez em quando. Percebes?

— Perdoa-me — disse Henrik agitado e pálido.

— Não estou zangado — respondeu o amigo, muito sério. — Só queria que soubesses e visses uma vez. Quando o bávaro se atirou a mim de espada desembainhada e a brandia desvairadamente e de muito bom humor, como se fosse uma piada excelente cortarmos pedaços um do outro por vaidade, lembrei-me do rosto da minha mãe, como ela ia todas as manhãs ao mercado para evitar que a cozinheira a enganasse em dois cêntimos, porque dois cêntimos no fim do ano dava um total de cinco florins e ela podia enviar-mos por carta... E naquele momento eu estava capaz de matar o bávaro, que me queria ferir por pura vanglória e não sabia que cada arranhão que me atingia, era um pecado mortal contra duas pessoas que na Galícia, sacrificavam as suas vidas em silêncio por mim. Quando dou gorjeta

na vossa casa a um criado, estou a gastar um pouco da vida deles. É muito difícil viver assim — disse, e corou.

— Porquê? — perguntou o outro em voz baixa. — Não pensas que tudo isto é bom para eles?...

— Para eles, talvez. — O rapaz ficou calado. Antes nunca falara daquilo. Agora decidiu-se a falar, interrompendo-se por pausas curtas e sem olhar de frente os olhos do amigo. — Mas para mim é muito difícil viver deste modo. Como se não fosse senhor de mim. Quando estou doente, assusto-me, como se desperdiçasse uma propriedade alheia, algo que não me pertence inteiramente, a minha saúde. Sou soldado, fui educado para ser capaz de matar e ser morto. Fiz juramento sobre isso. Mas eles, porque hão-de suportar tudo isso, se eu for morto? Já percebes?... Há vinte e dois anos que vivem nesta cidade, onde tudo tem um cheiro sufocante, como numa casa imunda onde tivessem pernoitado caravanas de passagem... o cheiro a comida, a perfumes baratos, a camas não arejadas. Vivem aqui, em silêncio. Há vinte e dois anos que o meu pai não vai a Viena, onde nasceu e foi criado. Há vinte e dois anos que não fazem uma viagem, não há uma peça de roupa desnecessária, nem uma excursão de Verão, porque têm de fazer de mim uma obra-prima, algo que não conseguiram nas suas próprias vidas. Às vezes, quando quero fazer qualquer coisa, a minha mão fica suspensa no ar. É sempre essa responsabilidade. Já desejei a morte deles — disse muito baixo.

— Sim — respondeu Henrike.

Ficaram na cidade durante quatro dias. Quando se foram embora, pela primeira vez na vida sentiam que

algo se passara entre eles. Como se um deles devesse ao outro algo que não era possível exprimir com palavras.

Mas Konrád tinha um refúgio, para onde o amigo não o podia seguir: a música. Como se tivesse um esconderijo secreto, onde o mundo não o atingia. Henrik não tinha ouvido para a música, contentava-se com a música cigana e com a valsa vienense.

No colégio não falavam de música. Preceptores e alunos limitavam-se a tolerá-la e a perdoá-la, como uma espécie de capricho juvenil. Todos têm um ponto fraco. Um cria cães, a todo o custo, o outro anda a cavalo. É melhor do que jogar cartas, pensavam. E menos perigoso que as mulheres.

Mas, às vezes, o general desconfiava de que a música não era uma paixão assim tão inofensiva. No colégio, naturalmente, não admitiam essa rebelião, a insurreição da música. O conhecimento da noção da música fazia parte da educação, mas sobretudo no sentido geral. A única coisa que sabiam sobre a música era que, se precisavam de trombetas de latão, o tambor-mor que ia à frente, de vez em quando levantava o seu bastão de prata. Atrás dos músicos, um pequeno pónei puxava o tambor. Essa música era alta e rítmica, disciplinava os passos das tropas, atraía a população civil para a rua e era um elemento indispensável de qualquer desfile. Se uma pessoa ouvia música, marchava mais compassada, era só isso. A música ora era divertida, ora pomposa e solene. De resto, ninguém se preocupava com ela.

Mas Konrád ficava sempre pálido quando ouvia música. Qualquer tipo de música, mesmo a mais vulgar, o tocava muito de perto, como uma agressão física. Ficava pálido e a boca começava-lhe a tremer. A música transmitia-lhe

algo que os outros não podiam compreender. Provavelmente as melodias não se dirigiam ao seu intelecto. A disciplina, que era a sua vida, o meio em que era criado, à custa do qual conquistava uma posição no mundo e que admitia voluntariamente, tal como o crente aceita o castigo e a penitência, afrouxava nessas ocasiões, como se a postura rígida e hirta cedesse no seu corpo. Era como quando, no desfile, depois da parada militar longa e fatigante, de repente se ouvia o comando de “destróçar!”. A sua boca começava a tremer, como se quisesse dizer alguma coisa. Naquelas ocasiões, esquecia-se de onde estava, os seus olhos sorriam, olhava para o vazio, não via nada do que o circundava, nem os superiores, os companheiros, as belas mulheres, nem o público que estava no teatro. Ouvia a música com todo o corpo, tão sequiosamente, como o preso escutava na prisão os ruídos distantes dos passos que talvez trouxessem a notícia da libertação. Nessas ocasiões, se alguém lhe falava, não ouvia. A música dissolvia o mundo à sua volta, alterava as leis da convenção artificial, e nesses instantes Konrád jamais era soldado. Uma noite, no Verão, quando Konrád e a mãe do general tocavam uma peça para quatro mãos no palácio, algo aconteceu. Estavam sentados na sala grande, antes do jantar, e o oficial da guarda e o filho escutavam educadamente a música num canto, com aquela condescendência cortês e aquela paciência de alguém que diz: “A vida é um dever, também se deve suportar a música. Não é conveniente contrariar as senhoras.” A mãe tocava com paixão: interpretavam a Fantaisie polonaise de Chopin. Como se tudo tivesse começado a vibrar no quarto. Pai e filho sentiam, no canto da sala, na poltrona, enquanto esperavam educada e pacientemente, que nos dois corpos, no corpo da mãe e no de Konrád, alguma coisa se estava a passar. Como se a rebelião da música tivesse levantado a mobília, como

se uma força atrás da janela agitasse as cortinas pesadas de seda, como se tudo o que os corações humanos haviam enterrado e que era gelatinoso e bafiento, começasse a viver, como se no coração de cada pessoa se ocultasse um ritmo mortal que num terminado momento da vida, começava a pulsar com uma força tremenda. Os ouvintes pacientes perceberam que a música era perigosa. Mas os dois ao piano, a mãe e Konrád, não se preocupavam com esse perigo. A Fantaisie polonaise era apenas um pretexto para que as forças irrompessem no mundo que moviam, fazendo explodir tudo o que a ordem humana escondia tão cuidadosamente. Estavam sentados rígidos diante do piano, direitos, com o tronco esticado e ligeiramente inclinado para trás, como se a música lançasse um coche ardente, puxado por cavalos míticos e invisíveis, e no meio da tempestade e da corrida no espaço fossem eles, de corpo hirto e mãos firmes, a segurar as rédeas das forças desencadeadas. Depois, com o toque de um único acorde, acabaram. Um raio do sol da tarde penetrava na janela grande, no feixe da luz girava a poeira dourada, como se atrás do coche divino da música que corria para longe, guiado por cavalos, se erguesse uma nuvem de pó ao longo do caminho celestial que conduzia à destruição e ao nada.

— Chopin — disse a francesa, e respirava com dificuldade. — O pai dele era francês.

— E a mãe polaca — disse Konrád, e de cabeça inclinada, olhou para longe pela janela. — Era parente da minha mãe — acrescentou à parte, como se tivesse vergonha dessa relação.

Todos levantaram a cabeça, porque na sua voz vibrava tanta tristeza, como no tom da voz dos eLivross quando

falavam de saudade e da pátria. O oficial da guarda, muito atentamente, inclinado ligeiramente para a frente, observava o amigo do filho, como se o visse agora pela primeira vez. À noite, quando ficou sozinho com o filho na sala de estar, disse-lhe: — Konrád nunca há-de ser um verdadeiro soldado.

— Porquê? — perguntou, assustado, o rapaz.

Mas sabia que o pai tinha razão. O oficial da guarda encolheu os ombros. Fumava, estava sentado com as pernas bem esticadas em frente da lareira e contemplava o fumo do charuto. com a tranquilidade e a superioridade dum perito disse: — Porque é uma pessoa diferente.

Passaram muitos anos, já o pai não vivia, quando o general percebeu essa frase.

Uma pessoa sabe sempre a verdade, essa outra verdade que é oculta pelas representações, pelas máscaras e pelas circunstâncias da vida. Os dois rapazes foram educados juntos, prestaram juramento juntos, viveram juntos durante anos, enquanto estiveram em Viena, porque o oficial da guarda encontrou maneira de o filho e Konrád passarem os primeiros anos de serviço perto da corte. Arrendaram um apartamento nas proximidades do parque de Schönbrunn, no primeiro andar numa casa estreita, de fachada cinzenta. As janelas do apartamento davam para um jardim abafado, comprido e estreito, apinhado de ameixoeiras. Dispunham de três quartos, ali, na casa da viúva surda dum médico do exército. Konrád alugava um piano, mas raramente tocava; como se tivesse medo da música. Viviam ali, como irmãos, e o filho do oficial da guarda sentia às vezes, inquieto, que o amigo tinha um segredo.

Konrád era “uma pessoa diferente” e não era possível a ninguém aproximar-se com perguntas do seu segredo. Estava sempre calmo. Nunca discutia. Vivia, cumpria os seus deveres, comunicava com os companheiros, movia-se na sociedade e no mundo, como se o serviço militar nunca terminasse e a vida fosse um regulamento único e um tempo de serviço, não só de dia, mas também de noite. Eram jovens oficiais, e o filho do oficial da guarda notava com preocupação que Konrád vivia como um monge. Como se não vivesse neste mundo. Como se, ao terminar o horário oficial do serviço, começasse para ele um outro serviço, mais complexo e de mais responsabilidade, tal como para um jovem monge não são apenas de serviço as horas da oração e das cerimónias religiosas, mas também os momentos da solidão, da reflexão, e, sim, o tempo do sonho. Temia a música, com a qual tinha uma ligação secreta que envolvia não só a sua consciência, mas também o seu corpo: como se o sentido mais profundo da música fosse uma espécie de ordem fatal que o desviava da sua trajectória e quebrava algo dentro dele. Pela manhã andavam juntos a cavalo no Prater ou na escola de equitação. Depois Konrád cumpria o serviço, ia para o apartamento de Hietzing e, às vezes, passavam-se semanas sem sair de casa à noite. Nessa casa antiga ainda usavam para iluminação candeieiro a petróleo e velas; o filho do oficial da guarda chegava a casa quase sempre depois da meia-noite, vindo dum baile ou dum festa, e já da rua, do coche, via a claridade débil e denunciadora da luz fraca, vacilante, na janela do quarto do amigo. No sinal da janela iluminada havia uma certa acusação. O filho do oficial da guarda entregava uma moeda ao cocheiro, parava na rua silenciosa em frente do portão velho, descalçava as luvas, procurava a chave do portão e sentia que, de certo modo, naquela noite também traía o amigo. Chegava do mundo, onde

tocavam música suave, nos restaurantes, nas salas de baile e nos salões da cidade: mas era diferente daquilo de que Konrád gostava. Soava a música para tornar a vida mais agradável, mais solene, para fazer brilhar os olhos das mulheres e faiscar a vaidade dos homens. Por isso tocavam música na cidade, naqueles lugares onde o filho do oficial da guarda passava as noites dos seus anos de juventude. Mas a música de que Konrád gostava não era para se divertir, mas tocava nas pessoas as suas paixões, o seu sentimento de culpa, queria que a vida fosse mais real nos corações e nas consciências humanas. Esse género de música é assustador, pensava Henrik, e começou a assobiar baixinho uma valsa obstinada. Nesse ano, em Viena, por todo o lado assobiavam as valsas dum compositor que estava na moda, o jovem Strauss. Procurou a chave da casa, abriu o portão secular, que cedia lentamente e com dificuldade, passou ao longo da cave ampla da escadaria com abóbadas, cheia de bolor e iluminada com uma lâmpada fraca a petróleo, parou por um instante, olhou para o jardim que se estendia branco, coberto de neve, ao luar, como se o seu lugar tivesse sido desenhado a giz entre as negras linhas confinantes dos objectos e fenómenos. Tudo estava tranquilo. Viena já estava a dormir. Mergulhava profundamente no sono e a neve caía. O imperador também já dormia no Burg, e cinquenta milhões de pessoas dormiam nos países do imperador. O filho do oficial da guarda sentia que, de certo modo, participava desse silêncio, guardava também o sono e a segurança do imperador e dos cinquenta milhões de pessoas, velava mesmo quando não fazia outra coisa além de vestir o uniforme com honra, ir à noite à sociedade, ouvir valsas, beber vinho francês e conversar com as senhoras e senhores exactamente sobre aquilo que se esperava dele. O filho do oficial da guarda sentia que obedecia a ordens

escritas e não escritas muito peremptórias, e essa obediência no quartel, no campo de exercícios e nos salões era, ao mesmo tempo, também serviço. A sensação da segurança para cinquenta milhões de pessoas baseava-se nisto: que o imperador se deitava antes da meia-noite, se levantava logo às cinco da manhã e se sentava à mesa numa cadeira de braços de vime americano, à luz duma vela, e todos os outros que juraram lealdade ao seu nome obedeciam às convenções e às leis. Naturalmente, tinham de obedecer num sentido mais profundo do prescrito pelas leis. Uma pessoa trazia a obediência no coração e isso era o mais importante. Tinha de acreditar que tudo estava em ordem. Nesse ano, o filho do oficial da guarda e o amigo tinham vinte e dois anos.

Viviam em Viena, eram jovens oficiais. O filho do oficial da guarda subiu as escadas carcomidas, assobiando a melodia duma valsa, baixinho. Naquela casa tudo cheirava a mofo, os quartos, a escadaria, mas, ao mesmo tempo, tudo exalava um certo perfume, como se o aroma do xarope doce das compotas se espalhasse nos quartos. Nesse Inverno o carnaval irrompeu em Viena como uma epidemia ligeira e alegre. Todas as noites dançavam sob as luzes dos candeeiros a gás, esvoaçantes como borboletas, nos salões brancos e dourados. Caía muita neve, e nessa brancura os cocheiros transportavam os namorados silenciosamente. Viena dançava na neve, e o filho do oficial da guarda todas as manhãs ia à antiga escola de equitação para ver os cavaleiros espanhóis e os exercícios dos cavalos brancos lipizzanos. Havia algo que vibrava naqueles corpos de animais e de cavaleiros, uma espécie de elegância e nobreza, de graciosidade e harmonia quase culposa que existia na consciência de almas antigas e de corpos nobres. Depois passeava, porque era jovem. Parava diante das lojas do centro da

cidade, na “ilha dos macacos”; os cocheiros velhos e os empregados de mesa reconheciam-no, porque se parecia com o pai. Era uma grande família — Viena, o Império, os húngaros, alemães, moravos, checos, sérvios, croatas e italianos —, e dentro dessa família todos sentiam secretamente que no meio dos desejos tumultuosos, inclinações e paixões, o imperador era o único capaz de manter a ordem, que era, ao mesmo tempo, sargento em serviço contínuo e majestade, funcionário público de manga-de-alpaca e grand seigneur, campónio e soberano. Viena irradiava alegria. No centro da cidade, as tascas abobadadas e cheiro a bolor vendiam a melhor cerveja do mundo e, quando os sinos dobraram ao meio-dia, o aroma do molho de goulash de vaca enchia a cidade, espalhando nos corações e na rua uma atmosfera de amabilidade e de benevolência, como se a paz da vida fosse eterna. As mulheres usavam regatos pretos de pele e chapéus com plumas, e os seus narizes e olhos brilhavam na neve atrás dos véus que lhes cobriam as faces. Nos cafés, às quatro da tarde acendiam os candeeiros a gás e serviam café com natas. Generais e funcionários estavam sentados nas mesas reservadas. As mulheres, de rosto corado, escondiam-se no fundo dos coches alugados e apressavam-se a caminho das casas aquecidas a lenha dos jovens solteiros, porque era carnaval e o amor agitava e alcovitava na cidade como se houvesse agentes duma conspiração gigantesca que abrangia todas as classes sociais a incitar e inquietar as almas. Uma hora antes da abertura dos teatros, na cave do palácio do príncipe Esterházy, que se situava no centro da cidade, reuniam-se para um encontro secreto os amantes dos vinhos generosos, no Sacher já estavam a pôr a mesa da sala reservada para os arquiducos, e senhores polacos bebiam agitada e tristemente as aguardentes fortes nas salas abafadas, cheias de fumo da cave da abadia, aberta na vizinhança da igreja de

Santo Estêvão, porque a Polónia estava infeliz. Mas, para além disso, nesse Inverno, em Viena passavam-se horas em que parecia que todos estavam felizes. O filho do oficial da guarda pensava nisso, assobiava baixinho e sorria. Na entrada, o calor do fogão de azulejos tocava-o como um aperto de mão familiar. Tudo era tão amplo naquela cidade, tudo e todos estavam perfeitamente nos seus lugares: os arquidukes eram também um pouco campónios e os porteiros apreciadores e seguidores secretos duma hierarquia que se mostrava infinita e humana. O criado saltou do lado do fogão, pegou no casaco, no quépi e nas luvas do seu patrão e com uma mão tirou logo da prateleira quente do fogão branco de azulejos o vinho tinto francês, do qual, todas as noites, antes de se deitar, bebia um copo, como se quisesse despedir-se das recordações leves do dia e da noite, com as sugestões pesadas e sábias do vinho de Borgonha denso. O moço seguiu-o para o quarto de Konrád, trazendo a garrafa numa bandeja de prata.

Às vezes conversavam até de madrugada no quarto que mergulhava na penumbra, até o fogão arrefecer, e o filho do oficial da guarda esvaziava a garrafa do Borgonha sem deixar um único gole. Konrád falava sobre as suas leituras, o filho do oficial da guarda sobre a vida. Konrád não tinha dinheiro para gastar na vida, a vida militar era uma função para ele, com uniforme e posição, uma função cheia de consequências delicadas e complicadas de todo o género. O filho do oficial da guarda sentia que as suas amizades e alianças, que eram complexas e frágeis como todas as relações humanas fatais, deviam ser preservadas do dinheiro e libertadas mesmo da sombra da inveja ou da indiscrição. Não era nada fácil. Falavam disso como irmãos. O filho do oficial da guarda implorava em voz baixa que Konrád partilhasse com ele os seus bens, dos quais não sabia

bem o que fazer. Konrád explicava-lhe que não podia aceitar nem um tostão. E ambos sabiam que isso era verdade: o filho do oficial da guarda não podia dar dinheiro a Konrád e tinha de suportar andar no mundo, levar uma vida digna da sua posição e do seu nome, enquanto Konrád, em casa, no apartamento de Hietzing, jantava ovos mexidos cinco noites por semana e contava pessoalmente as peças de roupa interior chegadas da lavandaria. Mas isso não era importante. O facto mais assustador era que, além do dinheiro, aquela amizade devia ser salvaguardada para a vida. Konrád envelhecia depressa. Aos vinte e cinco anos de idade já usava óculos para ler. E à noite, quando o amigo chegava de Viena e do mundo, a cheirar a tabaco e a água-de-colónia, um pouco desgrehado e com ar de adolescente e de boa vida, conversavam em voz baixa durante muito tempo como dois cúmplices, como se Konrád fosse um mágico que passasse o tempo sentado em casa a matar a cabeça sobre o significado do ser humano e dos fenómenos, enquanto o seu fâmulos andava pelo mundo e recolhia notícias secretas da vida humana. Konrád, de preferência, lia livros ingleses sobre a história da convivência dos homens e sobre o desenvolvimento social. O filho do oficial da guarda apenas lia com prazer livros sobre cavalos e viagens. E porque gostavam um do outro, ambos perdoavam ao outro o pecado original: Konrád perdoava ao amigo a riqueza, o filho do oficial da guarda perdoava a Konrád a pobreza.

Aquela “diferença” de que o pai tinha falado, quando Konrád e a condessa haviam tocado a Fantaisie polonaise, conferia a Konrád um certo poder sobre a alma do amigo.

Qual era o significado desse poder? Em todos os poderes humanos existe um ligeiro, delicado e quase

imperceptível desprezo por aqueles que dominamos. Só podemos dominar inteiramente almas humanas, se conhecemos, compreendemos e desprezamos muito discretamente aqueles que são forçados a render-se. com o passar do tempo, essas conversas nocturnas na casa de Hietzing assumiam e repercutiam um certo tom, como se fossem mestre e discípulo a conversar. Como todas as pessoas que, pela disposição e pelas circunstâncias, eram obrigadas a aceitar a solidão antes do tempo, Konrád também falava sobre o mundo naquele tom ligeiramente irónico, um pouco depreciativo e, ao mesmo tempo, desesperadamente curioso, como se tudo o que se podia ver além, do outro lado, interessasse apenas às crianças e às criaturas ainda mais ingénuas. Porém, na sua voz transparecia uma certa nostalgia: a juventude sente sempre nostalgia, está eternamente saudosa dum país ambíguo, indiferente e assustadora que se chama mundo. E quando Konrád, num tom muito amigável e preponderante, brincalhão e sem preocupações, troçava do filho do oficial da guarda por tudo aquilo que ele ganhava como experiência no mundo, na sua voz sentia-se o desejo dum lugar insaciável.

Viviam assim, na refacção esplêndida da juventude, desempenhando um papel que era, ao mesmo tempo, um ofício que conferia à vida uma tensão considerável e uma dignidade interior. Também havia mãos femininas a bater à porta da casa de Hietzing, de um modo comovido, suave e alegre. Um dia, dessa maneira, bateu à porta Veronika, a bailarina — o general, ao lembrar-se desse nome, esfrega os olhos, como quem desperta dum sono profundo e se recorda distraído. Sim, Veronika. Depois Angela, a jovem viúva do médico major que preferia, acima de tudo, as corridas de cavalos. Mas não, Veronika, a bailarina. Morava nas águas-furtadas dum

casa muito antiga, na rua chamada “As Três Ferraduras”, num estúdio que era impossível aquecer inteiramente. Mas só podia viver ali, no estúdio, onde havia espaço suficiente para os seus passos e piruetas durante os exercícios. A sala, que ecoava do vazio, estava enfeitada com ramos poeirentos Makart e com quadros com animais que o inquilino anterior do estúdio, um pintor estiriano, havia deixado ao senhorio como compensação da renda de casa atrasada. O tema preferido da sua pintura eram as ovelhas: os visitantes deparavam-se com ovelhas tristes que os fitavam de todos os cantos da grande sala, com olhos interrogativos, húmidos e inexpressivos de animais. Veronika, a bailarina, vivia ali, entre as cortinas poeirentas e os móveis antigos cobertos de capas esfiapadas. Os seus perfumes intensos, os vapores do óleo de rosas e das águas-de-colónia francesas impregnavam já a escadaria. Numa noite de Verão foram jantar os três. Estava a lembrar-se disso, nitidamente, como se examinasse uma imagem à lupa. Jantaram num restaurante, na floresta, perto de Viena. Foram para lá de coche, através de florestas sufocantes, com o aroma da folhagem. A bailarina levava um chapéu de Florença de abas largas, meias-luvas brancas de croché, calçadas até aos cotovelos, um vestido de seda, cor-de-rosa, apertado na cintura, e sapatos de seda pretos. Apesar da sua falta de gosto, estava perfeita. Andava com passos incertos entre a folhagem, no caminho de cascalho, como se todos os passos terrestres que a conduziam aos objectos reais da vida, como por exemplo a um restaurante, fossem indignos dos seus pés. Tal como não é apropriado arranhar canções ligeiras nas cordas dum violino Stradivarius, assim guardava ela os pés, essas obras-primas, cujo único objectivo e significado só podia ser a dança, a dissolução das leis da gravidade, o rompimento das limitações deploráveis do corpo. Jantaram no pátio duma casa, cuja parede estava

coberta de vinha-virgem, à luz duma vela, abrigada numa campânula. Beberam vinho tinto leve, e a jovem ria muito. Quando chegaram a casa à noite, ao luar, avistaram duma colina, do fundo do coche, a cidade que brilhava na luz branca; Veronika abraçou-os exaltada. Foi o momento da felicidade, inconsciência e vida. Acompanharam a bailarina até casa em silêncio e despediram-se com um beijo na mão à porta da casa velha do centro da cidade. Veronika. E Angela, com os cavalos. E todas as outras, com flores no cabelo, como que dançavam longamente num círculo e deixavam atrás de si fitas, cartas, flores, meio par de luvas. Essas mulheres traziam para as suas vidas o encanto dos primeiros amores e tudo aquilo que o amor significava: o desejo, os ciúmes e a solidão desconcertada. Mas atrás das mulheres, das representações e do mundo oscilava um sentimento que era mais forte que todos os outros. Só os homens conhecem esse sentimento. Chama-se amizade.

O general vestiu-se. Vestiu a roupa sozinho; tirou o uniforme de gala do armário e olhou-o longamente. Havia dez anos que não usava uniforme. Abriu uma gaveta, procurou as condecorações e observou as medalhas guardadas num estojo forrado de seda vermelha, verde e branca. Logo que tocava nas medalhas de bronze, de prata e de ouro, e lhes pegava, via uma cabeça-de-ponte ao longo de Dnieper, uma parada militar em Viena, uma recepção no Castelo de Buda. Encolheu os ombros. Que lhe dera a vida? Deveres e vaidade. Distraído, como um jogador de cartas faz com as fichas coloridas no fim duma grande partida, fez deslizar as medalhas para a gaveta.

Vestiu roupa preta, deu um nó na gravata branca de pique, e com uma escova molhada alisou o seu cabelo

branco, cortado à escovinha. Nos últimos anos, todas as noites usava esse tipo de roupa severa, sacerdotal. Aproximou-se da secretária, com mãos hesitantes, trémulas de velhice, procurou na carteira uma chave pequenina e abriu uma gaveta comprida e funda. Do compartimento secreto da gaveta tirou vários objectos: uma pistola belga, um pacote de cartas atado com fita azul e um volume fino encadernado a veludo amarelo, em cuja capa estava impresso a letras douradas: Souvenir. Segurou o livro na mão longamente, também com capa enlaçada de fita azul e selada. Depois examinou a pistola meticulosamente e com ar de perito. Era um revólver antigo com seis balas. As balas estavam todas no seu lugar.

com um gesto leve atirou a arma para a gaveta e encolheu os ombros. Fez deslizar o livro encadernado a veludo amarelo para o fundo bolso lateral do casaco.

Aproximou-se da janela e abriu as persianas. Enquanto dormia, chovera no jardim. Andava um vento fresco entre as árvores, as folhas húmidas do plátano brilhavam oleosas. Anoitecia. Ficou imóvel ao pé da janela e cruzou os braços no peito. Olhava a paisagem, o vale, a floresta, ao fundo, em baixo, o caminho amarelo, os contornos da cidade. Os seus olhos, habituados a ver ao longe, reconheceram o coche que seguia lentamente no caminho. O convidado já estava perto do palácio.

Imóvel, com olhar inexpressivo, contemplava o alvo que se movia agilmente e fechou um dos olhos, como faz o caçador quando aponta a arma.

Já passava das sete quando o general saiu do seu quarto. Apoiando-se na bengala de cabeça de marfim, com passos lentos e regulares percorria o longo corredor

que ligava aquela ala do castelo e os quartos de dormir às salas grandes, à sala de estar, à sala de música e aos salões. As paredes do corredor estavam cobertas de retratos antigos: em molduras douradas, retratos dos antepassados, trisavôs e trisavôs, conhecidos, empregados antigos, camaradas do regimento, alguns dos mais célebres hóspedes anteriores do palácio. Na família do general era uma tradição ter também um pintor ao serviço da casa: pintores de retratos itinerantes, que estavam de passagem, mas igualmente outros mais famosos, como o S. de Praga que passara oito anos aqui, nos tempos do avô do general, e pintara todos os que apareceram diante do seu pincel, incluindo o mordomo e os cavalos mais célebres. Os trisavôs e às trisavós tornaram-se vítimas dos pincéis de artistas ambulantes, ocasionais: com um olhar vazio olhavam de cima, em traje de gala. Depois seguiam-se alguns rostos de homens, calmos, serenos, os contemporâneos do oficial da guarda, homens com bigode à húngara, cabelo penteado com caracóis na testa, fato preto ou uniforme de gala. Era uma boa geração, um pouco solitária por natureza, que vivia em desarmonia com o mundo, eram orgulhosos, mas acreditavam em algo: na honra, nas virtudes do homem, no silêncio, na solidão, na palavra dada e também nas mulheres. E quando sofriam uma desilusão, refugiavam-se no silêncio.

A maior parte deles mantinha o silêncio a vida inteira, entregava-se aos deveres e ao silêncio, como se fizesse um voto. Perto do fim do corredor seguiam-se os quadros franceses, retratos de antigas damas francesas com toucado e pó-de-arroz, cavalheiros desconhecidos, corpulentos, com perucas e lábios voluptuosos, a família afastada da mãe, rostos humanos que emergiam dos fundos de tonalidade azul, cor-de-rosa e cor de pombo. Estranhos. Depois o retrato do pai, em uniforme de oficial

da guarda. E um dos retratos da mãe, de chapéu de plumas e chicote na mão, como uma cavaleira do circo. Seguia-se na parede um espaço vazio de um metro quadrado, entre os retratos: uma linha cinzenta clara contornava o fundo branco e indicava que em tempos tinha estado ali pendurado um quadro. O general, com uma cara inexpressiva, passou em frente do quadrado vazio. Já se seguiam as paisagens.

Ao fim do corredor, vestida de preto, com uma touca branca, nova, engomada, na sua pequena cabeça de pássaro, estava a ama à espera.

— Estás a olhar para os quadros? — disse.

—Estou.

— Não queres que ponhamos de novo o quadro? — perguntou ela, e calmamente, com a franqueza dos velhos, apontou para a parede. Indicou o lugar do quadro ausente.

— Ainda existe? — perguntou o general.

A ama fez sinal que sim, tinha o quadro guardado.

— Não — disse depois duma pausa. E acrescentou, mais baixinho: Não sabia que ainda o guardavas. Pensava que o tinhas queimado.

— Não faz nenhum sentido queimar quadros — disse a ama numa voz aguda, franzina.

— Pois não — respondeu o general num tom confidencial, como se falasse só com a própria ama. — Não muda nada.

Viraram-se para a escadaria grande e olharam para baixo, onde, no vestíbulo, um criado e uma criada colocavam flores nos vasos de cristal.

Nas últimas horas o palácio começara a viver, como um mecanismo ao qual tivessem dado corda. Voltaram à vida não só os móveis, as poltronas e os sofás libertados das capas de tela do Verão, mas também os quadros nas paredes, os candelabros grandes de ferro, os objectos de decoração nas vitrinas e na borda da chaminé. Na lareira preparavam as lenhas para acender o fogo, porque a neblina cortante das noites do fim de Verão, depois da meia-noite, cobria os quartos com uma camada mucosa, húmida. Era como se os objectos tivessem ganho um novo significado e quisessem comprovar que no mundo as coisas só faziam sentido, se tivessem a ver com as pessoas, se pudessem ser partes integrantes do destino e acção humanas. O general olhava para o vestíbulo grande, as flores em cima da mesa, colocada em frente da lareira, a posição das poltronas.

— Esta cadeira de pele — disse — estava à direita.

— Lembras-te assim tão bem? — perguntou a ama, pestanejando.

— Sim — respondeu. — O Konrád estava sentado aqui, debaixo do relógio, junto ao fogo. Eu estava sentado no meio, em frente da lareira, na cadeira florentina. A Krisztina estava em frente, na poltrona, que em tempos pertenceu à minha mãe.

— Tu lá sabes — disse a ama.

— Sei. — O general apoiou-se no corrimão das escadas e olhou para baixo. — No vaso de cristal azul foram colocadas dalias. Há quarenta e um anos.

— Ainda te recordas, não há dúvida — disse a ama, suspirando.

— Recordo-me — respondeu calmamente. — Puseste a mesa com o serviço da porcelana francesa?

— Sim, com o serviço florido — disse Nini.

— Está bem. — O general, tranquilo, acenou com a cabeça. Durante algum tempo olharam em silêncio para o quadro, para a grande sala de estar em baixo, para os móveis imensos que guardavam uma recordação, o significado duma hora, dum instante, como se até aí só tivessem existido segundo as leis do tecido, da madeira e do metal, até chegar um momento, quarenta e um anos atrás, que insuflara o sopro da vida nos objectos inanes e dera sentido às suas existências. E agora que tinham começado a viver, como um mecanismo ao qual tinham dado corda, os objectos também se lembravam disso. — Que é que vais dar ao teu convidado?

— Truta — disse Nini. — Sopa e truta. Bife mal passado e salada. Galinha-da-índia. E gelado flamejante. Há dez anos que o cozinheiro não o faz. Mas talvez seja bom — disse ela, preocupada.

— Vê lá, se sai bem. Na altura também havia lagostins — disse em voz baixa, como se falasse para si.

— Sim — respondeu a ama tranquilamente. — A Krisztina gostava de lagostins. Gostava deles preparados de qualquer maneira. Naqueles tempos ainda havia lagostins no ribeiro. Agora já não há. Não consegui mandá-los vir à noite da cidade.

— Cuidado com o vinho — disse o general baixinho, com a confiança de cúmplices. A ama, ao ouvir essa

entoação, aproximou-se instintivamente e com a familiaridade dum doméstica e dum membro da família, baixou a cabeça para perceber melhor as palavras. — Manda vir garrafas do Pommard, do de oitenta e seis. E do Chablis, para o peixe. E uma garrafa do velho Mumm, uma daquelas grandes. Lembras-te?

— Sim. — A ama pôs-se a pensar. — Desse só há seco. A Krisztina bebia meio-seco.

— Um gole — disse o general. — Sempre um gole apenas, com o assado. Não gostava de champanhe.

— Que é que queres deste homem? — perguntou a ama.

— A verdade — disse o general.

— Conheces bem a verdade.

— Não conheço — replicou em voz alta, sem se preocupar com o facto de o criado e a criada, ao ouvirem a sua voz, terem parado com o arranjo de flores e olhado para cima. Mas logo a seguir baixaram o olhar e continuaram, mecanicamente, a arrumação. — É mesmo a verdade que não conheço.

— Mas conheces a realidade — disse a ama numa voz aguda, ofensiva.

— A realidade não é a verdade — retorquiu o general.  
— A realidade é apenas um pormenor. Nem Krisztina conhecia a verdade. Talvez ele, Konrád, soubesse. Agora vou apurá-la — disse calmamente.

— O quê? — perguntou a ama.

— A verdade — respondeu lacónico. Depois calou-se.

Quando o criado e a criada saíram da sala de estar e eles, em cima, ficaram sós, a ama apoiou-se com os cotovelos no corrimão, junto dele, como se admirassem a vista numa encosta da montanha. Nessa posição, falando em direcção ao quarto, onde as três pessoas outrora tinham estado sentadas juntas, em frente da lareira, disse: — Tenho de confessar uma coisa. Quando a Krisztina estava a morrer, chamou por ti.

— Sim — disse o general. — Eu estava aqui.

— Estavas aqui e, ao mesmo tempo, não estavas. Estavas tão longe, como se tivesses ido viajar. Ficaste no teu quarto e ela estava a morrer. Estava comigo sozinha, pela manhã. E então chamou por ti. Só digo isto, para que o saibas hoje à noite.

O general ficou calado.

— Penso que já está a chegar — disse, e endireitou-se.  
— Toma cuidado com o vinho e com tudo o resto, Nini.

O ranger dos seixos no caminho da subida, o ruído das rodas do landau ouvia-se da entrada. O general encostou a bengala ao corrimão da escadaria e começou a descer as escadas, sem bengala, ao encontro do convidado. No último degrau parou por um instante.

— As velas — disse. — Lembras-te?... As velas azuis da mesa. Existem ainda? Acendam para o jantar e deixem-nas arder.

— Não me lembrava disso — disse a ama.

— Mas eu lembrava-me — respondeu o general teimoso.

Muito direito no seu fato preto, com ar de velho e solene, desceu as escadas lentamente. A porta da sala de estar abriu-se e, no recorte da grande porta envidraçada, atrás do criado, apareceu um homem velho.

— Como vê, vim mais uma vez — disse o convidado, em voz baixa.

— Nunca tive dúvidas acerca disso — respondeu o general no mesmo tom suave. E sorria.

Apertaram as mãos, muito educadamente.

Aproximaram-se da lareira e à luz fria, cintilante, dum candeeiro de parede, de olhos a piscar como míopes, examinaram-se um ao outro atentamente e com perícia.

Konrád era alguns meses mais velho que o general: completara os setenta e três anos na Primavera. Os dois velhos observaram-se com aquela ponderação oscilante, com que só pessoas de idade percebem os fenómenos físicos: com muita atenção, examinando só o essencial, procurando no rosto e no comportamento os últimos sinais da vitalidade, os vestígios restantes da vontade de viver.

— Não — disse Konrád com ar sério —, o tempo não nos torna mais jovens.

Mas ambos sentiam com um espanto de inveja e, ao mesmo tempo, de regozijo que o outro fora aprovado no exame rigoroso: os quarenta e um anos que tinham passado, o tempo da distância, o tempo durante o qual não se tinham visto, embora todos os dias, a todas as

horas, soubessem da existência do outro, não os haviam afectado. Aguentámos, pensou o general. E o convidado, com um contentamento particular em que desilusão e uma certa malícia se misturavam com a satisfação do resultado do exame físico — desilusão, por estar o outro em frente dele activo e de boa saúde, e malícia, por conseguir voltar vivo e em força —, pensou de si para si: “Estava à minha espera, por isso é tão forte.”

Naquele momento ambos sentiam que o tempo da espera dera forças à sua vida nas últimas dezenas de anos. Como se alguém durante a vida inteira praticasse um único exercício. Konrád sabia que outra vez tinha de voltar ali e o general sabia que um dia chegaria esse momento. Viviam por essa razão.

Konrád estava pálido, como em criança, e via-se que continuava a viver no quarto e evitava o ar livre. Vestia-se também de preto, usava roupas sérias, mas muito finas. Parece rico, pensou o general. Durante uns minutos olharam-se em silêncio. Depois o criado trouxe vermute e aguardente.

— De onde é que vens? — perguntou o general.

— De Londres.

— Vives lá?

— Nas proximidades. Tenho uma casa pequena, perto de Londres. Quando regresssei dos trópicos, fiquei lá.

— Em que parte dos trópicos estiveste?...

— Singapura. — Levantou as mãos brancas e indicou vagamente um ponto no ar, como se marcasse no espaço imenso o lugar onde tinha vivido no passado. —

Mas só nos últimos tempos. Antes, tinha vivido no interior da península, entre os malaios.

— Dizem — observou o general, erguendo o copo de vermute ao alto, em direcção à luz, a dar as boas-vindas — que os trópicos consomem e envelhecem as pessoas.

— É terrível — respondeu Konrád. — Tiram dez anos da vida de qualquer um.

— Mas pela tua aparência, não se vê. Bem-vindo!

Esvaziaram os copos e sentaram-se.

— É verdade? — perguntou o convidado, sentando-se junto da lareira, na poltrona, debaixo do relógio. O general observava-lhe atentamente os movimentos. Agora que o amigo de outrora ocupara o seu lugar na poltrona — exactamente naquele sítio onde se tinha sentado pela última vez, quarenta e um anos antes, como se obedecesse com uma inércia magnética ao lugar enfeitiçado —, piscava os olhos com alívio.

Sentia-se como o caçador que finalmente avistava a caça na armadilha, naquela armadilha que tinha evitado com cautela até àquele momento. Agora tudo e todos estavam nos seus lugares. — Os trópicos são terríveis — repetiu Konrád. — Gente como nós, não os suporta. Consoem o organismo, queimam os tecidos. Matam algo no homem.

— Foste para lá — perguntou o general com um ar despreocupado e sem ênfase —, para matar algo dentro de ti?

Perguntou aquilo com cortesia, num tom de conversa. E sentou-se também em frente da lareira, na poltrona

antiga que se chamava na família “cadeira florentina”. Fora o seu lugar à noite, antes e depois do jantar, quarenta e um anos antes, quando se tinha sentado na sala de estar, com Krisztina e Konrád, conversando. Agora ambos olhavam para a terceira poltrona, a cadeira vazia, forrada de seda francesa.

— Fui — disse calmamente Konrád.

— E conseguiste?

— Já estou velho — disse ele, olhando para o fogo.

Não respondeu à pergunta. Estavam sentados em silêncio e contemplavam o fogo, quando o criado entrou e anunciou que o jantar estava pronto.

— É assim — disse Konrád depois de acabar a truta. — Ao princípio a gente pensa que se habitua. — Falava sobre os trópicos. — Ainda era jovem quando cheguei, como te recordas. Tinha trinta e dois anos. Fui logo para os pântanos. As pessoas vivem lá em casas com telhados de lata. Não tinha dinheiro. Era a sociedade colonial que pagava tudo. À noite quando estamos deitados, sentimo-nos como se estivéssemos mergulhados numa neblina quente. De manhã, essa neblina é mais densa e ardente. Depois tornamo-nos insensíveis. Toda a gente bebe, os olhos das pessoas estão injectados de sangue. No primeiro ano pensas que vais morrer. No terceiro ano sentes que já não és como antigamente, como se o ritmo da tua vida tivesse mudado. Vives mais depressa, arde qualquer coisa dentro de ti, o teu coração bate duma maneira diferente e, ao mesmo tempo, ficas indiferente. Durante meses, indiferente. Depois chega o momento em que não sabes o que se passa contigo e à tua volta. Às vezes isso acontece só passados cinco anos, mas

outras vezes logo nos primeiros meses. O ataque de fúria. Nesses momentos há muitos que se matam ou se suicidam.

— Os ingleses também? —perguntou o general.

— Mais raramente. Mas também ficam contaminados com essa febre, essa fúria que não tem origem em nenhuma bactéria. Estou absolutamente convencido de que se trata duma doença, cuja causa ainda não é conhecida. Talvez seja a água. Talvez as plantas. Ou talvez as paixões malaias.

Não é possível a gente habituar-se àquelas mulheres. Algumas são lindas. Sorriem e há uma espécie de suavidade na sua pele, nos seus gestos, nos seus sorrisos, nos costumes, na maneira como servem à mesa e na cama... contudo é impossível a gente habituar-se a isso. Os ingleses, sim, eles protegem-se. Levam consigo a Inglaterra na mala. O seu orgulho cortês, o isolamento, a boa educação, os campos de golfe e de ténis, o whisky e o smoking que vestem à noite nas casas de telhados de lata, no meio dos pântanos. Mas nem todos. Essas são apenas lendas. Passados quatro ou cinco anos, a maior parte deles torna-se animalesca, como os outros, os belgas, os franceses, os holandeses. Os trópicos corroem as boas maneiras deles, adquiridas no college, como a lepra corrói a pele do corpo humano. Os trópicos corrompem o verniz de Cambridge e de Oxford. Deves saber que lá, na Inglaterra, todos os ingleses que passaram um período mais longo nos trópicos, são suspeitos. Respeitam-nos, reconhecem-nos, mas são suspeitos. Tenho a certeza de que nas suas fichas dos registos secretos há uma nota que diz: “Trópicos.” Como se dissesse: “Sífilis.” Ou: “Espionagem.” Toda a gente, que passou um tempo mais longo nos trópicos, é

suspeita, porque apesar de ter jogado golfe e ténis, de ter bebido whisky na alta sociedade de Singapura e de ter aparecido de tempos a tempos nas recepções do governador de smoking ou de uniforme, com medalhas ao peito: é suspeito. Simplesmente porque viveu nos trópicos. Porque passou por esse contágio terrível, ao qual é impossível a gente habituar-se e em que há algo fascinante, como em todos os perigos de vida. Os trópicos são uma doença, É possível a gente curar-se das doenças tropicais, mas dos trópicos nunca.

— Percebo — disse o general. — Ficaste também contagiado?

— Todos ficam contagiados. — O convidado saboreava o Chablis, de cabeça inclinada para trás, em pequenos goles, como um conhecedor.

— Quem bebe só, safa-se mais facilmente. Lá a paixão está escondida na vida, tal como o tornado se esconde atrás dos pântanos, entre as montanhas e florestas. Paixões de todo o género. Por isso, para o inglês insular, toda a gente que vem dos trópicos, é suspeita. Não se pode saber o que há no seu sangue, no seu coração, nos seus nervos. Já não é um europeu simples, de certeza. Não de todo. De nada serve, se assinou revistas europeias, se leu tudo no meio dos pântanos, todas as ideias que tinham sido escritas e pensadas nos últimos anos e séculos. De nada serve, se preservou aquelas maneiras particulares, meticulosamente cuidadosas, que o homem dos trópicos resguarda entre os seus companheiros brancos, como um alcoólico presta atenção aos seus modos numa festa: comporta-se de um modo demasiado rígido para que não seja possível notar a sua paixão, é perfeitamente brando, correcto e bem-educado... Mas no seu íntimo é diferente.

— Porém — disse o general, e ergueu o copo de vinho branco em direcção à luz —, diz-me, o que há lá no íntimo?

E como o outro ficou calado: — Suponho que vieste hoje à noite para me contar.

Estão sentados à mesa comprida, na grande sala de jantar, onde nenhum convidado entrou desde a morte da Krisztina. A sala, onde ninguém almoçou durante dezenas de anos, é como uma sala de um museu, onde se guardam móveis e objectos de uso pessoal, objectos de arte característicos duma época remota. As paredes estão revestidas de madeira, segundo a moda antiga francesa, os móveis são provenientes de Versailles. Estão sentados nos dois extremos da mesa e, entre eles, no centro da superfície coberta de uma toalha de mesa de damasco branco, há um vaso de cristal com orquídeas. A decoração de flores é rodeada de quatro estátuas de porcelana, quatro obras-primas da fábrica de Sèvres, representação artística graciosa do Norte, do Sul, do Oriente e do Ocidente. Em frente do general está o símbolo do Ocidente, em frente de Konrád o do Oriente: um pequeno sarraceno risonho com camelo e palmeira.

Na mesa alinham-se candelabros de porcelana com velas grossas, azuis de igreja. Apenas os quatro cantos da sala estão ainda iluminados com luzes ocultas. As velas ardem com chama alta, a sala está quase na penumbra. Na lareira de mármore cinzenta, o fogo da lenha arde com chama amarela, negra e vermelha. Mas as portas-janelas com persianas ainda não foram completamente fechadas, as cortinas de seda cinzenta continuam meio-corridas diante das janelas. A corrente de ar da noite estival irrompe flutuante na sala pelas frestas das janelas, vê-se a paisagem ao luar através das

cortinas finas e ao longe, as luzes cintilantes da pequena cidade.

No meio da mesa comprida, decorada com flores e iluminada de velas com chama alta, de costas para a lareira, encontra-se mais uma cadeira, coberta de gobelim. Em tempos, aquele era o lugar da Krisztina, da mulher do general. Diante do talher ausente estava a estátua de porcelana que representava o Sul: um leão, um elefante e um homem de cara preta, envolta num turbante, guardam juntos algo num palmo de terra, pacificamente. O mordomo, de sobrecasaca preta, está de vigia ao fundo da sala, imóvel, ao lado da mesa de serviço; com o piscar de olhos dirige os movimentos dos criados que esta noite vestem libré francesa, calções e fraque preto. Esse hábito foi introduzido pela mãe do general e de cada vez que comiam nessa sala — cuja mobília, cada uma das peças, incluindo os pratos, os talheres de ouro, as garrafas de cristal, os copos e o revestimento das paredes, era proveniente da pátria da mulher estrangeira —, ela exigia que os criados se apresentassem e servissem à mesa em vestuário da época. Na sala reina um silêncio tão grande que se ouve o crepitar suave dos troncos ardentes. Falam em voz baixa, porém percebem as palavras um do outro: as paredes quentes, revestidas de madeira antiga, repercutem mesmo as palavras pronunciadas a meia voz, tal como a madeira dos instrumentos musicais reflecte os sons das cordas.

— Não — diz Konrád que entretanto comeu e meditou por algum tempo. — Vim porque estive em Viena.

Come ávido, com movimentos elegantes mas com a voracidade dos velhos. Agora pousa o garfo na borda do prato, inclina-se ligeiramente para a frente e quase que

grita em direcção ao dono da casa, sentado longe dele:  
— Vim porque queria ver-te mais uma vez. Não é natural?

— Nada é mais natural — responde o general com cortesia. — Então, estiveste em Viena. Deve ter sido uma boa experiência para quem como tu, tinha conhecido os trópicos e a paixão. Havia muito tempo que tinhas estado em Viena pela última vez?

Pergunta com delicadeza, não se sente nenhum indício de ironia na sua voz. O convidado olha para ele desconfiado do outro lado da mesa. Os dois velhos estão ali sentados, um pouco perdidos na sala grande, longe um do outro.

— Muito tempo — responde. — Quarenta anos antes. Na altura... diz com voz incerta e fica calado repentinamente, um pouco embaraçado. — Na altura, passei por Viena em viagem, a caminho de Singapura.

— Percebo — diz o general. — E agora, o que encontraste em Viena?

— A mudança — responde Konrád. — Na minha idade e situação, uma pessoa já encontra a mudança por toda a parte. É verdade, estive quarenta e um anos fora do continente europeu. Passei apenas algumas horas em portos franceses, quando viajava de Singapura para Londres. Mas ainda queria ver Viena. E esta casa também.

— Foi por isso que fizeste a viagem? — pergunta o general. — Porque querias ver Viena e esta casa? Ou tinhas algum negócio a tratar no continente?

— Já não tenho nada a tratar — responde. — Tenho setenta e três anos, como tu. Dentro em breve vou morrer. Por isso é que fiz a viagem, por isso é que vim cá também.

— Dizem — replica o general num tom delicado e encorajador —, que nesta idade uma pessoa vive só até ficar cansada da vida. Não sentes também assim?

— Eu já estou cansado — diz o convidado.

profere isso sem ênfase, com indiferença.

— Viena — diz. — Sabes, isso era para mim sempre um diapasão no mundo. Pronunciar esta palavra — Viena —, era como fazer soar um diapasão e depois observar a outra pessoa, com quem estava a falar, para ver o que ela ouvia desse som. Era assim que punha as pessoas à prova.

Quem não sabia responder, não me dizia nada. Porque Viena não era apenas uma cidade, mas uma voz que uma pessoa ouve no fundo da sua alma para sempre ou nunca. Era a coisa mais bela da minha vida. Eu era pobre mas não estava sozinho, porque tinha um amigo. E Viena também era como um amigo. Ouvia sempre a sua voz nos trópicos quando chovia. E noutras ocasiões também. O cheiro a bolor do portão da casa de Hietzing, às vezes, vinha à minha memória mesmo na selva. Em Viena a música e tudo aquilo de que eu gostava, viviam intensamente nas pedras, no olhar e no comportamento das pessoas, como as paixões purificadas no coração humano. Sabes, quando as paixões já não fazem sofrer. Viena no Inverno e na Primavera. Os passeios de Schönbrunn. A luz azul no dormitório do colégio, a grande escadaria branca com a estátua barroca. Andar a

cavalo pelas manhãs, no Prater. Os cavalos brancos da escola espanhola. Lembrava-me intensamente de tudo isso e queria ver mais uma vez — diz em voz baixa, quase envergonhado.

— E que é que encontraste passados quarenta e um anos? — pergunta o general mais uma vez.

— Uma cidade — responde Konrád, e encolhe os ombros. — A mudança.

— Aqui — diz o general — pelo menos, não vais sofrer uma decepção. As mudanças são poucas.

— Não tens viajado nos últimos anos?

— Pouco. — O general olha para a chama da vela. — Apenas por motivos de serviço. Durante algum tempo estava a pensar em deixar o serviço, como tu tinhas também feito. Houve um momento em que pensei fazê-lo. E viajar pelo mundo fora, observar as coisas, procurar, encontrar algo ou alguém. — Evitam olhar-se: o convidado fita o copo de cristal de líquido amarelo, o general olha para a chama ardente de uma vela. — Mas afinal, fiquei. Sabes como é, o serviço. Uma pessoa torna-se rígida, teimosa. Tinha prometido ao meu pai que ia terminar o tempo de serviço. Por isso é que fiquei. É verdade, reformei-me cedo. Tinha cinquenta anos, quando fui encarregado do comando do corpo de exército.

Sentia que era demasiado jovem para isso. Pedi a minha demissão. Compreenderam e aceitaram-na.

— Além disso — diz, e faz sinal ao criado para servir vinho tinto —, seguia-se um período em que o serviço já não dava prazer. O período da mudança.

— Sim — responde o convidado. — Ouvi falar disso.

— Só ouviste falar? Nós vivemos isso — diz o general num tom severo.

— Talvez não ouvisse apenas — responde agora o outro. — Dezassete, sim. Foi então que voltei para os trópicos pela segunda vez. Trabalhava nos pântanos com coolies chineses e malaios. Os chineses são os melhores. Tudo o que ganham, jogam às cartas, mas são os melhores. Vivíamos no interior, no meio dos pântanos e da selva. Não havia telefone. Nem rádio. A guerra devastava o mundo. Na altura eu já tinha nacionalidade inglesa, mas perceberam que não podia ir lutar contra a minha pátria. Eles percebem essas coisas. Por isso podia voltar para os trópicos. Lá não sabíamos nada e os coolies eram os últimos a saber alguma coisa. Mas um dia, nos pântanos, sem jornais e sem rádio, há semanas longe de tudo o que era notícia do mundo, suspenderam o trabalho. Ao meio-dia. Sem qualquer razão. Não mudou nada à volta deles, as condições do trabalho, o sistema disciplinar, os mantimentos, tudo era como antigamente. Não era bom, nem mau. Como podia ser. Como devia ser em lugares como este. E um dia, em dezassete, ao meio-dia, disseram que não trabalhavam mais. Vieram do fundo da floresta, quatro mil coolies, cheios de lama até a cintura, de tronco nu, depuseram as ferramentas, os machados, as enxadas e disseram que bastava. Reivindicaram coisas de todo o género. Exigiam que o direito do processo disciplinar fosse retirado aos proprietários. Queriam aumento salarial. Intervalos mais longos durante as horas de trabalho. Ninguém percebia o que se passava com eles. Quatro mil coolies, diante dos meus olhos, transformaram-se em quatro mil diabos amarelos e castanhos. À tarde montei a cavalo e fui a

Singapura. Lá recebi a notícia. Fui um dos primeiros que o veio a saber na península.

— O que vieste a saber na península? — pergunta o general e inclina-se para à frente.

— Soube que na Rússia tinha rebentado a revolução. Uma pessoa de quem se sabia apenas na altura que se chamava Lenine, tinha voltado para o seu país num vagão, selado a chumbo, levando o bolchevismo na bagagem. Em Londres soube-se também a notícia no mesmo dia em que os meus coolies a souberam, sem telefone e sem rádio, na selva, no meio dos pântanos. Era incompreensível. Mas mais tarde percebi. Tudo o que é importante para uma pessoa, sabe-o sem aparelhos ou telefone.

— Achas? — pergunta o general.

— Sei — responde calmamente. — Quando é que a Krisztina morreu?

— pergunta inesperadamente.

— Como é que sabes que a Krisztina morreu? — pergunta o general sem ênfase. — Vivias nos trópicos, durante quarenta e um anos não puseste os pés no continente. Sentiste-o, como os coolies pressentiram a revolução?

— Se senti? — replica o convidado. — Talvez. Mas ela não está sentada aqui entre nós. Onde é que pode estar? Só no túmulo, — Sim — diz o general. — Está enterrada no jardim, perto da estufa. Como ela desejava.

— Há muito tempo que morreu?

— Oito anos depois de te teres ido embora.

— Oito anos depois — diz o convidado e os seus lábios pálidos, com a dentadura postiça branca, movem-se em silêncio, como se mastigasse ou calculasse algo. — com vinte e oito anos de idade. — Volta a calcular, a meia-voz. — Se estivesse viva, hoje teria sessenta e um anos.

— Sim. Seria uma mulher velha, como nós somos homens velhos.

— Que é que ela tinha?

— Disseram que morreu de anemia perniciosa. Uma doença bastante rara.

— Não é assim tão rara — responde Konrád com perícia. — Nos trópicos é frequente. As condições da vida dum pessoa mudam e a composição do sangue reage a essas alterações.

— É possível — diz o general. — É possível que seja bastante frequente na Europa também, se as condições da vida dum pessoa mudam. Não percebo nada disso.

— Também não percebo muito. Mas nos trópicos há sempre qualquer problema com o corpo. A pouco e pouco, tornamo-nos curandeiros. Os malaios também praticam curandice constantemente. Portanto, ela morreu em mil novecentos e oito — diz finalmente, sem ênfase, como quem até agora fazia contas e calculava o resultado final.

— Nessa altura ainda estavas ao serviço?

— Sim. Estive em serviço durante toda a guerra.

— Como é que foi?

— A guerra? — o general olha para o convidado fixamente e com olhos de míope. — Foi terrível, como os trópicos. Sobretudo o último Inverno, no Norte. Aqui, também na Europa, a vida é rocambolesca — diz o general, e sorri.

— Rocambolesca?... Sim, é possível. — O convidado acena com a cabeça afirmativamente. — Podes calcular, às vezes sofria só de pensar que não estava no meu país quando vocês travavam as batalhas. Pensava mesmo em voltar para casa e me apresentar no regimento.

— Isso — diz o general sem ênfase, com cortesia, mas firmemente pensaram também outras pessoas, no regimento. Mas acabaste por não vir. Provavelmente tiveste outra coisa a fazer — diz num tom encorajador.

— Era cidadão inglês — repete Konrád embaraçado. — Uma pessoa não pode mudar a sua pátria em cada década.

— Não — diz o general concordando. — Penso que uma pessoa não pode mudar a sua pátria de modo nenhum. Só pode mudar os documentos. Não pensaste assim?

— A minha pátria — responde o convidado — deixou de existir, desintegrou-se. A minha pátria era a Polónia e Viena, esta casa e o quartel na cidade, Galícia e Chopin. O que ficou de tudo isso? Aquilo que uniu as partes, aquele elemento misterioso de ligação já não faz efeito. Tudo se desagregou, caiu em pedaços. A minha pátria era um sentimento.

Esse sentimento foi ofendido. Nesse caso, uma pessoa vai-se embora. Para os trópicos, ou para mais longe.

— Mais longe, onde? — pergunta o general friamente.

— No tempo.

— Este vinho — diz o general, e ergue o copo de vinho tinto quase negro — é de uma colheita de que provavelmente te lembras. A sua vindima foi em oitenta e seis, no ano em que prestámos juramento. O meu pai encheu uma ala da cave com esse vinho, à memória desse dia. Já lá vão muitos anos, quase uma vida inteira. É um vinho velho já.

— Aquilo a que prestámos juramento, já não existe — diz o convidado muito severamente, e também levanta o copo. — Todos morreram, partiram, renunciaram a tudo a que tínhamos jurado lealdade. Existiu um mundo pelo qual valeu a pena viver e morrer. Esse mundo morreu. E não tenho nada a ver com o novo. É tudo o que posso dizer.

— Para mim, esse mundo vive, mesmo que na realidade tivesse deixado de existir. Vive, porque jurei lealdade. É tudo o que posso dizer.

— Sim, tu ficaste soldado — responde o convidado.

Levantam os copos em direcção um do outro, e depois bebem o vinho tinto em silêncio.

— Quando te foste embora — diz o general amigavelmente, como se tivessem tratado do assunto mais importante e delicado, e agora se dedicassem só à conversa —, durante muito tempo pensámos que ainda voltavas. Todos aqui estavam à tua espera. Todos eram teus amigos. Perdoa-me, mas eras um pouco extravagante. Não te levámos a mal, porque sabíamos que a música era mais importante para ti. Não

percebíamos por que motivo te tinhas ido embora, mas conformámo-nos porque sabíamos que devias ter uma razão forte para isso. Sabíamos que suportavas tudo mais dificilmente do que nós, verdadeiros soldados. Aquilo que para ti era uma posição, para nós era vocação. Aquilo que para ti era uma máscara, para nós era destino. Não nos admirámos quando deitaste fora essa máscara. Mas pensámos que um dia regressavas. Ou escrevias. Muitos sentiam dessa maneira, confesso que eu e a Krisztina também. E algumas pessoas no regimento, se ainda te recordas?

— Só me recordo vagamente — diz o convidado com indiferença.

— Sim, deveras ter tido muitas experiências. Vivias no mundo. Nessas condições uma pessoa tem curta memória.

— Não — diz. — O mundo não é nada. Aquilo que é importante, não esqueces nunca. Vim a saber isso apenas mais tarde quando comecei a envelhecer. Mas as coisas de pouca importância não existem, uma pessoa deita-as fora como os sonhos. Não me lembro do regimento — diz teimosamente.

— Há algum tempo que só me lembro das coisas importantes.

— Por exemplo, de Viena e desta casa? Referias-te a isso?...

— De Viena e desta casa — repete o convidado mecanicamente. Sob as pestanas semicerradas, com olhos a piscar, fita o chão. — A memória filtra tudo duma maneira maravilhosa. Grandes acontecimentos, passados dez ou vinte anos, descobre-se que não alteraram nada

dentro de ti. Depois um dia lembras-te duma caçada, duma passagem dum livro ou deste quarto. Pela última vez, quando jantámos aqui, éramos três. A Krisztina ainda estava viva. Sentava-se aqui, no centro. Na altura, a mesa estava posta com este serviço.

— Sim — diz o general. — Diante de ti estava o Oriente, diante da Krisztina o Sul. E diante de mim o Ocidente.

— Lembras-te dos pormenores também? — pergunta o convidado espantado.

— Lembro-me de tudo.

— Sim, os pormenores, às vezes, são muito importantes. Dum certo modo ligam todo o conjunto, colam a matéria base das recordações. Às vezes pensei nisso também, nos trópicos, quando chovia. Aquela chuva — diz, como se começasse a falar sobre outro assunto. — Chove durante meses. Bate nos telhados de lata das casas, como uma metralhadora. Os pântanos exalam vapor, a chuva é quente. Tudo está húmido, a roupa de cama, a roupa interior, os livros, o tabaco na caixa de lata, o pão. Tudo está pegajoso, viscoso. Estás sentado em casa, os malaios cantam. A mulher que acolheste em tua casa, está sentada, imóvel, no canto do quarto, e olha para ti. São capazes de permanecer sentadas durante horas assim, imóveis, a olhar. A princípio não prestas atenção. Depois ficas nervoso e manda-la sair do quarto. Mas não ajuda nada: sabes que então está sentada noutra lugar, num outro quarto da casa e continua a olhar através das paredes. Têm grandes olhos castanhos, como os cães tibetanos, essas bestas silenciosas, os mais traiçoeiros animais do mundo. Olham com aqueles olhos luminosos, tranquilos, e onde

quer que vás, sentes esse olhar, como se alguém te perseguisse com um raio malfazejo. Se lhe gritas, ela sorri. Se lhe bates, ela olha e sorri. Se a mandas embora, ela senta-se no limiar da casa e olha para ti. Nesse caso, é preciso chamá-la. Dão à luz crianças uma após outra, mas ninguém fala disso, e elas o menos possível. Como se tivesses em casa um animal, uma assassina, uma sacerdotisa, uma feiticeira e uma louca na mesma pessoa. Depois cansas-te, porque esse olhar é tão forte que esgota até o mais resistente. É forte como o contacto físico. Como se alguém te acariciasse constantemente. Uma pessoa fica doida com aquilo. Depois também aquilo se torna indiferente. Chove. Estás sentado no teu quarto, bebes aguardente, muita aguardente, e fumas tabaco doce. Às vezes chega alguém, fala pouco e também bebe aguardente e fuma tabaco doce. Queres ler, mas a chuva, de certa maneira, cai no livro; não literalmente, mas de algum modo, realmente, porque não consegues dar sentido às palavras, escutas a queda da chuva. Queres tocar piano, mas a chuva senta-se ao teu lado e toca contigo. Depois vem a época seca, essa luminosidade fumegante. Envelhece-se rapidamente.

— A Fantaisie polonaise — pergunta o general com cortesia —, tocaste-a às vezes nos trópicos?

Comem carne mal passada atentamente e com grande apetite, mastigando com a voracidade e a concentração dos velhos, para os quais comer não significa apenas alimentar-se, mas um acto solene e ancestral. Comem e mastigam com muita atenção, como quem reúne forças. É preciso ter forças para agir e a força também se encontra na comida, na carne mal passada e no vinho quase negro. Comem, mastigando com algum ruído, com uma devoção piedosa e séria, como quando já não há

tempo para comer com elegância, porque é mais importante mastigar meticulosamente todas as fibras da carne, sugar a força vital da sua matéria de que precisam. Comem com gestos subtis e, ao mesmo tempo, como os velhos da tribo na cerimónia ritual: com um ar sério e fatal.

No canto do quarto, o mordomo segue, com um olhar apreensivo, os movimentos do criado que balança uma travessa grande com uma mão, enfiada em luva branca. No centro da travessa flameja o gelado de chocolate, com labaredas azuis e amarelas.

Os criados deitam champanhe nos copos do convidado e do dono da casa. Os dois velhos, com o olfacto de peritos, avaliam o néctar de cor amarela clara que provém duma garrafa grande, como o corpo duma criança.

O general prova um pouco do champanhe, e depois afasta o copo. Faz sinal para lhe servirem mais vinho tinto. O convidado observa essa operação, piscando os olhos. Comeram e beberam muito e agora estão corados.

— Nos tempos do meu avô — diz o general, olhando para o vinho havia uma pinta do vinho de mesa em frente de cada convidado. Era a porção do convidado. Uma pinta, litro e meio. Vinho de mesa. O meu pai contou que havia também vinho de mesa em garrafas de cristal em frente dos convidados do rei. Uma garrafa para cada um. Por isso é que se chamava vinho de mesa, porque estava em frente de cada um, que podia beber tanto quanto quisesse. Os vinhos de qualidade eram servidos à parte. Essa era a regra das bebidas que vigorava na corte do rei.

— Sim — diz Konrád, corado da digestão. — Na altura tudo tinha regras — diz com indiferença.

— Estava sentado aqui — diz o general sem ênfase, e com o piscar de olhos indica o lugar do rei no centro da mesa. — A minha mãe sentava-se à sua direita e o pároco à sua esquerda. Estava sentado aqui, nesta sala, no lugar de honra. Dormia lá em cima, no primeiro andar, no quarto amarelo. Depois do jantar, dançou com a minha mãe — diz calmamente, como um velho, com um ar quase infantil, como quem recorda. — Vês, já não é possível falar com outra pessoa sobre isso. Por isso é bom também que tenhas voltado outra vez — diz com muita seriedade. — Tocaste a Fantaisie polonaise com a minha mãe. Não a tocaste mais tarde, nos trópicos? — pergunta de novo, como se finalmente se tivesse lembrado do mais importante.

O convidado reflecte.

— Não — diz. — Nunca toquei Chopin nos trópicos. Sabes, essa música mexe muitas coisas em mim. Nos trópicos, uma pessoa é mais sensível.

Agora que já comeram e beberam, a rigidez e a solenidade da primeira meia hora afrouxou entre eles. O sangue circula mais quente nas suas veias calcificadas, que intumescem nas testas e nas têmporas. Os criados trazem frutas de estufa. Comem uvas e nêspersas. A sala aqueceu, a brisa nocturna de Verão levanta as cortinas de seda cinzenta diante das janelas entreabertas.

— O café — diz o general —, vamos bebê-lo no outro lado.

Nesse momento uma rajada de vento abre as janelas de par em par. As cortinas pesadas, de seda cinzenta,

começam a esvoaçar, o lustre de cristal maciço também oscila, como nos navios grandes quando a tempestade irrompe. O céu ilumina-se por um instante, um clarão sulfurino rasga a noite, como um espadão de ouro que se abate sobre o corpo da vítima. A tempestade invadiu o quarto e apagou algumas chamas trémulas de velas; depois, de repente, tudo se torna escuro. O mordomo corre para as janelas e com a ajuda de dois criados, tacteando no escuro, fecha os batentes. Agora é que reparam que a cidade também ficou às escuras.

O raio do relâmpago danificou a central eléctrica da cidade. Estão sentados no escuro, em silêncio, apenas o fogo da lareira e duas velas solitárias que ficaram acesas, iluminam o ambiente. Depois os lacaios trazem novos candelabros.

— No outro lado — repete o general, como quem não se importa, nem com o relâmpago, nem com o escuro.

Um lacaios, com velas acesas erguidas ao alto, ilumina o caminho diante deles. Atravessam a sala de jantar em silêncio na luz espectral, vacilando e cambaleando um pouco, como as suas próprias sombras na parede, passam através dos salões frios para uma sala, cuja única mobília é um piano de cauda com a tampa levantada e três poltronas em torno dum fogão de porcelana barrigudo e quente, com o fogo aceso. Sentam-se ali e olham para a paisagem mergulhada no escuro, através da janela coberta dum cortina branca que se estende até ao chão. O lacaios coloca café, charutos e aguardente em cima dum mesa pequena, ao alcance das suas mãos e põe um candelabro de prata, carregado de velas de igreja grossas, como os braços dum criança, na borda do fogão. Agora acendem ambos um charuto. Estão sentados em silêncio, aquecendo-se.

Do fogão irradia o calor das lenhas ardentes uniformemente, a luz das velas tremula por cima das suas cabeças. A porta foi fechada atrás deles. Ficaram sós.

— Já não nos resta muito da vida — diz o general repentinamente, como se tirasse a conclusão final duma discussão silenciosa. — Um ano ou dois, talvez menos. Não nos resta muito da vida, porque regressaste. Tu também sabes bem isso. Tinhas tempo para pensar nisso nos trópicos, e mais tarde em tua casa, perto de Londres. Quarenta e um anos é muito tempo. Reflectiste bem sobre isso, não é verdade?... Mas depois voltaste, porque não podias fazer de outra maneira. E eu estava à tua espera, porque não podia fazer de outra maneira. Ambos sabíamos que nos íamos encontrar mais uma vez e que depois tudo terminaria. A vida é naturalmente tudo que dava sentido às nossas vidas e mantinha a tensão até esse momento. Porque nos segredos que existem entre ti e mim, há uma força singular. Queima o tecido da vida como uma radiação maligna, mas, ao mesmo tempo, também dá calor à vida e mantém a tensão. Obriga-te a viver... Uma pessoa vive enquanto tem coisas para fazer nesta terra. Vou dizer-te quais eram as minhas experiências sozinho na floresta, durante os quarenta e um anos que passaram, enquanto que tu andavas nos trópicos e pelo mundo fora. A solidão também é uma coisa bastante curiosa... às vezes é como uma selva, cheia de perigos e de surpresas. Conheço todas as suas variantes. O tédio que queres afastar em vão, com um modo de vida construído artificialmente. Depois as crises súbitas. A solidão também é tão misteriosa, como a selva — repete teimoso. — Uma pessoa vive, segundo uma ordem rigorosa, até que um dia perde a cabeça e se descontrola, como os teus malaios. Tem uma casa com quartos à sua volta, título e posição, e um modo de viver

regulado até à loucura. E um dia sai a correr de tudo isso, com arma na mão ou sem arma... que é quase mais perigoso. Sai a correr para o mundo, com aquele olhar fixo nos olhos; os companheiros e os velhos amigos afastam-se do seu caminho. Vai às grandes cidades, compra mulheres, tudo estoira em seu redor, procura e encontra luta por toda a parte. E digo-te, isso ainda não é o pior. Talvez fosse abatido durante a sua corrida, como um cão sarnento, raivoso. Talvez esbarre contra a parede, choque com os mil obstáculos que a vida apresenta, e se despedace. Mas é pior quando uma pessoa reprime essas emoções que foram acumuladas na alma pela solidão. Não corre para lado nenhum. Não mata ninguém. Que é que faz? Vive, espera, mantém a ordem. Vive, como os monges, segundo um regulamento pagão, laico... mas para o monge é fácil, porque tem fé. Essa pessoa que entregou a sua alma e o seu destino à solidão, não tem fé. Apenas espera. Espera aquele dia ou hora em que possa discutir mais uma vez, com a pessoa ou as pessoas que o levaram àquela situação, tudo o que o obrigou a aceitar a solidão. Prepara-se para tal momento durante dez ou quarenta anos, mais precisamente, durante quarenta e um anos, como se prepara para um duelo. Arruma tudo na sua vida, para depois não dever nada a ninguém, caso seja morto no duelo. E pratica todos os dias, como fazem os esgrimistas profissionais. com que é que pratica? com as suas recordações, para que a solidão e o fascínio do tempo não apazigue nada na sua alma e no seu coração. Porque existe um duelo na vida, sem espadas, para o qual vale a pena preparar-se bem. E esse é o mais perigoso. Mas um dia chega o momento. Tu também pensas assim? — pergunta delicadamente.

— Exactamente — diz o convidado. E olha para a cinza do charuto.

— Estou contente por tu também pensares assim — diz o general. É esta esperança que me mantém vivo. Naturalmente, também tem um limite, como tudo na vida. Se não soubesse que um dia voltavas, provavelmente era eu que, ontem ou vinte anos atrás, teria ido à tua procura, perto de Londres, na tua casa ou nos trópicos, entre os malaios, ou no fundo do inferno. Porque te teria procurado, sabes isso bem. Parece que uma pessoa sabe as coisas decisivas, verdadeiras. Tens razão, porque se sabe isso mesmo sem telefone e rádio. Na minha casa não há telefone, só lá em baixo, no escritório do feitor, e não tenho rádio porque proibi que deixassem entrar o ruído imundo e grosseiro do mundo nas salas onde vivo. O mundo já não pode fazer nada contra mim. Novas ordens do mundo podem aniquilar o modo de vida em que nasci e vivi, forças tumultuosas e agressivas podem matar-me e tirar-me a liberdade e a vida. Tudo isso é indiferente. O importante é que eu não faço acordos com o mundo que conheci e exclui da minha vida. No entanto, mesmo sem os meios modernos sabia que estavas vivo e um dia voltarias a mim. Não apressei a chegada desse momento. Queria esperá-lo, como uma pessoa espera a ordem e o tempo de cada coisa. Agora está aqui.

— Que queres dizer com isso? — pergunta Konrád. — Fui-me embora e tinha direito a isso. Talvez tivesse razão também. É verdade, fui-me embora inesperadamente, sem dizer adeus. Sabias e sentias certamente que não podia fazer outra coisa, tinha que ser assim.

— Não podias fazer outra coisa? — pergunta o general, erguendo a cabeça. Fita o convidado assim, com um olhar penetrante, como se fosse um objecto. — É isso mesmo de que se trata. Estou a reflectir sobre isso, há algum tempo. Se bem calculo, há quarenta e um anos.

E como o outro fica calado: — Agora que estou velho, penso muito na minha infância. Dizem que esse processo é natural. Uma pessoa recorda-se do início mais intensa e precisamente quando o fim se aproxima. Vejo rostos e ouço vozes. Vejo o momento em que te apresento ao meu pai no jardim do colégio. Na altura, ele aceitou-te como amigo, porque eras o meu amigo. Não concedia a sua amizade a qualquer um. Mas podia-se contar com o que ele disse até a morte. Lembras-te desse momento?... Estávamos debaixo dos castanheiros, em frente da escadaria grande e o meu pai apertou a tua mão. “Tu és o amigo do meu filho” — disse.

— “Estimem essa amizade” — disse ainda gravemente. Penso que nada foi tão importante para ele, como essa palavra. Estás a ouvir?... Obrigado. Então vou contar. Vou tentar dizer-te tudo por ordem. Não te preocupes, a carruagem está à tua espera, em qualquer momento leva-te de volta à cidade, se te quiseres ir embora. Não te preocupes, não tens de passar a noite aqui, se não queres. Queria dizer, talvez não seja agradável para ti dormir aqui. Mas se preferires, também podes passar a noite aqui — diz com indiferença, sem ênfase. E quando o outro faz um sinal de recusa: — Como quiseres. A carruagem espera. Vai levar-te de volta à cidade e de manhã podes partir para casa, perto de Londres ou para os trópicos, para onde quiseres. Mas primeiro, ouve-me.

— Vou ouvir-te — diz o convidado.

— Obrigado — responde o general mais animado. — Podíamos falar também sobre outra coisa. Dois velhos amigos, quando o sol já se pôs sobre eles, têm muitas recordações. Mas agora que estás aqui, só falaremos da verdade. Comecei a dizer que o meu pai te aceitara como seu amigo. Sabes bem o que significava isso para

ele, sabias bem que alguém a quem estendia a mão, podia contar com ele até à morte, na desgraça, na miséria, em todos os infortúnios e desventuras da vida. É verdade, eram poucas as vezes em que dava a mão. Mas, quando o fazia, era para sempre. Foi desse modo que apertou a tua mão, no pátio do colégio, debaixo dos castanheiros. Na altura, tínhamos doze anos. Esse foi o último momento da nossa infância. As vezes, à noite, vejo nitidamente esse momento, como todas as outras coisas que eram importantes na vida. Para o meu pai, a palavra “amizade” significava exactamente o mesmo que honra. Sabias bem isso, porque o conhecias. E deixa-me dizer-te que, para mim, talvez significasse ainda mais. Perdoa-me se aquilo que vou dizer for talvez incómodo para ti — diz tranquilamente, quase afectuoso.

— Não é incómodo — responde Konrád no mesmo tom calmo. — Diz.

— Era bom saber — continua, como se discutisse consigo próprio —, se existe amizade realmente? Não me refiro àquele prazer ocasional que faz com que duas pessoas fiquem contentes porque se encontraram, porque num determinado período das suas vidas pensavam da mesma maneira sobre certas questões, porque os seus gostos são semelhantes e os seus passatempos iguais. Nada disso é amizade. Às vezes, chego a pensar que essa é a relação mais forte na vida... talvez por isso seja tão rara. E o que há no seu fundo? Simpatia? É uma palavra imprópria, sem sentido, o seu conteúdo não pode ser suficientemente forte para que duas pessoas intervenham em defesa um do outro nas situações mais críticas da vida... apenas por simpatia? Talvez seja outra coisa?... Talvez exista uma pitada de Eros no fundo de todas as relações humanas? Aqui, na solidão e na floresta, enquanto tentava perceber todas as

questões da vida, visto que não tinha outra coisa para fazer, por vezes pensei nisso. Naturalmente, a amizade não tem nada a ver com a inclinação doentia de algumas pessoas que procuram uma satisfação disforme com pessoas do mesmo sexo. O Eros da amizade não precisa do corpo... longe disso, incomoda mais do que o excita. Porém, não deixa de ser Eros. Eros está no fundo de todos os afectos, de todas as relações humanas. Sabes, li muito — diz como quem se justifica. — Hoje em dia escreve-se com muito mais liberdade sobre isso. Li e reli Platão também várias vezes, porque na escola ainda não o tinha percebido. A amizade, pensava eu — e tu, que andaste mais pelo mundo fora, certamente sabes mais e melhor que eu, aqui na minha solidão campestre —, é a relação humana mais nobre que pode haver entre os seres vivos humanos. É curioso, os animais conhecem-na também. Existe amizade, altruísmo, solidariedade entre os animais. Um príncipe russo escreveu sobre isso... já não me lembro do nome dele. Há leões e galos bravos, criaturas de todo o género que tentam socorrer os da sua espécie que se vêem em apuros, sim, vi com os meus próprios olhos que, às vezes, ajudam também aos animais de outra espécie. Notaste algo semelhante no estrangeiro?... Lá, certamente, a amizade é diferente, é mais avançada, mais moderna que aqui, no nosso mundo atrasado. Os seres vivos organizam-se para prestar ajuda mútua... às vezes, têm dificuldades em ultrapassar os obstáculos que enfrentam nas suas intervenções de auxílio, mas sempre há criaturas fortes, prontas a ajudar, em todas as comunidades vivas. Encontrei centenas de exemplos disso no mundo animal. Entre pessoas, vi menos exemplos. Para ser mais exacto, não vi nenhum. As simpatias que vi nascer entre pessoas diante dos meus olhos, acabaram sempre por se afogar nos pântanos do egoísmo e da vaidade. A camaradagem, o companheirismo, às vezes, parecem amizade. Os

interesses comuns por vezes criam situações humanas que são semelhantes à amizade. E as pessoas também fogem da solidão, entrando em todo o tipo de intimidades de que, a maior parte das vezes, se arrependem, mas durante algum tempo podem estar convencidas de que essa intimidade é uma espécie de amizade. Naturalmente, nesses casos não se trata de verdadeira amizade. Uma pessoa imagina — e o meu pai entendia as coisas dessa maneira — que a amizade é um serviço. O amigo, assim como o namorado, não espera recompensa pelos seus sentimentos. Não quer contrapartidas, não considera a pessoa que escolheu para ser seu amigo como uma criatura irreal, conhece os seus defeitos e assim o aceita, com todas as suas consequências. Isso seria o ideal. E na verdade, vale a pena viver, ser homem, sem esse ideal? E se um amigo falha, porque não é um verdadeiro amigo, podemos acusá-lo, culpando o seu carácter, a sua fraqueza? Quanto vale aquela amizade, em que só amamos o outro pela sua virtude, fidelidade e perseverança? Quanto vale qualquer afecto que espera recompensa? Não seria nosso dever aceitar o amigo infiel da mesma maneira que o amigo abnegado e fiel? Não seria isso o verdadeiro conteúdo de todas as relações humanas, esse altruísmo que não quer nada e não espera nada, absolutamente nada do outro? E quanto mais dá, menos espera em troca? E se entrega ao outro toda a confiança numa juventude, toda a abnegação da idade viril e finalmente oferece a coisa mais preciosa que um ser humano pode proporcionar a outro ser humano, a sua confiança absoluta, cega e apaixonada, e depois se vê confrontado com o facto de o outro ser infiel e vil, tem direito de se ofender, de exigir vingança? E se se ofende e grita por vingança, era realmente amigo, o traído e abandonado? Vês, dediquei-me a essas questões teóricas quando fiquei sozinho. Naturalmente, a solidão não me deu resposta.

Nem os livros deram resposta perfeita. Nem os livros antigos, os estudos dos pensadores chineses, hebreus e latinos, nem os modernos que falam sem rodeios, mas dizem sobretudo palavras e não a verdade. Mas, afinal, há alguém que, alguma vez, tivesse dito ou escrito a verdade?... Reflectia muito sobre isso também, quando um dia comecei a procurar na minha alma e nos meus livros. O tempo passava e a vida tornava-se cada vez mais opaca em redor de mim. Os livros e as recordações acumulavam-se, adensavam-se. E cada livro continha uma pitada da verdade e cada recordação insinuava que é vão conhecer a verdadeira natureza das relações humanas, porque nenhum conhecimento torna uma pessoa mais sábia. E é por isso que não temos o direito de exigir a verdade e a fidelidade absolutas daquela pessoa que um dia tínhamos aceite como amigo, mesmo que os acontecimentos tivessem demonstrado que esse amigo foi infiel.

— Tens toda a certeza — pergunta o convidado — de que esse amigo foi infiel?

Ficam calados por muito tempo. Parecem os dois pequenos na obscuridade, à luz da chama vacilante da vela; dois velhos encarquilhados que olham um para o outro, que quase se perdem na penumbra.

— Não tenho toda a certeza — diz o general. — Por isso é que estás aqui. Estamos a falar sobre isso.

Recosta-se na poltrona, cruza os dois braços com um movimento tranquilo e controlado. E diz: — Porque existe a verdade baseada nos factos. Aconteceu isto e aquilo. Aconteceu coisa e tal. Nesse ou naquele momento. Não é difícil averiguar isso. Os factos falam por si, como se costuma dizer, a caminho do fim da vida todos os factos

são reveladores e gritam mais alto que os réus submetidos à tortura. Afinal, tudo aconteceu e não podem existir equívocos. Mas, às vezes, os factos são apenas consequências deploráveis. Uma pessoa não peca com aquilo que faz, mas com a intenção, com a qual comete isto ou aquilo. A intenção é tudo. Os grandes sistemas jurídicos religiosos do passado, que consultara, sabem e proclamam isso. Uma pessoa pode cometer infidelidade, um acto infame, sim, até o pior, pode matar e, todavia, manter-se puro por dentro. Um acto ainda não é equivalente à verdade. É sempre apenas uma consequência, e se um dia, uma pessoa desempenha o papel de juiz e quer julgar, não pode contentar-se com os factos do relatório da polícia, tem de averiguar aquilo que os juristas chamam motivo. O facto da tua fuga é fácil de compreender. O motivo é que não. Podes crer que nos últimos quarenta e um anos levantei e examinei todas as possibilidades que pudessem explicar esse teu passo incompreensível. E nenhuma das hipóteses forneceu resposta. Só a verdade é que pode dar resposta — diz.

— Falas de fuga — diz Konrád. — Essa palavra é forte. Afinal de contas, não devia nada a ninguém. Renunciei ao meu cargo, como era devido. Não deixei dívidas sórdidas atrás de mim, não prometi nada a ninguém que não tivesse cumprido. Fuga é uma palavra forte — diz com seriedade, e endireita-se um pouco.

Mas a sua voz trémula revela que a emoção, que nesse momento torna essa voz séria, não é inteiramente sincera.

— É possível que a palavra seja forte — diz o general com um sinal de consentimento. — Mas se olhares de longe aquilo que aconteceu, tens de admitir que é difícil

encontrar uma palavra mais suave, mais branda. Dizes que não devias nada a ninguém. Isso é verdade e não é verdade. Naturalmente, não devias ao teu alfaiate, nem aos usurários da cidade. Também não me devias dinheiro, nem promessas. E todavia, naquele momento, naquele dia de Julho — vês, lembro-me do dia também, era uma quarta-feira —, quando abandonaste a cidade, sabias que deixavas dívidas atrás de ti. À noite fui à tua casa, porque ouvi que tinhas partido. Vim a sabê-lo ao anoitecer, em circunstâncias particulares. Se quiseres, um dia poderíamos falar sobre isso também. Fui a tua casa, onde quem me recebeu, foi a tua ordenança. Pedi-lhe para me deixar sozinho no quarto, onde tinhas vivido nos últimos anos, quando prestavas serviço aqui, na cidade, na nossa vizinhança. — Fica calado. Recosta-se na poltrona, tapa os olhos com a palma da mão, como se olhasse para o passado. Continua numa voz calma, declamativa.

— Naturalmente, a ordenança obedeceu às minhas ordens, também não podia fazer outra coisa. Fiquei sozinho no quarto, onde tinhas vivido. Observei tudo atentamente... perdoa-me por essa curiosidade indiscreta. Mas, por uma razão ou por outra, não acreditei na realidade, não acreditei que aquela pessoa, com quem tinha passado uma boa parte da minha vida, vinte e dois anos exactamente, os anos mais belos da infância, da juventude e depois da idade viril, tivesse fugido. Tentei encontrar justificações, pensei que talvez estivesses gravemente doente, julguei que tivesses enlouquecido, ou fosses perseguido por alguém, talvez tivesses contraído dívidas a jogar às cartas, ou cometido algum acto infame contra o regimento, contra a bandeira, contra a tua palavra e a tua honra. Eram essas as minhas esperanças. Sim, não te admires, na altura, aos meus olhos, tudo isso pareceu um pecado menor do

que aquilo que tinhas feito. Tinha aceite tudo como desculpa e explicação, mesmo a infidelidade cometida contra os ideais do mundo. Mas havia uma coisa que não conseguia explicar: que tivesses pecado contra mim. Não compreendia isso. Não havia desculpa para isso. Foste-te embora como um defraudador, como um ladrão, partiste de tal maneira que algumas horas antes ainda tinhas estado connosco, com a Krisztina e comigo aqui, no palácio, onde passávamos as horas do dia e, às vezes, da noite, durante anos e anos, numa confiança e intimidade fraternas em que só os gémeos vivem, esses seres estranhos que, por um capricho da natureza, foram ligados um ao outro para a vida e para a morte. Os gémeos, sabes, que, apesar de separados por grandes distâncias, mesmo na idade adulta, sabem tudo um do outro. Uma lei biológica singular manda que adoeçam ao mesmo tempo, sofram de doenças idênticas, mesmo que um deles viva em Londres e o outro longe, algures, num país estrangeiro. Não se escrevem, não se falam, habitam, vivem e alimentam-se em condições de vida diferentes, estão separados por milhares e milhares de quilómetros. E contudo, com trinta ou quarenta anos de idade, na mesma hora, com condições iguais de recuperarem ou de morrerem, apanham a mesma doença, por exemplo o ataque de fígado ou a apendicite. Os dois corpos fazem parte de uma unidade orgânica, como foi no útero materno... E amam e odeiam a mesma pessoa. Isso existe na natureza. Não é frequente... mas talvez nem seja tão raro, como as pessoas geralmente julgam. E às vezes cheguei a pensar que a amizade talvez seja uma ligação semelhante à união fatal dos gémeos. Uma identidade singular da inclinação, da simpatia, do gosto, da cultura e da paixão une duas pessoas ao mesmo destino. Faça o que fizer um deles contra o outro, os seus destinos são comuns. É inútil que um deles fuja do outro, porque sabem tudo, que é

essencial, um do outro. E é inútil que um deles escolha um novo amigo ou uma nova amante, sem a permissão secreta, tácita do outro, não é capaz de se libertar dessa comunhão. O destino dessas pessoas cumpre-se paralelamente, mesmo que vá um deles para longe do outro, bem longe, por exemplo, para os trópicos. Pensei nisso, distraído, enquanto estive no teu quarto, no dia em que fugiste. Vejo nitidamente esse momento, a iluminação do quarto, até sinto o cheiro pesado do tabaco inglês, vejo a mobília, a otomana com o grande tapete oriental, os quadros de cavalos na parede. Lembro-me ainda duma poltrona de pele, cor de vinho, habitual numa sala de fumo. A otomana era grande, via-se que mandaste fazê-la de propósito; na nossa região não se vendia mobília desse género. Não era propriamente uma otomana, era antes uma cama francesa ampla, para duas pessoas.

Olha para o fumo.

— A janela dava para o jardim. Lembro-me bem?... Foi a primeira e a última vez que estive nesse lugar. Nunca quiseste que te visitasse. Mencionaste casualmente que tinhas alugado uma casa nos arredores da cidade, numa zona despovoada, uma casa com jardim. Tinhas alugado essa casa três anos antes da tua fuga — perdoa-me, vejo que não te agrada ouvir essa palavra.

— Continua — diz o convidado. — As palavras não têm importância. Continua, já que começaste.

— Achas? — pergunta o general num tom manso, como quem se orienta. — As palavras não têm importância? Não me atrevia a afirmar isso com tanta certeza. As vezes penso que as palavras, que uma pessoa pronuncia, ou oculta, ou simplesmente escreve no momento preciso,

têm uma grande importância, talvez decisiva... Sim, acredito nisso — diz agora com determinação. — Nunca me convidaste para essa casa e eu não podia visitar-te sem ser convidado. Para dizer a verdade, pensava que tinhas vergonha dessa casa, cuja mobília tinhas comprado tu, perante mim, que era um homem rico... Talvez considerasses modesta a mobília... Eras uma pessoa muito orgulhosa — diz com firmeza. — A única coisa que nos separava na nossa juventude, era o dinheiro. Eras uma pessoa orgulhosa e não eras capaz de me perdoar a minha riqueza. Mais tarde, com o passar do tempo, pensava também que talvez não fosse possível perdoar a riqueza. O meu património a que estavas ligado como convidado permanente, era totalmente exagerado... Para mim constituía um facto desde o nascimento, e às vezes também tinha a sensação que não era possível perdoá-lo. E tu sempre estavas meticulosamente atento a fazeres sentir a diferença entre nós, relativamente ao dinheiro. Os pobres, sobretudo os pobres de origem nobre, não perdoam — diz com uma satisfação singular na sua voz. — Por isso pensei que talvez escondesses a casa de mim, talvez tivesses vergonha da mobília modesta. Essa hipótese é absurda, reconheço-o agora, mas o teu orgulho era infinito. E depois, um dia encontrei-me na casa que tinhas alugado e mobilado, e que nunca me tinhas mostrado; estava no teu quarto. Ficava admirado e não acreditava nos meus próprios olhos. Essa casa, sabes bem, era uma obra-prima. Não era grande, um quarto amplo no rés-do-chão, dois mais pequenos no andar de cima, mas o jardim, os quartos, a mobília, tudo isso revelava que só podia ter saído da mão dum artista. Nessa altura percebi que eras realmente um artista. E também percebi como devias sentir-te estranho entre nós, entre pessoas de outra espécie. E como eram culpados aqueles que por afecto e por ambição te tinham

destinado a ser soldado. Não, tu não eras soldado — e compreendi aquela solidão profunda em que tinhas vivido entre nós. Mas essa casa era o teu refúgio, semelhante àquilo que tinha sido o castelo ou o convento para os solitários da Idade Média. E como um pirata faz com os bens roubados, assim acumulaste ali tudo o que era bonito e nobre: cortinas e tapetes, bronzes e pratas antigas, cristais e móveis, tecidos raros... Sei que naqueles anos morreu a tua mãe e também herdaste algo dos parentes polacos da tua família. Uma vez mencionaste que algures, junto da fronteira russa, havia um solar e uma herdade, e que um dia isso seria teu. Bem, a tua casa era esse solar e herdade, transformados em mobília e quadros, os teus três quartos. E o grande piano de cauda no centro da sala de baixo, coberto de uma peça de brocado antigo, e com um vaso de cristal que continha três orquídeas. Nesta região, a minha estufa é a única em que cultivam orquídeas. Percorri os quartos, observei tudo atentamente. Percebi que tinhas vivido entre nós, mas que não eras um de nós. Percebi que tinhas construído em segredo essa obra-prima, a casa, com toda a tua força, com teimosia, escondendo dos olhos do mundo essa residência estranha onde vivias só para ti e para a tua arte. Porque és um artista e talvez pudesses ter criado algo — diz, como quem não suporta contradições. — Percebi tudo isso entre os móveis raros da casa abandonada. E nesse instante entrou a Krisztina.

Cruza os braços no peito e fala com a impassibilidade e a indiferença com que descreveria as circunstâncias dum acidente na esquadra da polícia.

— Eu estava em frente do piano e olhava para as orquídeas — diz depois. — Essa casa era como o disfarce duma pessoa. Ou talvez o uniforme fosse o disfarce para ti? És o único a poder dar resposta a isso, e agora como

já tudo passou, deste a resposta com a tua vida. Afinal, uma pessoa sempre responde com a sua vida inteira às perguntas mais importantes. Não importa o que diz entretanto, com que palavras e argumentos se defende. No fim, no fim de tudo, com os factos da sua vida responde às perguntas que o mundo lhe dirigiu com tanta insistência. Essas perguntas são as seguintes: Quem és tu?... Que querias realmente?... Que sabias realmente?... A que foste fiel ou infiel?... A quê ou a quem mostraste ser corajoso ou covarde?... São essas as perguntas. E uma pessoa responde como pode, duma maneira sincera ou mentindo; mas isso não tem grande importância. O importante é que no fim, uma pessoa responde com toda a sua vida. Tu tiraste o uniforme, porque o sentiste como se fosse um disfarce, isso já sabemos. E eu conservei-o até ao último momento, até que o serviço e o mundo o exigiu de mim; assim eu também respondi. Essa era uma das perguntas. A outra é: qual era a tua relação comigo? Eras meu amigo? Afinal de contas, fugiste. Foste-te embora sem te despedires, ou, apesar de não ter sido inteiramente sem despedida, porque no dia anterior, durante a caça, algo se tinha passado, cujo significado só mais tarde percebi; e isso já tinha sido a tua despedida. Uma pessoa não sabe muitas vezes que palavras suas ou actos seus anunciam fatalmente, irrevogavelmente uma certa mudança nas relações humanas. E porque é que fui à tua casa naquele dia? Não me chamaste, não te despediste, não me mandaste recado. Que é que procurei na casa, para onde nunca ' ' me tinhas convidado, mesmo nesse dia em que te foste embora daqui para sempre? Que notícia me empurrou, para que tomasse uma carruagem, fosse depressa à cidade e te procurasse em tua casa que, na altura, já estava vazia?... Que é que tinha vindo a saber no dia anterior, durante a caça? Não houve qualquer indício de que suspeitasse?... Não tinha recebido uma

notícia confidencial, um aviso, uma comunicação de que te preparavas para fugir?... Não, todos ficaram calados, I mesmo a Nini — lembras-te da velha ama? Ela sabia tudo sobre nós. Ainda está viva? Sim, vive à sua maneira. Vive, como essa árvore em frente da janela que foi plantada pelo meu bisavô. Tem o seu tempo, como todos os seres vivos o têm, o tempo que lhe é destinado para viver. Ela sabia. Mas nem ela me disse. Eu estava completamente só nesses dias. E, apesar disso, sabia que era esse o momento em que tudo se tornou maduro, tudo viria à luz, tudo e todos vinham ocupar os seus lugares, tu, eu e todos. Sim, soube isso durante a caçada — diz num tom evocativo, como se respondesse a si próprio a uma pergunta muito debatida. E fica calado.

— Que é que soubeste durante a caçada? — pergunta Konrád.

— Foi uma bela caçada — diz, quase calorosamente, como quem revive em pensamentos todos os pormenores duma recordação que lhe é cara.

— Foi a última grande caçada nessa floresta. Na altura ainda existiam caçadores, verdadeiros caçadores... talvez ainda hoje existam, não sei. Aquela foi a última vez que fui à caça na minha floresta. Desde então vêm cá apenas homens com espingardas, convidados que são recebidos pela administração da propriedade e disparam as armas na floresta. A caça, a verdadeira caça, era diferente. Tu não podes perceber isso, porque nunca foste caçador. Para ti isso também representava apenas uma obrigação, uma obrigação nobre e que fazia parte do ofício, como andar a cavalo, ou participar na vida social. Ias à caça, mas como quem se conforma com uma convenção social. Ias à caça com desprezo na tua face. E levavas a arma também de uma forma descuidada, como se fosse uma

bengala. Não conhecias aquela paixão singular, a mais secreta paixão da vida do homem que, atrás de todas as representações, roupas e cultura, vive nos nervos de cada homem, tão profundamente, como o fogo eterno no âmago da terra. Essa paixão é o desejo de matar. Somos homens, matar é um imperativo da nossa vida. Não podemos fazer de outra maneira. O homem mata para defender algo, mata para obter algo, mata para se vingar de algo. Sorris?. .. Sorris com desprezo? Eras um artista, esses instintos baixos e brutais refinaram-se na tua alma?... Pensas que nunca mataste um ser vivo? Não tenhas tanta certeza — diz severamente e com imparcialidade. Chegou a noite em que não faz sentido falar de outra coisa que não seja a verdade e o essencial, porque esta noite não tem continuação e talvez já não haja muitos dias e noites que se sigam a isto... quero dizer, em caso algum se seguirá um dia, ou uma noite tão especial como esta. Talvez te lembres de que, uma vez, há muito tempo, também viajei pelo Oriente; foi durante a minha lua-de-mel com a Krisztina. Viajávamos entre árabes e em Bagdad fomos convidados de uma família árabe. É gente de grande nobreza, e tu, que tens viajado pelo mundo, sabes bem isso. A sua altivez, o seu orgulho, o seu comportamento, o seu carácter apaixonado e a sua tranquilidade, a disciplina dos seus corpos e a consciência dos seus movimentos, os seus jogos e o brilho dos seus olhos, tudo reflecte uma nobreza de longa data, aquela nobreza antiga, quando o homem, no caos da criação, despertou pela primeira vez para a sua dignidade humana. Segundo uma teoria, a raça humana surgira por esses lugares, nas profundidades do mundo árabe, no princípio dos tempos, antes de aparecerem os povos, as tribos e as civilizações. Talvez por isso sejam tão orgulhosos. Não sei. Não entendo dessas coisas... Mas entendo algo do orgulho, e do mesmo modo como as pessoas, sem sinais distintivos

exteriores, sentem que são do mesmo sangue e da mesma raça, senti durante aquelas semanas no Oriente que todos ali eram senhores, até os cameleiros sórdidos. Como te disse, morávamos na casa duma família indígena, numa casa que parecia um palácio; éramos convidados de uma família árabe, por recomendação do nosso embaixador. Essas casas frescas, brancas... conhece-las? O pátio grande, onde decorre, sem cessar, a vida da família e da tribo, é, ao mesmo tempo, mercado, parlamento e o lugar do templo... Essa deambulação e desejo ávido de jogar que transparece em todos os seus movimentos. Essa inércia imponente e agressiva, atrás da qual se esconde o prazer de viver e a paixão, como a serpente entre as pedras imóveis, batidas pelo sol. Uma noite receberam convidados em nossa honra, convidados árabes. Até essa noite fomos tratados dum modo quase europeu, o nosso anfitrião era juiz e contrabandista, um dos homens mais ricos da cidade. Os quartos de hóspedes eram mobilados com mobília inglesa, a banheira era de prata pura. Mas essa noite vimos algo diferente. Os convidados chegaram depois do pôr-do-sol, todos eram homens, senhores e os seus criados. O fogo já ardia no meio do pátio e emanava um fumo cáustico, o fumo de esterco dos camelos que irritava os olhos. Todos se sentaram em silêncio em redor do fogo. A Krisztina era a única mulher entre nós. Depois trouxeram um cordeiro, um cordeiro branco, o dono da casa tirou a faca e, com um movimento que é impossível de esquecer, matou-o... Esse movimento não se pode aprender, esse movimento oriental que remete para aquela época em que o acto de matar tinha também um sentido simbólico, religioso, significava a união com algo de essencial, com a vítima. Foi assim que Abraão ergueu a faca sobre Isaac no momento do sacrifício, com esse movimento imolaram os animais nos templos antigos diante do altar, do ídolo e do símbolo da divindade e

também com esse movimento decapitaram São João Baptista... É um movimento muito antigo. No Oriente oculta-se nas mãos de todos os homens. Talvez o homem tivesse nascido com esse movimento, quando se separou daquele ser intermédio que foi, entre o animal e o ser humano... segundo a antropologia, o homem nasceu quando tinha a capacidade de dobrar o polegar e assim podia agarrar a arma e a ferramenta. Mas é possível que tudo começasse com a sua alma e não com o polegar; não posso saber isso... O árabe matou o cordeiro e naquele momento, esse homem velho, envolto num albornoz branco, sobre o qual nem uma única gota de sangue caiu, era como um grande sacerdote oriental no acto de sacrifício. Mas os seus olhos brilhavam, ele rejuvenesceu por um instante, e reinava um silêncio profundo em redor. Estavam sentados à volta do fogo, olhavam para o acto de matar, o brilho da faca, o corpo do cordeiro que se debatia, o sangue que jorrava em jacto e todos tinham os olhos resplandecentes. E nesse momento percebi que esses homens ainda vivem próximos do acto de matar, o sangue é-lhes uma coisa familiar, e o brilho da faca é um fenómeno tão natural para eles, como o sorriso duma mulher ou a chuva. Percebemos — e creio que a Krisztina também percebeu, porque estava muito calada nesses momentos, corava e depois tornava-se pálida, respirava com dificuldade e virava a cabeça para o lado, como se assistisse, sem querer, a uma cena apaixonada e sensual — percebemos que no Oriente ainda se conhece o sentido sagrado e simbólico de matar e também o seu significado oculto e sensual. Porque todos sorriam, esses homens com rostos obscuros e nobres, entreabriam os lábios, olhavam com uma expressão de júbilo e êxtase, como se matar fosse algo quente, algo bom, semelhante a um beijo. É estranho que na língua húngara, essas duas palavras, matança e abraço, *ölés* e *oleies*, rimam e têm a mesma

raiz... E isso. Evidentemente, nós somos ocidentais — diz num tom diferente, como se pronunciasse uma conferência. — Somos ocidentais, ou, pelo menos, aqui chegados e instalados. Para nós, matar é uma questão jurídica e moral ou do domínio médico, mas em todo o caso, é uma coisa permitida ou proibida, um fenómeno definido com a máxima precisão de um grande sistema jurídico e moral. Nós também matamos, mas de uma maneira mais complicada; matamos segundo a lei prescreve e permite. Matamos em defesa de ideais elevados e de bens humanos preciosos, matamos para salvaguardar a ordem da convivência humana. Não podemos fazer de outra maneira. Somos cristãos, possuímos sentimento de culpa, temos sido educados na cultura ocidental. A nossa história, até ao presente, está cheia de uma série de massacres, mas falamos do matar baixando os olhos, num tom piedoso e repreensivo; não podemos fazer de outra maneira, esse é o nosso papel. Só a caça — diz como quem se torna alegre. — Na caça também cumprimos certas regras cavalheirescas e práticas, respeitamos os animais selvagens, na medida em que as condições o exigem numa determinada região, mas a caça ainda representa um sacrifício, um vestígio deformado e ritual dum acto religioso ancestral que é dos tempos do nascimento do homem. Porque não é verdade que o caçador mata para obter a presa. Nunca tinha matado só por isso, nem sequer nos tempos primitivos, quando isso fora uma das poucas possibilidades de se alimentar. A caça era sempre acompanhada por um ritual, ritual tribal e religioso. O bom caçador era sempre o primeiro homem da tribo, uma espécie de sacerdote. Naturalmente, tudo isso se desvaneceu com o passar do tempo. Mas os rituais, numa forma mais enfraquecida, permaneceram. Talvez nunca na minha vida gostasse tanto de nada, como dessas madrugadas, das manhãs de caça. Uma pessoa

acorda quando ainda é noite, veste-se de uma maneira especial, de maneira diferente dos dias restantes, põe roupas práticas e cuidadosamente escolhidas, toma o pequeno-almoço de outra forma, fortalece o seu coração com aguardente e come um pouco de carne fria no quarto iluminado por uma lanterna. Gostava do cheiro das roupas de caça, o pano estava impregnado do aroma da floresta, da folhagem, do ar e do sangue derramado, porque se levavam as aves abatidas atadas à cintura e o sangue sujava a jaqueta de caça. Mas o sangue é sujidade?... Não creio. É a substância mais nobre que existe no mundo e quando o homem queria dizer ao seu Deus algo importante, algo inexprimível, fazia-o sempre oferecendo um sacrifício de sangue. Também gostava do cheiro a metal e a óleo da espingarda. E o cheiro a ranço e a cru das peças do couro. Gostava disso tudo — diz quase com vergonha, como um velho que confessa uma fraqueza. — E depois saís da casa para o pátio, os teus companheiros de caça já estão à tua espera, o sol ainda não nasceu, o guarda-caça segura os cães à trela e relata em voz baixa os acontecimentos da noite. Sobes para a carruagem e partes. A paisagem começa a despertar, a floresta estica-se, como se esfregasse os olhos com movimentos sonolentos. Tudo exala um aroma tão puro, como se regressasses a uma outra pátria que foi a tua pátria no início da vida e das coisas. Depois a carruagem pára à beira da floresta, desces, o teu guarda-caça e o cão acompanham-te em silêncio. O ruído da folhagem húmida é perceptível apenas debaixo da sola das tuas botas. As trilhas estão cheias de pegadas de animais. E tudo começa a viver à tua volta: a luz percorre o céu sobre a floresta, como se um engenho secreto, o mecanismo misterioso do teatro do mundo, entrasse em funcionamento. Os pássaros também se põem a cantar, um veado atravessa o atalho, longe, a trezentos passos de distância, e tu escondes-te entre a folhagem densa e

ficas atento. Vieste com o cão, hoje não vais à espreita de veado... O animal pára, não vê, não cheira nada, porque o vento sopra de frente, porém sabe que o seu destino é iminente; ergue a cabeça, vira o pescoço tenro, o seu corpo fica tenso, durante alguns instantes mantém-se diante de ti, numa postura magnífica, imóvel, como um homem que estaca desamparado perante o seu destino, impotente, porque sabe que o destino não é fortuito, nem um acidente, mas a consequência natural de circunstâncias correlacionadas, imprevisíveis e dificilmente inteligíveis. E nesse momento lamentas não ter trazido a tua arma de fogo. Tu também te deténs, no meio da folhagem densa, estás dependente nesse instante, tu, o caçador. E sentes na mão o tremor que é tão antigo como o homem, a disposição para matar, essa atracção proibida, a paixão que é mais forte que tudo o resto, o impulso que não é bom, nem é mau, mas é um dos impulsos secretos da vida: ser mais forte que o outro, mais hábil, ser um mestre, não falhar. É isso que sente o leopardo quando se prepara para saltar, a serpente quando se ergue entre as rochas, o abutre quando se lança de mil metros de altura, e o homem quando contempla a sua vítima. O mesmo sentiste tu, talvez pela primeira vez na tua vida, no posto de vigia, na floresta, quando levantaste a tua arma e apontaste para me matar.

Inclina-se sobre a mesa pequena que está entre eles, em frente da lareira; serve licor num copinho e saboreia o líquido cor de púrpura, xaroposo, com a ponta da língua. Depois, satisfeito, volta a colocar o copo em cima da mesa.

— Ainda era noite — diz. O outro não responde. Não protesta, não dá nenhum sinal de que ouviu a acusação, nem com um gesto da mão, nem piscando o olho. — Era

o momento em que a noite se separa do dia, o mundo de baixo do mundo de cima. E talvez haja outras coisas que também se separam nesses momentos. É o último segundo em que a profundidade e a altura, a luz e a escuridão, tanto universal como humana, ainda se tocam, em que os que dormem despertam em sobressalto dos seus sonhos pesados e angustiantes, os doentes suspiram de alívio, porque sentem que o inferno da noite acabou e dará lugar a um sofrimento mais ordenado; a luz e a regularidade do dia revela e separa tudo que no caos obscuro da noite era um desejo convulsivo, uma ansiedade secreta, uma paixão delirante. Os caçadores e os animais selvagens gostam desse momento. Já não é noite, mas ainda não é dia. O perfume da floresta está tão vivo e selvagem nesse instante, como se todos os seres vivos começassem a despertar no grande dormitório do mundo, como se exalasses os seus segredos e suspiros maldosos, as plantas, os animais e também os seres humanos. Levanta-se o vento tão suavemente, como quando alguém acorda e solta um suspiro, recordando-se do mundo em que tinha nascido. A folhagem húmida, os fetos silvestres, os fragmentos musgosos, caídos das árvores, a trilha da floresta, cheia de orvalho, coberta de pinhas decompostas, folhedos e carumas que, pegados, formam um tapete macio e escorregadio, desprendem um aroma da terra tão intenso, como o perfume do suor que a paixão solta dos corpos dos namorados. É um momento misterioso, os antigos, os pagãos celebraram-no nas profundezas da floresta, com devoção, com braços abertos e com o rosto virado para Oriente, naquela expectativa mágica, em que o homem, atado à matéria, anseia eternamente no coração e no mundo pelo momento da chegada da luz, ou seja, da razão e da compreensão. A esta hora, os animais selvagens dirigem-se para as fontes. A noite ainda não acabou de todo, na

floresta acontecem coisas, a caça grande e a vigilância que preenche a vida dos animais selvagens, ainda não terminou, o gato-bravo está alerta, o urso devora o último pedaço da sua presa, o veado em cio recorda-se dos momentos da paixão da noite de lua, pára no meio da clareira, onde o duelo do amor decorreu, orgulhoso e encharcado, levanta a cabeça ferida na luta e olha em redor, com olhos sérios e tristes, avermelhados da excitação, como quem se lembra para sempre da paixão. A noite ainda está viva no fundo da floresta: a noite e tudo que esta palavra significa, com a consciência da presa, do amor, do vaguear, do prazer de viver desinteressado e da luta pela sobrevivência. É o momento em que não apenas nas profundidades da floresta, mas também na obscuridade dos corações humanos acontece algo. Porque os corações humanos também têm as suas noites, cheios de emoções tão selvagens, como os impulsos da caça que assaltam o coração do veado ou do lobo. O sonho, o desejo, a vaidade, o egoísmo, a ira lasciva do macho, a inveja, a vingança, essas paixões ocultam-se de tal modo na noite da alma humana, como o puma, o abutre e o chacal no deserto da noite do Oriente. Existem momentos em que já não é noite e ainda não é dia no coração humano, quando as feras saem dos esconderijos sombrios da alma, quando estremece no nosso coração e se transforma em movimento na nossa mão uma paixão que formámos e domesticámos em vão durante anos, às vezes, durante muito tempo... E tudo foi em vão, negámos desesperadamente, perante nós próprios, o sentido verdadeiro dessa paixão: o conteúdo real da paixão era mais forte que as nossas intenções, não se derreteu, ficou sólido. No fundo de cada relação humana existe uma matéria palpável e, por muitos que sejam os argumentos e habilidades, essa realidade não muda. A realidade simplesmente era que tu me odiavas durante

vinte e dois anos, com aquela paixão, cujo ardor faz lembrar o das relações mais intensas — sim, do amor. Odiavas-me, e quando um sentimento, uma paixão se apodera por inteiro da alma humana, ao lado do entusiasmo sempre arde abafado também o desejo de vingança no fundo dessa fogueira... Porque a paixão não argumenta com palavras da razão. Para a paixão é completamente indiferente aquilo que recebe do outro, quer exprimir-se por inteiro, quer transmitir a sua vontade, mesmo que se não receba em troca mais do que sentimentos ternos, cortesia, amizade ou paciência. Todas as grandes paixões são sem esperança, de outra forma não seriam paixões, apenas acordos, compromissos razoáveis, trocas de interesses banais. Odiavas-me e esse ódio era um laço tão forte como se me tivesses amado. Porque é que me odiavas?... Tinha tempo suficiente, queria perceber esse sentimento. Nunca aceitaste dinheiro de mim, nem prendas, não deixaste que essa amizade se transformasse numa verdadeira fraternidade, e se eu não tivesse sido demasiado jovem naqueles tempos, deveria ter percebido que era um sinal suspeito e perigoso. Quem não aceita os pormenores, provavelmente quer tudo, absolutamente tudo. Odiavas-me desde a nossa infância, desde o primeiro momento em que te conheci, naquela escola singular, onde melhoravam e adestravam os exemplares escolhidos do mundo que nós conhecemos, odiavas-me porque eu tinha algo que a ti faltava. O que é que era isso? Que tipo de habilidade ou característica?... Tu sempre foste o mais culto, a obra-prima fabricada, o aplicado e virtuoso, foste o talentoso, porque tinhas um instrumento musical, no sentido literal da palavra, e tinhas um segredo, a música. Eras o parente de Chopin, o misterioso, o orgulhoso. Mas no fundo da tua alma escondia-se uma emoção convulsiva — o desejo de ser diferente daquilo que eras. É a maior tragédia, com que o

destino pode castigar o homem. O desejo de ser outro, diferente daquilo que somos: não pode arder um desejo mais doloroso no coração humano.

Porque não é possível suportar a vida de outra maneira, apenas sabendo que nos conformamos com aquilo que significamos para nós próprios e para o mundo. Temos de nos conformar com aquilo que somos e de ter consciência, quando nos conformamos, de que em troca dessa sabedoria, não recebemos elogios da vida, não nos põem no peito nenhuma condecoração por sabermos e aceitarmos que somos vaidosos ou egoístas, carecas e barrigudos — não, temos de saber que por nada disso recebemos recompensas, nem louvores. Temos de suportar, o segredo é isso. Temos de suportar o nosso carácter, o nosso temperamento, já que os seus defeitos, egoísmos e avidez, não os mudam nem a experiência, nem a compreensão. Temos de suportar que os nossos desejos não tenham plena repercussão no mundo. Temos de suportar que as pessoas que amamos, não nos amem, ou que não nos amem como gostaríamos. Temos de suportar a traição e a infidelidade, e o que é o mais difícil entre todas as tarefas humanas, temos de suportar a superioridade moral ou intelectual de uma outra pessoa. Foi isso que aprendi durante setenta e três anos aqui, no meio da floresta. Mas tu não conseguiste suportar tudo isso — diz em voz baixa e firme. Fica calado, olha para a escuridão com olhos de míope, — Naturalmente, na nossa infância ainda não sabias tudo isso — continua depois, como quem procura desculpa. Era um período belo, uma época mágica. A memória da velhice aumenta e mostra cada pormenor com desenho nítido. Éramos crianças e éramos amigos: isso é uma grande dádiva, devemos agradecer ao destino por tê-la desfrutado. Mas depois formou-se o teu carácter e não foste capaz de suportar que te

faltasse algo que a mim foi dado, graças às minhas origens, à minha educação, uma espécie de dom divino... Qual era essa habilidade? Tratava-se de habilidade? Era simplesmente que o mundo olhava para ti com indiferença, às vezes com hostilidade, mas a mim, as pessoas ofereciam sorrisos e confiança. Tu desprezavas essa confiança e amizade que o mundo me proporcionava, desprezavas e, ao mesmo tempo, estavas a morrer de ciúmes. Provavelmente imaginavas — não de uma maneira explícita, naturalmente, mas através de sentimentos obscuros, que uma pessoa que é amada e amimada pelo mundo, tivesse algo de prostituta. Há pessoas de quem toda a gente gosta, para quem todos reservam um sorriso benévolo e carinhoso, e essas pessoas realmente têm algo de vanglorioso, algo de prostituta. Como vês, já não tenho medo das palavras — diz e sorri, como se quisesse encorajar o outro a não ter também medo. — Na solidão, uma pessoa chega a conhecer tudo e já não tem medo de nada. As pessoas, em cuja testa se reflecte o sinal divino que mostra que são protegidas pelos deuses, sentem-se realmente seres escolhidos e, na maneira como se apresentam perante o mundo, há uma certa segurança vaidosa. Mas se tu me vias assim, estavas enganado. Apenas os ciúmes podiam distorcer a minha imagem dessa maneira. Não se trata de me defender, porque quero saber a verdade, e quem procura a verdade, só pode começar a busca dentro de si. Aquilo que tu sentias em mim e em torno de mim, como uma graça e uma dádiva divina, não era outra coisa, apenas boa fé. Tive boa fé, até ao dia, em que... sim, até ao dia, em que estive no teu quarto, de onde tinhas fugido. Talvez essa boa fé incentivasse as pessoas a revelar-me os seus sentimentos, a mostrar-me benevolência, sorriso e confiança. Sim, eu tinha algo — falo no passado, e tudo o que menciono está tão longe, como se falasse sobre alguém que está morto, ou sobre

um desconhecido —, tinha uma certa leveza e franqueza que desarmava as pessoas. Houve um período na minha vida, a década da juventude, em que o mundo tolerava obediente a minha presença e as minhas pretensões. Trata-se do período da graça. Nesses tempos toda a gente corre ao teu encontro, como se fosses um conquistador que deve ser celebrado com vinho, com raparigas e grinaldas de flores. E realmente, durante aquela década em que, depois de terminar a escola em Viena, servimos no exército, nem por um momento me abandonou o sentimento da segurança, a sensação que os deuses me tinham colocado um anel de sorte secreto, invisível, e não me podia acontecer nenhum mal, porque estava rodeado de sentimentos de amor e de confiança. Isso é o máximo que um homem pode obter da vida — diz seriamente. — É a maior graça. Quem nestas circunstâncias se torna presunçoso, arrogante ou altivo, quem não é capaz de suportar com humildade a predilecção do destino, quem não sabe que esse estado de graça dura apenas até não desperdiçarmos a dádiva dos deuses, sucumbe. O mundo só perdoa momentaneamente, àqueles que são modestos e humildes de coração... Portanto, odiavas-me — diz determinado. — Quando a juventude ia desaparecendo, quando a magia da infância acabou, a nossa relação começou a arrefecer. Não há processo emocional mais triste e mais desesperado que quando uma amizade entre dois homens arrefece. Porque entre um homem e uma mulher tudo tem determinadas condições, como o regateio no mercado. Mas o sentido mais profundo da amizade entre homens é precisamente o altruísmo, o facto de não querermos o sacrifício do outro, nem ternura, não querermos nada, apenas manter o acordo dum aliança silenciosa. Talvez fosse eu quem cometeu um erro, porque não te conhecia suficientemente. Conformei-me com o não me revelares tudo de ti,

respeitava a tua inteligência, aquela superioridade singular e amarga que emanava do teu ser, acreditava que tu também me perdoavas, como o mundo, por ter uma certa capacidade de me aproximar das pessoas com facilidade e com serenidade, de ser amado ali, onde tu eras apenas tolerado — que me perdoavas o poder tratar o mundo por tu. Pensava que ficasses contente com isso. A nossa amizade era como a amizade dos homens nas lendas antigas. E enquanto eu andava nos caminhos mais ensolarados, tu permanecias na sombra deliberadamente. Não sei se sentes o mesmo?...

— Estavas a falar sobre a caça — diz o convidado evasivo.

— Sim, sobre a caça — responde o general. — Mas tudo isso tem a ver com a caça. Quando uma pessoa quer matar outra, naturalmente muitas coisas aconteceram antes, não só o acto de essa pessoa carregar e depois apontar a sua arma. Antes sucedeu também aquilo de que eu falava, que não me podias perdoar, que a nossa relação que se tinha formado nas águas profundas da infância, de um modo tão complexo e tenaz, como se os dois rapazes tivessem sido embalados nas folhas gigantes das rosas dos contos de fadas, no berço sonhado das pétalas de Victoria regia, — não sei se te lembras que criava aqui, na estufa, essa planta gavinhosa, misteriosa, que floresce apenas uma vez por ano essa relação um dia deteriorou-se. O tempo mágico da infância acabou e ficaram dois homens, unidos por laços de uma relação meticulosa e misteriosa que se chamava, em linguagem comum, amizade. Também devemos saber isso antes de falarmos sobre a caça. Porque o momento em que se é mais culpado, não é necessariamente aquele em que se levanta a arma para matar alguém. A culpa existe antes, a culpa reside na

intenção. E quando digo que essa amizade um dia se deteriorou, tenho de saber se se deteriorou realmente e se a resposta é sim, que e quem a deteriorou. Porque éramos diferentes, porém estávamos unidos, eu era diferente de ti, mas completávamo-nos bem, formávamos uma aliança, um acordo humano, e isso é muito raro na vida. Na nossa aliança da juventude, tudo o que faltava de ti, completava-se com o facto de que o mundo era afável para comigo. Éramos amigos — diz agora numa voz muito alta. — Entende, se ainda não sabes. Mas certamente sabias antes e depois, nos trópicos ou numa outra parte qualquer. Éramos amigos e esta palavra tem um significado, cuja responsabilidade só os homens conhecem. E agora tens de conhecer a inteira responsabilidade que essa palavra contém. Éramos amigos, não companheiros, compadres, ou camaradas. Éramos amigos e não há nada na vida que possa compensar uma amizade. Nem mesmo uma paixão devoradora pode oferecer tanto prazer como uma amizade silenciosa e discreta proporciona àqueles que são tocados pela sua força. Porque se nós não fôssemos amigos, não terias apontado a tua arma contra mim naquela manhã, na floresta, durante a caça. E se não fôssemos amigos, eu não teria ido à tua casa no dia seguinte, aonde nunca me tinhas convidado, onde guardavas o teu segredo, um segredo maléfico e incompreensível que envenenou a nossa amizade. E se não fosses meu amigo, não terias fugido no dia seguinte desta cidade, da minha proximidade, do local do crime, como os assassinos e os malfeitores, mas terias ficado aqui, ter-me-ias enganado e traído, e isso talvez me tivesse causado dor, talvez tivesse ferido a minha vaidade e o meu orgulho, mas tudo isso não teria sido tão grave como aquilo que fizeste, porque eras meu amigo. E se não fôssemos amigos, tu não terias regressado quarenta e um anos depois, outra vez como

assassino e malfeitor que volta furtivamente ao local do crime. Porque tinhas de regressar, como vês. E agora tenho de te dizer algo de que me dei conta só pouco a pouco, não acreditava nisso, negava diante de mim mesmo, tenho de te confessar essa surpresa e revelação terrível: tu e eu ainda continuamos a ser amigos. Parece que nenhuma força exterior pode mudar as relações humanas. Tu mataste algo em mim, destruístes a minha vida e eu continuo a ser teu amigo. E hoje à noite, eu mato algo em ti, depois deixo-te voltar a Londres, aos trópicos, ou ao inferno e continuas a ser meu amigo. Temos de saber isso também, antes de falarmos da caça e de tudo aquilo que se seguiu. Porque a amizade não é um estado de espírito ideal. A amizade é uma lei humana rigorosa. Na antiguidade era a lei do mais forte, nela se baseavam os sistemas jurídicos das grandes civilizações. Para além das paixões e do egoísmo vivia essa lei, a lei da amizade, nos corações humanos. Era mais poderosa que a paixão que persegue os homens e as mulheres com uma força desesperada, para se unirem, a amizade não podia levar à desilusão, porque não queria nada do outro, podia-se matar o amigo, mas a amizade que se formou na infância entre duas pessoas, talvez nem a morte a pudesse matar: a sua recordação continua a viver na consciência das pessoas, como a recordação dum acto heróico silencioso. E realmente, é um acto heróico, no sentido fatal e tácito da palavra, sem o embate de sabres e espadas, um acto heróico, como qualquer atitude humana que é desinteressada. Era essa amizade que existia entre nós, e tu sabias isso bem. E naquele momento em que levantaste a arma para me matar, essa amizade talvez fosse mais intensa que a qualquer altura, durante os vinte e dois anos da nossa juventude. Lembras-te certamente do momento, porque isso tem sido o sentido e o conteúdo para o resto da tua vida. Eu também me lembro. Encontrávamo-nos no meio

da floresta, entre os pinheiros. Ali se abre a trilha que se desvia do caminho e conduz à profundidade, onde a floresta já vive a sua própria vida, intacta e obscura. Caminhava diante de ti e parei, porque ao longe, a trezentos passos de distância, um veado saiu de entre os pinheiros. Amanhecia tão lentamente, como se o sol estivesse a apalpar com os seus tentáculos luminosos a sua presa, o mundo, e o animal parou à margem da trilha, levantou a cabeça e olhou para a floresta densa, porque sentia o perigo. O instinto, esse mistério, esse sexto sentido que é mais refinado e preciso que o olfacto ou a visão, começou a funcionar nos nervos do animal. Não nos podia ver, o vento matinal soprava no sentido oposto, não podia preveni-lo do perigo, e nós estávamos há algum tempo parados e imóveis, perdemos o fôlego na subida, eu estava em frente, à beira da trilha, entre as árvores e tu, atrás de mim. O guarda-caça ficou para trás com o cão. Estávamos sozinhos, no meio da floresta, naquela solidão que é a solidão da noite, da madrugada, da floresta, dos animais selvagens, e onde o homem, por um instante, sente sempre que se perdeu na sua vida e no mundo, e um dia tem de regressar a essa casa selvagem e perigosa que é, porém, a sua única e verdadeira casa — a floresta, as águas profundas, o palco da vida primitiva. Sempre sentia assim, nos tempos em que ia à caça, na densidade da floresta. Nesse dia, vi o animal, parei, tu também o viste e estavas dez passos atrás de mim. Esses são os momentos para caçadores e animais em que, com os sentidos mais aguçados, percebemos a realidade, estamos inteiramente conscientes da situação e do perigo, mesmo no escuro e sem olhar para trás. Que ondas, forças, radiações transmitem nesse caso as informações? Não sei... O ar era puro e sem cheiro. Os pinheiros não se moviam ao vento ligeiro. O animal permanecia atento. Não se mexia, estava enfeitiçado, porque no perigo sempre há um certo

encantamento e fascínio. Quando o destino, numa forma qualquer, se dirige directamente a nós, quase nos chama pelo nosso nome, no fundo da ansiedade e do medo sempre irradia uma certa atracção, porque o homem não quer só viver a todo o custo, não, o homem quer conhecer e aceitar o seu destino por completo e a todo o custo, até à custa do perigo e da destruição. Assim sentia o veado naquele momento, sei isso ao certo. Eu também sentia o mesmo naquele momento e também sei isso ao certo. E tu também o sentias, alguns passos atrás de mim, quando — no mesmo fascínio que se tinha apoderado do animal e de mim, ali, diante de ti, dentro do teu alcance — engatilhaste a caçadeira, com aquele estalido leve e frio que só produzem os metais muito nobres, quando os utilizam para tarefas fatais, humanas, por exemplo o punhal, ao tocar num outro punhal, ou uma arma nobre inglesa, quando a engatilham para matar alguém. Espero que te lembres desse momento...

— Sim — disse o convidado.

— Foi um momento particular — diz o general quase contente, com a satisfação dum perito. — Naturalmente, fui o único que ouviu esse estalido leve: era tão subtil que nem no silêncio da madrugada e da floresta podia ouvi-lo o veado, a trezentos passos de distância. E nesse momento aconteceu algo que nunca poderia provar perante o tribunal, mas posso contar-te, porque tu conheces a verdade. Que é que aconteceu?... Simplesmente que senti os teus movimentos, senti tudo com mais exactidão naqueles instantes, como se tivesse visto aquilo que estavas a fazer. Encontravas-te atrás de mim, de esquelha, a pouca distância. Senti que levantavas a arma, a apoiavas no teu ombro e apontavas. Senti que fechavas um olho e o cano da caçadeira mudou lentamente o ângulo. A minha cabeça e

a cabeça do veado erguiam-se exactamente na mesma linha e na mesma altura diante de ti, talvez uma faixa de dez centímetros pudesse separar os dois alvos. Senti que as tuas mãos tremiam. E com aquele rigor, com que só um caçador é capaz de avaliar uma situação na floresta, percebi também que dessa posição não podias apontar para o veado: entende isso, naquele momento, o aspecto venatório dessa situação interessava-me mais intimamente que o seu carácter humano. Eu também sabia algo de caça, sabia que ângulo tinha de tomar para atingir o veado que, a trezentos passos de distância, esperava o tiro, sem suspeitar de nada. A situação tornou tudo claro, a posição geométrica do caçador e dos alvos alinhados avisavam-me exactamente daquilo, o que se estava a passar alguns passos atrás de mim, no coração dum homem. Estiveste a apontar durante meio minuto, sei também isso, sem relógio, com precisão ao segundo.

Em momentos assim, uma pessoa sabe tudo. Sabia que não eras bom atirador, bastava inclinar a minha cabeça ligeiramente para o lado, a bala passava silvando perto do meu ouvido e talvez acertasse no veado. Sabia que bastava um único movimento e a bala não saía daquela arma. Mas sabia também que não me podia mover, porque o meu destino nesse momento já não dependia da minha decisão: algo tinha amadurecido, algo tinha de acontecer, conforme o devido. Assim estava ali, à espera do tiro, à espera que premisses o gatilho e que uma bala da arma do meu amigo me matasse. A situação era perfeita, não havia testemunhas, o guarda-caça andava longe, no fundo da floresta, com os cães, era uma situação precisa e exacta, aquele “trágico acidente” de que falam os jornais todos os anos. Depois passou meio minuto e o disparo tardava. Nesse momento, o veado apercebeu-se do perigo e com um salto, que parecia uma explosão, desapareceu na floresta densa. Nós

continuámos sem nos mover. A seguir, baixaste a arma, muito lentamente. Esse movimento não se podia ouvir, nem ver. Porém, eu vi e ouvi, como se estivesse em frente de ti. Baixaste a arma, com muito cuidado, como se o roçar do ar pudesse denunciar as tuas intenções, porque o momento tinha passado, o veado tinha desaparecido na floresta — vê, o que é interessante é que ainda me poderias ter matado, pois não havia testemunhas oculares a assistir à cena e não teria existido homem ou juiz capaz de te condenar, o mundo ter-te-ia manifestado o seu pesar, se o tivesses feito, porque nós éramos os amigos lendários, Castor e Polux, companheiros havia vinte e dois anos no bem e no mal, éramos a encarnação da ideia de amizade, e se me tivesses matado, todos te teriam dado as suas mãos compassivas, te teriam acompanhado no luto, porque, aos olhos do mundo, não existe ser humano mais trágico que o homem que matou o seu amigo acidentalmente e por uma vontade fatal do destino, digno de uma tragédia grega... Onde estaria o homem, o juiz, o descarado que se atreveria a acusar, a proclamar ao mundo inteiro o inacreditável, que me tinhas matado intencionalmente?... Não haveria nenhuma prova para atestar que tinhas alimentado um sentimento mortal contra mim, no teu coração.

Na noite anterior tínhamos jantado juntos, entre amigos, com a minha mulher, os meus parentes e companheiros de caça, no palácio, onde eras um convidado diário havia décadas; viam-nos juntos, como antes, em todas as situações da vida, no serviço, na sociedade, sempre numa relação amigável e cordial. Não me devias dinheiro, eras como membro da família na minha casa, quem poderia pensar que me tinhas matado?... Ninguém. E porque me terias matado? Que suposição desumana e impossível que tu, o melhor

amigo, me tivesses matado a mim, o melhor amigo, de quem poderias ter recebido tudo o que necessitavas na vida, qualquer ajuda humana e material, que podias considerar a minha casa como tua, a minha fortuna, como os irmãos os bens comuns, a minha família, como o filho adoptivo, a família dos pais adoptivos? Não, a acusação teria recaído sobre aquele que a tivesse levantado, e não existia ninguém que a pudesse formular, a indignação do mundo teria derrubado o descarado que se tivesse atrevido a afirmar tal coisa, os outros ter-se-iam precipitado para apertar a tua mão com compaixão, porque aquela desgraça terrível, desumana e medonha te tinha acontecido a ti, porque o acaso trágico tinha matado o teu melhor amigo pelas tuas próprias mãos... Era essa a situação. E contudo, tu não premiste o gatilho da arma. Porquê?... Que é que aconteceu naquele momento? Talvez simplesmente que o veado pressentiu o perigo e fugiu daquele lugar, e a natureza humana é tal que sempre precisa de algum pretexto concreto no momento de levar a cabo um acto excepcional. Aquilo que tinhas planeado, era bom, exacto e perfeito, mas talvez precisasse do veado; a cena tinha-se estragado e tu baixaste a arma. Era uma questão de instantes, quem era capaz de dividir, separar e julgar?... Também não tem importância. O facto que é determinante, mesmo que não seja decisivo num julgamento. O facto é que me querias matar e depois, quando um fenómeno inesperado do mundo perturbou o momento, a tua mão começou a tremer e não me mataste. O veado já tinha desaparecido entre as árvores e não nos mexemos. Não me voltei para trás. Ficámos assim durante algum tempo. Talvez se olhasse para a tua cara naquele momento, tivesse percebido tudo.

Mas não tinha coragem de olhar para a tua cara. Existe um certo sentimento de vergonha que é o mais penoso

que uma pessoa pode experimentar na vida, é a vergonha que a vítima sente, quando tem de olhar para a cara do seu assassino. Nesse caso, a criatura sente vergonha perante o Criador. Por isso é que não olhei para a tua cara e quando passou esse feitiço que paralisou e nos manteve atados, segui pela vereda, em direcção ao cimo da colina. Tu também te puseste a andar, como uma máquina. A meio do caminho disse-te o seguinte, por cima dos ombros, sem olhar para trás: “Falhaste.” Não respondeste. Esse silêncio foi como uma confissão. Porque qualquer um, numa situação semelhante, teria começado a falar com vergonha ou com entusiasmo, a explicar tudo num tom brincalhão ou ofendido; nessa ocasião, qualquer caçador teria tentado argumentar a seu favor, desprezar o animal, ou exagerar a distância, diminuir as probabilidades dum pontaria acertada... Mas tu ficaste calado. Como se tivesses dito com o teu silêncio: “Sim, falhei a ocasião de te matar.” Chegámos ao cimo da colina, sem dizer uma palavra. Ali, já estava o guarda-caça à nossa espera com os cães, no vale ouviam-se os disparos das caçadeiras, a caçada tinha começado. Os nossos caminhos separaram-se. Ao almoço — era um almoço de caçadores, a mesa foi posta na floresta — o teu batedor informou-me de que tinhas regressado à cidade. O convidado acende um charuto; as suas mãos não tremem, corta a ponta do charuto com movimentos tranquilos: o general inclina-se em direcção a Konrád e dá-lhe lume com a chama dum vela.

— Obrigado — diz o convidado.

— Mas ainda vieste jantar na mesma noite — responde o general. Como antes, todas as noites. Vieste à hora de costume, de cabriole, às sete e meia. Jantámos os três, como na noite anterior, como tantas outras noites, com a Krisztina. A mesa tinha sido posta na sala grande, como

hoje, com as mesmas decorações, como há pouco, e a Krisztina estava sentada entre nós. Velas azuis ardiam no centro da mesa. Ela gostava da luz das velas, gostava de tudo que a fazia lembrar do passado, das formas da vida mais nobres, dos tempos antigos. Ao regressar da caça, fui directamente ao meu quarto, mudei de roupa, não vi a Krisztina toda a tarde. O criado anunciou que ela tinha saído de carruagem à tarde, tinha ido à cidade. Vimo-nos no momento em que punham a mesa, a Krisztina já estava à minha espera, sentada em frente da lareira, com um lenço indiano nos ombros, porque o tempo estava húmido, nebuloso. Na lareira ardia o fogo. Estava a ler e não ouviu quando entrei na sala. Talvez os tapetes abafassem o ruído dos meus passos, talvez ela estivesse demasiado absorta na sua leitura — lia um livro inglês, um livro de viagens sobre os trópicos, — o certo é que só deu conta da minha chegada no último momento, quando já estava em frente dela. Então levantou os olhos — lembra-te dos seus olhos? Quando levantou os olhos, era como se o sol saísse com toda a sua luminosidade, — e talvez fosse por causa da luz das velas, mas assustei-me com a palidez do seu rosto. “Sente-se mal?” — perguntei. Não respondeu. Fitava-me longamente, em silêncio, com olhos arregalados, e esse momento foi quase tão demorado e tão eloquente, como aquele outro de manhã, na floresta, quando eu esperava imóvel que acontecesse algo: que dissesse algo ou premisses o gatilho da arma. Olhou para a minha cara tão atenta e penetrante, como se para ela fosse mais importante que a sua própria vida saber em que é que eu estava a pensar nesse instante, se pensava em algo, se sabia algo... Provavelmente isso tinha mais importância para ela nesse momento que a vida. Isso é sempre o mais importante, mais relevante que a presa ou o resultado: saber o que a vítima pensa sobre nós, ou a pessoa que escolhemos como vítima... Olhou-me nos olhos, como se

me interrogasse. Penso que suportava bem esse olhar. Naquele momento e mais tarde também, estava tranquilo, o meu rosto não podia revelar nada à Krisztina. E realmente, naquela manhã e tarde, durante essa caçada peculiar em que eu, duma certa maneira, tinha sido a presa, decidi que, acontecesse o que acontecesse, iria manter o silêncio para sempre sobre aqueles momentos da madrugada, nunca contaria às duas pessoas, à Krisztina e à ama, que eram os meus confidentes, aquilo que tinha acabado de saber naquela manhã, na floresta. Decidi que te vigiaria em segredo por um médico, porque o demónio da loucura se tinha apoderado da tua alma: era o que eu pensava. Não encontrava nenhuma outra explicação para esses momentos. A pessoa que faz parte da minha vida, enlouqueceu: repetia isso teimosa, quase desesperadamente, durante toda a manhã e toda a tarde, e com esse estado de espírito te recebi à noite, quando chegaste à nossa casa. De qualquer modo, queria salvar a dignidade do ser humano com essa suposição, a dignidade do ser humano em geral e em particular, porque se fosses uma pessoa sã e tivesses tido alguma razão — não importava qual era a razão — para levantar uma arma contra mim, nesse caso todos tínhamos perdido a nossa dignidade humana, todos os que vivíamos naquela casa, a Krisztina e eu também. Assim explicava o olhar assustado e espantado da Krisztina, quando estava diante dela, depois da caçada. Como se tivesse pressentido algo daquele segredo que nos unia desde essa madrugada. As mulheres sentem essas coisas, pensei. Depois chegaste tu, vestido de gala e sentámo-nos para jantar. Conversámos, como noutras noites. Falámos também da caçada, dos relatos dos batedores, do erro que um dos nossos convidados tinha cometido, matando um corço, embora não tivesse direito a isso... Mas sobre aquele momento não dizes nenhuma

palavra toda a noite. Não mencionas a tua aventura pessoal, aquele magnífico veado que deixaste escapar. Dessas coisas fala-se sempre, mesmo quando não se é um caçador genuíno. Não falas de que falhaste a presa, não mencionas que abandonaste a caçada antes do tempo, que regressaste à cidade sem deixar nenhum aviso e só apareceste à noite. Tudo isso é insólito, sem dúvida, vai contra as convenções sociais. Podias dizer algo sobre a manhã... mas não dizes nada, como se não tivéssemos andado na caça juntos de manhã. Falas de outra coisa. Perguntas à Krisztina o que estava a ler à noite, quando entraste na sala. A Krisztina lia algo sobre os trópicos. Falam sobre a leitura dela demoradamente; perguntas-lhe o título do livro, interroga-la sobre o efeito que o livro exerceu sobre ela, queres saber como é a vida nos trópicos, comportas-te como se te interessasse muito esse tema, sobre o qual não sabes nada — e eu venho a saber mais tarde pelo livreiro da cidade, que tu é que mandaste vir esse livro e outros também sobre o mesmo tema, e os emprestaste à Krisztina alguns dias atrás. Excluem-me da conversa, porque não faço a mínima ideia sobre os trópicos. Mais tarde, já depois de saber que me traíram nessa noite, recordo-me da cena, ouço as palavras que foram ditas e descubro com verdadeira admiração como representaram tão perfeitamente. Eu, que não estou ao corrente, não posso suspeitar nada das vossas palavras: falam dos trópicos, dum livro, duma leitura em geral. Gostavas de saber a opinião da Krisztina, estás particularmente interessado em saber se uma pessoa, nascida e criada num outro clima, seria capaz de suportar as condições de vida dos trópicos... Que é que a Krisztina pensa?... (A mim, não me perguntas.) E ela, a Krisztina, era capaz de suportar a chuva, a humidade quente, o nevoeiro sufocante e ardente, a solidão, no meio dos pântanos e da selva?... Vês, as palavras retornam. Quando estiveste sentado

aqui pela última vez, nesta sala, nessa poltrona, há quarenta e um anos, falaste precisamente disso: dos trópicos, dos pântanos, do nevoeiro quente e da chuva. E há pouco, quando regressaste a esta casa, as tuas primeiras palavras foram sobre os pântanos, os trópicos, a chuva e o nevoeiro ardente. Sim, as palavras retornam. Tudo retorna, as coisas e as palavras andam em círculo, às vezes atravessam o mundo inteiro, em círculo, depois encontram-se, tocam-se e encerram qualquer coisa — diz indiferente, desinteressado. — Sobre isso é que falas com a Krisztina da última vez. Por volta da meia-noite chamas a tua carruagem e regressas à cidade. Foi isso que aconteceu, no dia da caçada — diz e na sua voz ressoa a satisfação dum velho que soube organizar e agrupar as suas ideias duma maneira exacta, sistemática e clara.

— Quando saís, a Krisztina também se retira — continua depois. Fico sozinho nesta sala. Ela deixou o livro, o livro escrito em inglês sobre os trópicos, na poltrona. Não tenho vontade de dormir, pego no livro e folheio-o. Olho para as ilustrações, decifro os quadros estatísticos sobre dados económicos, sanitários e médicos. Surpreende-me que a Krisztina leia um livro desse género. Na verdade, ela não tem nada a ver com isso, penso, não pode interessar-lhe o gráfico aritmético da produção da borracha, nem as condições de saúde dos indígenas. Tudo isso não tem nada a ver com a Krisztina, penso. Todavia, o livro fala, não só em inglês e não só sobre as condições de vida nos trópicos. Enquanto seguro o livro na mão, já passada a meia-noite, sozinho no meu quarto, uma vez que me deixaram as duas pessoas que me eram mais caras depois do meu pai, percebo de repente que esse livro também é um sinal. E percebo também, embora duma maneira confusa, algo diferente: as coisas começaram a falar-me nesse dia, aconteceu alguma coisa, a vida dirigiu-se a mim. Nesse

caso, tenho de prestar muita atenção, penso. Porque a linguagem simbólica e singular da vida fala-nos de mil maneiras diferentes nesses dias, tudo chama a nossa atenção, cada sinal e imagem, é preciso apenas compreendê-los. Um dia as coisas amadurecem e respondem. É isso que penso. E de repente percebo que esse livro é também um sinal e uma resposta. O livro diz: a Krisztina deseja partir daqui. Pensa em mundos alheios, quer conhecer outros mundos, além deste. Talvez quisesse fugir daqui, fugir de algo ou de alguém — e esse alguém posso ser eu, mas podes ser tu também. É claro, como a luz do dia, digo de mim para mim, a Krisztina sente e sabe qualquer coisa, e quer ir-se embora daqui, por isso é que lê livros técnicos sobre os trópicos. E nesse momento sinto e penso que também percebo muitas coisas. Percebo e sinto aquilo que tinha acontecido nesse dia: a minha vida tinha-se partido em dois, como uma paisagem rasgada por um terramoto — de um lado ficou a infância, tu e tudo aquilo que a vida passada significava; do outro lado começa aquele território obscuro e imenso que tenho de percorrer, o tempo que me resta para viver. E as duas partes da minha vida já não se tocam. Que é que aconteceu? Não sei responder. Durante todo o dia tentei ficar calmo, disciplinado, mesmo que artificialmente, e consegui-o; a Krisztina não podia saber nada, quando olhava para mim, pálida, com aquele olhar estranho, interrogativo. Não podia saber, não podia ler do meu rosto o que tinha acontecido durante a caçada... E realmente, que é que tinha acontecido? Não estaria a imaginar coisas? Não seria um fantasma tudo aquilo? Se eu contasse a alguém, provavelmente ria-se de mim. Não tenho nenhum dado, nenhuma prova nas minhas mãos... porque é que uma voz, uma voz mais forte que qualquer prova, duma maneira tão inequívoca, com uma força que não consente controvérsia, contradição ou dúvida, grita

dentro de mim que não me enganei, que conheço a verdade? E a verdade é que o meu amigo quis matar-me nessa madrugada. Que acusação ridícula e falsa, não é verdade? Poderia contar um dia a alguém essa convicção mais tremenda que um facto? Não, não posso. Mas agora que sei, com tanta certeza e tranquilidade, como uma pessoa sabe os factos simples da vida, pergunto-me, que convivência me esperaria no futuro? Poderia olhar-te nos olhos, ou representaríamos, como actores, os três, a Krisztina, tu e eu, transformando uma amizade em jogos e em vigilância — é possível viver assim? Como te digo, tenho esperança de que tivesses enlouquecido. Talvez seja a música, penso. Foste sempre estranho, diferente, não eras um de nós. Uma pessoa não pode ser músico e parente de Chopin sem consequências. Mas, ao mesmo tempo, sei que essas minhas esperanças são absurdas e cobardes: tenho de enfrentar a realidade, não posso mentir a mim mesmo, tu não estás louco, não há desculpa, não há escapatória. Tens as tuas razões para me odiar, para me matar. Mas essas razões não consigo entendê-las. Uma explicação natural e simples seria que te tivesse enfeitiçado uma paixão súbita, uma exaltação, um desejo ardente pela Krisztina, uma espécie de loucura mas essa suposição parece tão improvável, visto que não há nenhum vestígio, ou indício na vida de nós três, que tenho de recusá-la. Conheço a Krisztina, conheço-te a ti e a mim mesmo — pelo menos assim creio naquele momento. A vida de nós três, o meu encontro e casamento com a Krisztina, a nossa amizade, tudo isso é tão aberto, límpido e transparente, os caracteres e as situações são tão inequívocos que eu estaria louco se acreditasse, mesmo por um instante, numa coisa dessas. As paixões, por mais frenéticas que sejam, não se pode escondê-las, uma paixão que obriga a pessoa obcecada a levantar uma arma contra o seu melhor amigo, não pode ocultar do mundo durante

meses qualquer indício; mesmo eu, o sempre cego e surdo terceiro, teria detectado — quase vivemos juntos, não há semana em que três ou quatro vezes não venhas à noite a jantar a nossa casa, durante o dia estamos juntos na cidade, no quartel, no serviço, sabemos tudo um do outro. Conheço os dias e as noites da Krisztina, conheço o seu corpo e a sua alma como a mim próprio. Uma hipótese tão absurda que tu e a Krisztina... e quando encaro essa hipótese, quase fico aliviado. Deve ser outra coisa. O que aconteceu, era algo mais profundo, mais secreto, mais incompreensível. Tenho de falar contigo. Devia mandar alguém seguir-te? Como o marido ciumento nas comédias banais. Não, não sou um marido ciumento. A suspeita é incapaz de se infiltrar nos meus pensamentos, estou tranquilo quando penso na Krisztina, a quem encontrei no mundo como o coleccionador encontra a peça mais rara e perfeita da sua colecção e da sua vida, uma obra de arte, cuja localização e descoberta foi o seu único objectivo e o sentido da sua vida. A Krisztina não me mente e não é infiel, conheço todos os seus pensamentos, mesmo os mais secretos, aqueles que só ocorrem durante o sonho. O diário encadernado em veludo amarelo que lhe dei nos primeiros dias do nosso casamento, revela tudo, porque combinámos que me contaria os seus sentimentos e pensamentos, e contaria também a si mesma os sentimentos, os desejos, aqueles segredos da alma humana de que não se pode falar em voz alta, porque se tem vergonha, ou porque se pensa que se trata de coisas pouco relevantes: de tudo isso, deixa sinais nesse diário peculiar, manda-me mensagens de poucas palavras para que eu saiba o que ela pensou ou sentiu em relação a certas pessoas, ou em certas situações... A nossa relação baseia-se numa confiança absoluta. E o diário secreto está sempre ali, na gaveta da sua secretária, da qual apenas eu e ela temos chave. Esse diário é a maior

confiança que pode existir entre homem e mulher. Se na vida da Krisztina houvesse algum segredo, o diário já o teria revelado. É verdade, penso, há algum tempo que nos esquecemos desse jogo secreto... então levanto-me, atravesso a casa, mergulhada na escuridão, vou ao escritório da Krisztina, abro a gaveta da secretária e procuro o diário, encadernado em veludo amarelo. Mas a gaveta está vazia.

Fecha os olhos, fica assim sentado por instantes, de olhos fechados, como um cego, com o rosto inexpressivo. Como se procurasse uma palavra.

— Já passou da meia-noite, a casa dorme. A Krisztina está cansada, não quero incomodá-la. Provavelmente, levou o diário para o seu quarto, penso eu — diz numa voz amável. — Não quero incomodá-la, amanhã pergunto-lhe se tinha alguma mensagem para mim no nosso correio secreto, no diário. Porque tens de saber que esse caderno confidencial de que não falamos — sentimos um pouco de vergonha dessa confiança silenciosa —, é como uma constante declaração de amor. É difícil falar disso. A ideia partiu da Krisztina, foi ela que me pediu em Paris, durante a nossa lua-de-mel, era ela que queria confessar-se — e mais tarde, muito mais tarde, quando a Krisztina já não estava viva, percebi que quem se prepara com tanto escrúpulo para se confessar, para a sinceridade extrema, já sabe que um dia realmente haverá algo na sua vida que terá de confessar. Durante muito tempo não compreendi aquele diário, julgava que aquelas mensagens escritas, secretas, aquelas cifras caprichosas sobre a vida da Krisztina, fossem uma ideia feminina, um pouco exagerada. Disse-me que não queria esconder nenhum segredo, nem de mim, nem de si mesma, e por isso ia anotar tudo aquilo de que é difícil falar. Como digo, mais tarde percebo que

quem se refugia na sinceridade dessa maneira, teme algo, teme que um dia a sua vida se encha de algo que não pode partilhar comigo, de verdadeiros segredos indescritíveis e inexprimíveis. A Krisztina quer entregar-se a mim de todo, de corpo e alma, nos seus sentimentos e nos seus pensamentos mais secretos, todas as mensagens dos seus nervos — estamos em lua-de-mel, a Krisztina está apaixonada, pensa nisso, quais eram as suas origens, o que para ela significava tudo o que lhe tinha dado, o meu nome, este palácio, o palácio de Paris, a vida na sociedade, tudo, sobre o que nem sequer se atrevera a sonhar alguns meses atrás, num ambiente provinciano, numa casa modesta, sozinha com um velhote calado e doente que vivia só para o seu instrumento musical, as suas partituras e as suas recordações... E agora, de repente, a vida oferece-lhe tudo às mãos cheias, o casamento, a viagem de lua-de-mel de um ano inteiro, Paris, Londres, Roma, depois o Oriente, meses no oásis, o mar. A Krisztina, naturalmente, pensa que está apaixonada. Mais tarde, venho a saber que não está apaixonada, nem mesmo nesses tempos; apenas agradecida.

Cruza os dedos, apoia os cotovelos nos joelhos, inclina-se para frente e assim continua: — Está agradecida, muito agradecida à sua maneira, à maneira duma mulher jovem que foi para a lua-de-mel com o marido, com um jovem rico e nobre. — Aperta os dedos cruzados, olha para o desenho do tapete absorto e com atenção. — Quer mostrar a sua gratidão a todo o custo, por isso inventa também o diário, essa prenda singular. Porque esse diário, desde o primeiro momento, está cheio de confissões surpreendentes. A Krisztina não me namora no seu diário e as suas confissões, às vezes, são tão sinceras que me inquietam. Descreve-me como me vê, com poucas palavras, mas muito acertadas. Descreve

aquilo de que não gosta em mim, a minha maneira de me aproximar das pessoas no mundo, com uma segurança excessiva, — não sente em mim a humildade que para a sua alma religiosa é a maior virtude. Nesses anos, realmente não sou modesto. O mundo pertence-me, encontrei a minha mulher, recebo todas as suas palavras e mensagens do seu corpo e da sua alma com eco perfeito, sou rico, tenho posição, a vida apresenta-se perante mim em todo o seu esplendor, tenho trinta anos, gosto da vida, do serviço e da minha carreira. Agora que olho para trás, eu mesmo sinto náuseas dessa segurança e felicidade complacentes e egocentristas. Como todas as pessoas que os deuses amam sem qualquer razão, no fundo dessa felicidade também sinto uma certa angústia. Tudo é demasiado bonito, sem rupturas, perfeito. Uma pessoa tem sempre medo duma felicidade tão ordenada. Gostava de oferecer algum sacrifício ao destino, não me importava se o correio, que vinha de casa e que eu recolhia nos portos, me trouxesse notícias também sobre coisas desagradáveis, sociais ou materiais, não me importava se soubesse que a nossa casa tinha ardido, que tinha tido prejuízos materiais, que o meu banqueiro, o gerente da minha fortuna me teria enviado más notícias ou algo parecido... Sabes, uma pessoa gosta de devolver aos deuses algo da sua felicidade. Porque os deuses são invejosos, como se sabe, e quando oferecem um ano de felicidade a um mortal comum, anotam logo essa dívida e no fim da vida reclamam-na com juros de usura. Mas, à volta de mim, tudo corre às mil maravilhas, tudo é perfeito. A Krisztina escreve mensagens no seu diário, com poucas palavras, como se lhe falasse em sonhos. Às vezes escreve uma linha, outras vezes apenas uma palavra. Coisas, como por exemplo: “Não tens remédio, porque és vaidoso.” Depois durante semanas não escreve nada. Ou escreve que viu um homem em Argel, o homem seguiu-a numa rua estreita, falou-lhe e

ela sentiu que era capaz de ir com ele. A Krisztina é uma alma irrequieta, activa, penso eu. Mas sinto-me feliz, e nem essas deflagrações peculiares, um pouco inquietantes, perturbam a minha felicidade. Não passa pela minha cabeça que, se alguém quer contar tudo ao outro tão tenazmente, talvez fale sobre tudo com uma sinceridade incondicional, para que não tenha de falar de algo que é importante e essencial. Não penso nisso nem durante a nossa lua-de-mel, nem mais tarde, enquanto leio o diário. Mas depois chega aquele dia e noite, o dia da caçada, e eu sinto-me o dia inteiro como se a tua arma tivesse disparado, como se uma bala inesperada tivesse passado a silvar junto dos meus ouvidos. E cai a noite, tu vais-te embora, mas, antes disso, tinhas discutido tudo minuciosa e detalhadamente com a Krisztina, sobre os trópicos. Fico sozinho com as recordações desse dia e noite. E não encontro o diário no sítio habitual, na gaveta da secretária da Krisztina. Então decido que no dia seguinte te procuraria na cidade e perguntaria...

Fica calado. Abana a cabeça, como um velho que se surpreende de um acto cometido por uma criança.

— Perguntar, o quê?... — diz em voz baixa, com uma ênfase depreciativa, como se fizesse troça de si mesmo. — O que é que se pode perguntar das pessoas com palavras? O que vale a resposta que uma pessoa dá com palavras e não com a realidade da sua vida?... Vale pouco — diz com determinação. — São poucas as pessoas cujas palavras correspondem por completo à realidade das suas vidas. Talvez seja esse o fenómeno mais raro na vida. Na altura, ainda não o sabia. Agora não me refiro aos mentirosos, aos safados. Só penso que conhecer a verdade, adquirir experiências, de nada serve, porque ninguém consegue mudar o seu carácter.

Talvez não se possa fazer mais nada na vida que adaptar à realidade com inteligência e cautela essa outra realidade inalterável, o carácter pessoal. É a única coisa que podemos fazer. E mesmo assim, não seríamos mais sábios, nem mais protegidos... Quero falar contigo, e ainda não sei se tudo aquilo que eu possa perguntar e tudo aquilo que tu possas responder não alterará os factos. Mas é possível a gente conhecer os factos, aproximar-se da realidade com a ajuda de palavras, perguntas e respostas: por isso quero falar contigo. Durmo profundamente, cansado. Como se, nesse dia, tivesse passado uma prova física muito dura, como se tivesse andado a cavalo ou caminhado... Uma vez transportei um urso às costas, do cume das montanhas nevadas, pesava cerca de duzentos e cinquenta quilos: sei que, naqueles anos, a minha força física era excepcional, todavia, ainda me admiro como pude aguentar, carregando aquele peso pelas encostas dos precipícios e das veredas da montanha. Parece que uma pessoa aguenta tudo enquanto a sua vida tiver algum sentido. Dessa vez, depois de chegar das montanhas com o urso, caí e adormeci esgotado na neve do vale; e assim me encontraram os meus caçadores, meio gelado, junto do corpo do urso. É da mesma maneira que durmo nessa noite. Durmo profundamente, sem sonhar, e depois de acordar, mando preparar a carruagem e vou à cidade, a tua casa. Ali, no teu quarto, venho a saber que tinhas partido. No dia seguinte recebemos a tua carta no regimento, a carta em que comunicas que renuncias a teu cargo e vais para o estrangeiro. Naquele momento só tenho consciência do facto da tua fuga, porque já é certo que me quiseste matar, que aconteceu e acontece alguma coisa, cujo verdadeiro significado não entendo, mas também é certo que tenho a ver com isso íntima e fatalmente, e tudo aquilo que se passa, não se passa apenas contigo, mas também comigo. Estou ali, no teu

quarto, cheio de objectos misteriosos, sufocantes e sumptuosos, quando, de repente, se abre a porta e entra a Krisztina.

Fala num tom narrativo, cordial e amavelmente, como se estivesse a contar os pormenores mais interessantes duma história antiga, agradável, para entreter o amigo que finalmente regressou do estrangeiro, do tempo e das terras distantes.

Konrád escuta-o imóvel. Pousou o charuto apagado na borda do cinzeiro de vidro e cruzou os braços; está assim, sentado, sem se mover, numa postura rígida e correcta, como um oficial que conversa amavelmente com um superior.

— Entra e pára no limiar da porta — diz o general. — Vem de casa, sem chapéu, conduziu sozinha a caleça. “Já saiu?” — pergunta. A sua voz é particularmente rouca. Faço um sinal que sim; tu tinhas ido embora. A Krisztina está à porta, alta e esbelta, talvez nunca a tivesse visto tão bela como naquele momento. O seu rosto é pálido, como o dos heróis que perderam muito sangue, apenas os olhos brilham febris, como na noite anterior, quando entrei e ela lia aquele livro sobre os trópicos. “Fugiu” — diz depois, e não espera resposta; diz isso para si própria, como quem afirma e constata. — “Era um cobarde” — acrescenta ainda calmamente e em voz baixa.

— Disse isso? — pergunta o convidado, e move-se; nesse momento muda a sua postura de estátua e pigarreia.

— Sim — responde o general. — Não diz mais nada. Eu também não pergunto. Estamos ali, no quarto, sem dizer

palavra. Depois a Krisztina olha à sua volta, observa os móveis um por um, os quadros, as obras de arte. Sigo atentamente o seu olhar. Ela olha para o quarto como se se despedisse dele. Olha para ele como quem já conhece tudo isso e agora se despede de cada objecto. Sabes, pode-se olhar para um quarto, para os objectos de duas maneiras: como quando alguém descobre algo pela primeira vez e como quando se despede dele. No olhar da Krisztina não há nada da curiosidade de quem descobre algo. O seu olhar vagueia pelo quarto com tanta tranquilidade e familiaridade, como uma pessoa olha em redor na sua própria casa, onde conhece o lugar de cada coisa. Os seus olhos brilham, como se estivesse doente e, ao mesmo tempo, estão estranhamente velados. Nesses momentos contém-se, sem dizer nada, mas eu sinto que ela ultrapassou os seus próprios limites, os limites seguros da sua vida e está perto de se perder, como de te perder e me perder. Bastava um olhar, um gesto inesperado para que a Krisztina fizesse ou dissesse algo que não se podia remediar... Olha para os quadros, calmamente, sem qualquer interesse, como uma pessoa olha para aquilo que conhece bem e já viu muitas vezes, quando se despede. Observa o sofá-cama amplo, com uma expressão míope, altiva, pestanejando; por um instante tem os olhos semicerrados. Depois vira-se e sai do quarto, como chegou, sem dizer nada. Não vou atrás dela. Vejo através da janela aberta que atravessa o jardim. Passa entre as roseiras, as rosas desabrocharam nos últimos dias. Sobe para a caleça que espera por ela atrás da cerca, toma as rédeas e parte. A carruagem desaparece num instante na curva da rua.

Cala-se e olha para o convidado.

— Não te canso? — pergunta com cortesia.

— Não — responde Konrád com voz rouca. — De maneira alguma. Continua.

— É que estou a contar isto com bastantes pormenores — diz como quem se justifica. — Mas não pode ser de outra maneira: só através dos pormenores podemos perceber o essencial, aprendi assim nos livros e na vida. É preciso conhecer todos os detalhes, porque nunca sabemos qual deles é importante, quando pode uma palavra iluminar um facto. Deve-se manter a ordem em tudo. Mas agora já não tenho muito para contar. Tu tinhas fugido, a Krisztina saiu, foi para casa na caleça. E eu, o que posso fazer nesse momento e nos próximos tempos?... Olho para o quarto, o lugar de onde a Krisztina acabou de sair. Sei que na entrada, atrás da porta, está a tua ordenança, numa postura hirta. Chamo-o pelo seu nome, ele entra e faz continência. “As suas ordens!” — diz. “Quando é que saiu o senhor capitão?...” “No comboio rápido da madrugada.” Esse comboio vai para a capital. “Levou muita bagagem consigo?...” “Não, apenas umas roupas civis.”

“Deixou alguma ordem ou mensagem?...” “Sim. Há que fazer a liquidação da casa. E vender a mobília. O senhor advogado trata disso. Eu vou regressar ao regimento” — diz. Só diz isso. Olhamo-nos. E então acontece algo que é difícil de esquecer: a ordenança — um rapaz de vinte anos, de origem camponesa, lembras-te certamente do seu rosto bondoso, inteligente e humano — abandona a posição de sentido hirto, deixa de me olhar nos olhos, como impõe o regulamento, e já não é o soldado que está em frente do seu superior, mas um homem que sabe alguma coisa diante de um outro homem de quem tem pena. Há no seu olhar algo de humano, de compassivo, que me empalidece, mas que logo depois me deixa completamente corado... Neste ponto — pela

primeira e última vez na história — acontece que eu também perco a cabeça. Aproximo-me dele, agarro-lhe no dólman à altura do peito e com um movimento brusco, quase o levanto do chão. Estamos tão próximos que os nossos hálitos se confundem. Olhamo-nos profundamente nos olhos, o olhar do moço reflecte horror e ainda continua com aquela compaixão. Sabes que, nessa altura, não era aconselhável a ninguém cruzar-se com os meus punhos; partia tudo em que não tocava com cuidado. Como também sei isso, sinto que ambos estamos em perigo, eu e o moço. Por isso o solto, quase o deixo cair no chão, como um soldadinho de chumbo; as botas fazem um baque no soalho, ele põe-se outra vez em posição de sentido, como num desfile militar. Tiro um lenço do bolso para secar a testa. Basta uma pergunta e esse rapaz responderá. A pergunta é a seguinte: “A senhora que acabou de sair, tinha vindo cá outras vezes?...” Se ele não me responde, mato-o. Talvez o matasse também, mesmo que me respondesse, e talvez não só a ele... em momentos assim, não há amizade. E, ao mesmo tempo, sei que é escusado perguntar. Sei que a Krisztina tinha vindo cá antes; não só uma vez, mas muitas vezes.

Recosta-se na poltrona e, com um movimento lento, deixa repousar as mãos nos braços da cadeira.

— Agora já não faz sentido perguntar nada — diz. — Aquilo que falta saber, um estranho não o pode revelar. É preciso saber porque é que aconteceu tudo aquilo. E onde está o limite entre seres humanos? O limite da traição? Era preciso saber isso. E ainda, que culpa tenho eu em tudo isto...

Di-lo em voz baixa, num tom interrogativo e desorientado. Nota-se na entoação que é a primeira vez

que pronuncia em voz alta essa pergunta que vive latente na sua alma há quarenta e um anos, e para a qual ainda não encontrou a resposta.

— Porque não só as coisas acontecem com as pessoas — diz agora mais determinado, e levanta a cabeça. As velas ardem com chamas longas em cima deles e deitam fumo; a mecha enegreceu-se. A paisagem e a cidade diante da janela ainda estão mergulhadas na escuridão, não se vê nenhuma luz na noite. — Cada um gera também aquilo que acontece consigo. Gera-o, invoca-o, não deixa de escapar àquilo que tem de acontecer. O homem é assim. Fá-lo, mesmo que saiba e sinta logo, desde o primeiro momento, que tudo o que faz é fatal. O homem e o seu destino seguram-se um ao outro, evocam-se e criam-se mutuamente. Não é verdade que o destino entre cego na nossa vida, não. O destino entra pela porta que nós mesmos abrimos, convidando-o a passar. Não há nenhum ser humano que seja bastante forte e inteligente para desviar com palavras ou com acções o destino fatal que advém, segundo leis irrevogáveis, da sua natureza, do seu carácter. É verdade que não sabia nada acerca de ti e da Krisztina?... Quero dizer, durante todo o tempo ou antes, no início da história de nós três?... Ao fim ao cabo, foste tu quem me apresentou a Krisztina. Ela conhecia-te na infância, eras tu que para passar a limpo as tuas partituras, encarregavas o pai dela, esse velho cujas mãos paralíticas ainda serviam para copiar peças musicais, mas que já não era capaz de segurar o violino e o arco, e tocar o instrumento, arrancando-lhe notas limpas e nobres, tendo de deixar cedo a sua carreira, as salas de concertos, e de se contentar com o ensino de crianças que não tinham ouvido para a música, ou de talentos falsos na escola de música duma cidade de província e com os rendimentos suplementares modestos que lhe

proporcionava corrigir e passar a limpo as composições musicais de amadores talentosos... Assim conheces o pai da Krisztina e a Krisztina, que tem dezassete anos na altura. A mãe já morreu, algures no sul do Tirol, onde nascera e onde andava a tratar o seu coração doente nos últimos anos, num sanatório. Mais tarde, no fim da nossa lua-de-mel, vou com a Krisztina a essa estância balnear, procuramos o sanatório, a Krisztina gostava de ver o quarto onde a mãe morreu. Chegamos a Arco à tarde, de carro. Passamos ao longo das margens do lago Garda, perfumadas pelas flores e pelas laranjeiras, ficamos hospedados em Riva e depois do almoço deslocamo-nos a Arco. A paisagem é cinzenta e prateada, como as oliveiras, no alto vê-se um castelo, escondido entre as rochas, numa atmosfera húmida e tépida, o sanatório dos doentes de coração. Palmeiras de toda a espécie, uma iluminação subtil e suave, um ambiente morno, abafado e aromático, como numa estufa. No silêncio imenso, o edifício amarelo claro, onde a mãe da Krisztina viveu nos últimos anos e morreu, parece tão misterioso, como se encerrasse toda a tristeza de que os corações humanos adoecem, como se a dor do coração fosse uma espécie de acção silenciosa em Arco, uma consequência das decepções e dos acidentes incompreensíveis da vida. Krisztina dá uma volta em redor da casa. O silêncio, o perfume das plantas mediterrânicas, cheias de espinhos, o vapor tépido e aromático que envolve tudo, como as ligaduras envolvem os corações dos doentes, tudo isso me toca de perto. Pela primeira vez sinto que a Krisztina não está de todo comigo, e ouço uma voz vinda de longe, de muito longe, do princípio dos tempos, a voz triste e sábia do meu pai. O meu pai fala de ti, Konrád — é a primeira vez que o general pronuncia o nome do convidado, sem ira, sem emoção, num tom indiferente e cortês —, e diz que não és um verdadeiro soldado, que és uma pessoa diferente. Não percebo essa palavra,

ainda não sei o que significa ser diferente... Muito tempo e muitas horas solitárias ensinam-me que se trata sempre disso, relações entre homem e mulher, amizades, relações mundanas, tudo depende disso: das diferenças que dividem a humanidade em dois grupos. Às vezes penso que só existem esses dois grupos no mundo, e todas as variantes da sua diversidade, as diferenças de classe social, de ideologia e de graus do poder, tudo advém dessa diversidade. E, tal como apenas as pessoas do mesmo grupo sanguíneo podem ajudar-se nos momentos do perigo, ao dar o seu sangue a alguém que pertence ao mesmo grupo, assim a alma humana só pode ajudar outra alma humana, se não for “diferente”, se o seu ponto de vista, a sua realidade mais secreta que a sua convicção, forem semelhantes. E ali, em Arco, senti que a festa acabara, que a Krisztina também era “diferente”. Lembrei-me das palavras do meu pai, que não lia livros, mas a quem a solidão e a vida tinham ensinado a conhecer a verdade; ele sabia dessa diversidade, sim, ele também tinha encontrado uma mulher a quem amava muito, a cujo lado, porém, se sentia sozinho, porque eram duas pessoas diferentes, dois temperamentos, dois ritmos de vida distintos, porque a minha mãe também era “diferente”, como tu, como a Krisztina... Em Arco vim a saber mais alguma coisa. O sentimento que me unia a minha mãe, a ti e à Krisztina, era o mesmo: a mesma saudade, a mesma esperança incessante, a mesma vontade impotente e triste. Porque amamos sempre a pessoa “diferente”, procuramo-la em todas as situações e variantes da vida... sabes? O maior segredo e a maior dádiva da vida, quando duas pessoas “semelhantes” se encontram. Isso é tão raro, como se a natureza impedisse com força e astúcia essa harmonia — talvez porque para a criação do mundo e para a renovação da vida necessita da tensão que se gera entre as pessoas que se procuram

eternamente, mas que têm intenções e ritmos de vida opostos. Sabes, corrente alterna... onde quer que olhes, lá está essa troca de forças positivas e negativas. Quanto desespero, quanta esperança cega existe atrás dessa tal diversidade! Sim, em Arco, ouvi a voz do meu pai e percebi que o seu destino continua em mim, que tenho o mesmo carácter com os mesmos gostos que ele tinha, a minha mãe, tu e a Krisztina estão na outra margem, todos têm um papel diferente, a mãe, o amigo, a amante e esposa, todavia todos desempenham o mesmo papel na minha vida. Estão na outra margem, sim, aonde nunca consigo chegar... Podes alcançar tudo na vida, podes vencer tudo à tua volta e no mundo, a vida pode oferecer-te tudo e podes tirar tudo da vida: mas nunca podes mudar os gostos, as inclinações, o ritmo da vida dum pessoa, aquela diferença que caracteriza por completo uma pessoa, a pessoa que é importante para ti, que te interessa. É a primeira vez que sinto isso em Arco, quando a Krisztina dá a volta à casa, onde a mãe morreu.

Recosta-se na poltrona, apoia a cabeça na mão, com um movimento de impotência e de resignação, como quem percebeu algo e percebeu também que não se pode fazer nada contra as leis do carácter humano, nunca.

— Depois deixámos Arco, regressámos a casa e começámos a viver aqui — diz. — O resto já sabes. Foste tu quem me apresentou a Krisztina. Nunca me disseste, nem com uma única palavra, que a Krisztina te interessava. Senti que esse encontro, o meu encontro com a Krisztina, era tão inequívoco, como nenhum outro encontro anterior. É verdade, era uma mistura de raças: um pouco alemã, um pouco italiana e o resto húngara. Talvez tivesse também uma gota de sangue polaco, do lado da família do pai... Ela própria era tão

indeterminável e inclassificável, como se nenhuma raça ou classe a pudesse conter de todo, como se a natureza, uma vez, tivesse tentado criar um ser autónomo, independente e livre, alguém que não tivesse realmente a ver com classes, nem com origens. Era como os animais selvagens: a educação cuidadosa, o convento das freiras, a cultura e a ternura do pai, tudo isso contribuiu para amansar as suas maneiras. A Krisztina era selvagem por dentro, indomável: tudo o que lhe dei, a riqueza e a posição social, não tinham verdadeiro valor para ela, e dessa independência interior e exigência de liberdade, que era o verdadeiro conteúdo do seu ser e do seu carácter, não queria entregar nada ao mundo, onde a conduzia... O seu orgulho também era diferente do daqueles que têm orgulho das suas posições, das suas origens, das suas riquezas, das suas situações sociais, ou de algum talento particular e individual. A Krisztina tinha orgulho daquela qualidade selvagem e nobre que vivia no seu coração e nos seus nervos, como uma espécie de veneno e uma herança. Era — como sabes bem —, uma pessoa soberana por dentro, e isso é muito raro hoje; ser independente, tanto em mulheres como em homens, é uma qualidade rara. Parece que não é uma questão de origem e de situação. Não era possível ofendê-la, ou colocá-la numa situação que a embaraçasse, não suportava as limitações, em nenhum sentido. E ainda sabia algo mais que é raro num carácter feminino: conhecia a responsabilidade dos seus próprios valores humanos. Lembras-te — sim, lembras-te certamente —, quando nos encontrámos pela primeira vez no quarto, junto da mesa ampla, onde estavam espalhadas as partituras e cadernos do pai: a Krisztina entrou e o quarto pequeno e escuro, de repente, encheu-se de luz. Não foi só a juventude que ela trouxe consigo, não. Trouxe também a paixão, o orgulho, a consciência soberana dos sentimentos incondicionais. Nunca conheci

nenhuma outra pessoa que fosse capaz de responder tão plenamente a tudo o que o mundo e a vida lhe ofereciam: à música, a um passeio na floresta matinal, à cor e ao perfume duma flor, à palavra sábia e justa duma pessoa. Ninguém sabia tocar num tecido fino, ou num animal daquela maneira, como a Krisztina. Não conheci ninguém que fosse capaz de se alegrar com as coisas mais pequenas da vida, como ela: pessoas e animais, estrelas e livros, interessava-lhe tudo, sem ser presunçosa, nem se armar em sabichona, mas aproximava-se de tudo o que a vida lhe dava e mostrava, com a alegria incondicional duma criatura que veio ao mundo para desfrutá-lo. Como se tivesse uma ligação íntima com todos os fenómenos do mundo, percebes?... Sim, de certeza que percebes. Nessa proximidade imparcial havia também humildade, como se sentisse constantemente que a vida é uma grande dádiva e uma graça. As vezes, vejo o seu rosto — diz com emoção —, mas nesta casa já não encontras retratos dela, nem vêes nenhuma fotografia, e o quadro grande que foi pintado por um austríaco e que durante muito tempo esteve pendurado entre os retratos dos meus antepassados, há muito que foi tirado do seu lugar. Não, já não encontras retratos da Krisztina nesta casa — diz com determinação, quase satisfeito, como se relatasse uma pequena proeza. — Mas, às vezes, ainda vejo o seu rosto, meio adormecido, ou ao entrar numa sala. E agora que estamos a falar dela, nós os dois, que conhecemos bastante bem a Krisztina, vejo o seu rosto com tanta nitidez, como há quarenta e um anos, na última noite, quando estava sentada aqui, entre nós. Porque aquela era a última noite em que jantámos juntos, com a Krisztina, deves saber isso. Não apenas tu, eu também jantei com a Krisztina pela última vez. Porque tudo aconteceu naquele dia, como devia ser, tudo aconteceu entre nós três. E como ambos conhecemos bem a

Krisztina, foi inevitável tomar certas decisões: tu partiste para os trópicos, a Krisztina e eu nunca mais falámos um com o outro. Viveu mais oito anos, sim. Vivemos aqui, debaixo do mesmo tecto, mas nunca mais nos falámos — diz tranquilamente.

Olha para o fogo.

— Era assim o nosso carácter — continua com simplicidade. — Pouco a pouco percebi uma parte daquilo que tinha acontecido. Primeiro, era a música. Há certos elementos fatais na vida das pessoas, elementos recorrentes, como a música. Entre a minha mãe, a Krisztina e ti, estava a música, como ligação. Provavelmente, a música disse-lhes algo que não se podia exprimir com palavras ou com acções, e provavelmente vocês disseram algo com a música — e esse algo que a música expressava na totalidade para vocês, nós, os diferentes, o meu pai e eu, não percebemos. Por isso ficámos solitários entre vocês. Mas a ti, falava a música, e à Krisztina também, e assim podiam comunicar entre vocês, mesmo quando entre a Krisztina e eu toda a conversa se extinguiu. Odeio a música — diz numa voz mais alta; é a primeira vez esta noite que pronuncia palavras com emoção e rouquidão. — Odeio essa linguagem melodiosa e incompreensível que certas pessoas utilizam para comunicar, para dizer algo informal e irregular, sim, às vezes penso que através da música, exprimem algo de indecente e imoral. Olha para os seus rostos que se transformam tão estranhamente, quando ouvem música.

A Krisztina e tu não procuravam a música — não me lembro que vocês, alguma vez, tivessem tocado juntos, a quatro mãos, nunca te sentaste ao piano diante da Krisztina, pelo menos não na minha presença. Parece que

o pudor e a discrição impediram a Krisztina de ouvir música contigo na minha presença. E como a música não tem nenhum significado que possa ser expresso com palavras, provavelmente tem um outro sentido, mais perigoso, se é capaz de mover pessoas que estão intimamente ligadas não só pelos seus ouvidos musicais, mas também pelo sangue e pelo destino. Não achas?

— Penso exactamente assim — diz o convidado.

— Isso tranquiliza-me — responde com cortesia. — O pai da Krisztina também tinha a mesma opinião, embora ele entendesse bem de música. Porque ele era a única pessoa com quem falei uma vez, só uma vez, disso tudo, da música, de ti e da Krisztina. Nessa altura já era muito velho; morreu pouco tempo depois da nossa conversa. Eu acabara de regressar da guerra. A Krisztina também já estava morta, havia dez anos. Tinham morrido ou partido todas as pessoas que, em tempos, haviam sido importantes para mim, o meu pai e a minha mãe, tu e a Krisztina. Apenas viviam os dois velhos, Nini, a ama, e o pai da Krisztina, com uma indiferença e força peculiar dos velhos, com aquela determinação incompreensível... com que nós vivemos agora. Todos morreram e eu também já não era jovem, estava perto dos cinquenta e era tão solitário como a árvore na clareira da minha floresta, a árvore à volta da qual a tempestade derrubou toda a floresta, um dia antes de rebentar a guerra. Ficou uma árvore na clareira, junto da casa da caça. Passado um quarto de século, uma nova floresta cresceu em redor dela. Mas essa árvore é ainda das antigas, e uma paixão que se chama tormenta na natureza, derrubou tudo o que lhe pertencia, à volta dela. E a árvore, como vês, ainda continua a viver, hoje, com uma força tremenda e irracional. Qual será o seu objectivo?... Nada. Simplesmente, quer continuar viva. Parece que a vida,

tudo o que é vivo, não tem outra finalidade além de permanecer até poder e renovar-se sempre. Assim que regressei da guerra, falei com o pai da Krisztina.

Que é que ele sabia de nós três? Sabia tudo. E eu contei-lhe tudo, só a ele, a quem valia a pena contar. Estávamos sentados no quarto escuro, entre móveis antigos e instrumentos musicais velhos, as estantes, os armários, tudo estava cheio de partituras, música sem voz, fixada em notas, clamor e estrondo impressos nos cadernos que faziam parte da história da música do mundo, tudo estava espalhado no seu quarto, onde tudo cheirava a velho, como se da vida que ali decorreu, todo o conteúdo humano se tivesse escapulado... Ele ouviu-me e só disse o seguinte: “Que é que queres? Sobreviveste.” Pronunciou-o, como se se tratasse de uma sentença. E também como se fosse uma acusação. Olhava em frente, na penumbra, com olhos míopes, era muito velho, tinha passado os oitenta. Então percebi que quem sobrevive a alguma coisa, não tem direito de formular uma acusação. Quem sobrevive a alguma coisa, ganhou o seu processo, não tem direito, nem razão para acusar alguém; era mais forte, mais astuto, mais agressivo. Como nós os dois — diz lacónico e seco.

Olham-se, perscrutam-se.

— Depois ele também morreu, o pai da Krisztina — continua. — Só ficaram a ama e tu, algures, no mundo, este palácio e a floresta. E eu sobrevivi também à guerra — diz com satisfação. — Não procurava a morte, e não ia ao seu encontro: essa é a verdade, não faz sentido dizer outra coisa. Parece que ainda tinha algo para fazer — diz absorto. — As pessoas morreram à minha volta, vi todas as faces da morte e, às vezes, admirava a grande variedade dos modos da destruição; porque a morte também tem muita imaginação, como a vida. Morreram dez milhões de pessoas na guerra, segundo os cálculos. O mundo incendiou-se e ardia com tanta chama e fumo que uma pessoa podia pensar que ali se queimariam todas as dúvidas pessoais, problemas individuais e paixões... Mas não foi assim. Eu sabia, mesmo no meio da maior miséria humana, que ainda tinha algo de pessoal a fazer, e por isso não fui covarde, nem valente, no sentido mais banal da palavra; estava calmo nos ataques e nas batalhas, porque sabia que não me podia acontecer nada. E um dia regresssei da guerra e esperei. O tempo passou e o mundo voltou a incendiar-se; sei que é o mesmo fogo, só que deflagrou outra vez... E na minha alma permanecia a mesma pergunta, e nem as cinzas sedimentadas das duas guerras e do tempo podiam apagar essa pergunta. O mundo está novamente em chamas, morrem milhões de pessoas e tu, de algum modo, encontraste o caminho nesse mundo enlouquecido, vindo da outra margem, para voltar mais uma vez e resolver todos os assuntos comigo, que quarenta e um anos atrás não tínhamos conseguido resolver. É assim tão forte a natureza humana: não pode viver de outra maneira, tem de responder e obter resposta àquela pergunta que reconhece, como a verdadeira pergunta da sua vida. Por isso regressaste e por isso esperei por ti. É possível que este mundo acabe

— diz em voz baixa, fazendo um gesto à sua volta. — É possível que as luzes se apaguem no mundo, como esta noite se apagaram sobre a paisagem, por causa de uma catástrofe natural, que é maior que uma guerra; é possível que tenha amadurecido algo na alma dos seres humanos em todo o mundo, e agora discutam e resolvam a ferro e fogo tudo o que têm a discutir e resolver. Há muitos sinais que indicam isso. É possível... — diz com imparcialidade. — É possível que essa forma de vida que nós conhecemos, em que nascemos, esta casa, este jantar, sim, até estas palavras com as quais, hoje à noite, discutimos a questão da nossa vida, tudo isso pertença ao passado. Há demasiada tensão nos corações humanos, demasiada paixão, demasiada vingança. Olhemos para dentro dos nossos corações, e que encontramos? Paixão, que o tempo só atenuou, sem conseguir apagar o ardor. Por que devemos esperar outra coisa do mundo, das pessoas? E nós os dois, sábios e velhos, já no fim da nossa vida, também queremos a vingança... a vingança, contra quem? Um contra o outro, ou contra a memória de alguém que já não existe. Paixões tão absurdas. Porém, vivem nos nossos corações. Então, por que devemos esperar outra coisa do mundo, que está cheio de inconsciência e de cobiça, de paixões e de agressividade, onde jovens se alinham com baionetas contra jovens de outras nações, desconhecidos esfolam vivos outros desconhecidos, onde tudo o que era regra e acordo já não é válido, só as paixões vivem e ardem, com chamas que se elevam até ao céu?... Sim, a vingança. Voltei da guerra, onde tinha tido ocasião de morrer e não morri, porque esperava pela vingança. Como? — perguntas agora. Qual vingança?... Vejo no teu olhar que não percebes este desejo de vingança. Que tipo de vingança pode haver ainda entre dois velhos que só esperam a morte?... Todos morreram; que sentido faz então a vingança? É isso que o teu olhar pergunta. E eu

respondo-te, e respondo assim: sim, a vingança. Era isso que me mantinha vivo nos tempos da paz e da guerra, durante os últimos quarenta e um anos, e por isso não me matei, não me mataram e não matei ninguém, graças a Deus. Não, a vingança chegou, como sempre queria. A vingança consiste no facto de que vieste ter comigo, através do mundo que está em guerra, através dos mares cheios de minas, vieste cá, ao local do crime, para me responderes e para que ambos conheçamos a verdade. Essa é a vingança. E agora vais responder-me.

As últimas palavras, pronuncia-as em voz baixa: o convidado inclina-se para a frente, para o ouvir bem.

— Pode ser — diz. — Pode ser que tenhas razão. Pergunta-me. Talvez possa responder-te.

A luz das velas esmorece lentamente, no jardim, entre as árvores grandes, corre o vento matinal. O quarto, à volta deles, está quase às escuras.

— Tens de responder a duas perguntas — diz o general e inclina-se também para a frente; fala sussurrando, num tom confidencial. — A duas perguntas que elaborei há muito tempo, nas últimas décadas, enquanto esperava por ti. A duas perguntas a que só tu podes responder. Vejo que pensas que quero perguntar se tenho razão, se naquela manhã, na caça, realmente tiveste a intenção de me matar. Não foi tudo isso imaginação minha? Afinal de contas, não aconteceu nada. Mesmo o instinto do melhor caçador pode falhar. E pensas que a outra pergunta seria assim: foste amante da Krisztina? Enganaste-me, como se costuma dizer, e ela enganou-me, no sentido real, vulgar e vil da palavra? Não, meu amigo, essas duas perguntas já não me interessam. A essas perguntas tu respondeste, o tempo respondeu e respondeu também a

Krisztina, à sua maneira. Todos responderam, tu, ao fugir da cidade no dia seguinte à caça, ao fugir de nós, da tua carreira, abandonando a bandeira, como se dizia antes, quando as pessoas ainda acreditavam no verdadeiro significado das palavras. Não te pergunto, porque sei ao certo que me quiseste matar naquela manhã. Não te digo isso como uma acusação; antes, tenho pena de ti. Deve ser terrível o momento em que, na vida de uma pessoa, surge a tentação, em que uma pessoa levanta a arma para matar outro, alguém que lhe é importante, a quem está ligado intimamente e a quem, por alguma razão, tem de matar. Porque foi isso que aconteceu contigo naquele momento. Não negas?... Estás calado?... Não vejo o teu rosto na penumbra... já não vale a pena pedir mais luzes, reconhecemo-nos e compreendemo-nos mesmo na escuridão, agora que chegou o momento, o momento da vingança. Vamos acabar, o mais depressa possível. Nunca, nem por um segundo, duvidei, durante as décadas passadas, de que naquela manhã me tivesses querido matar, e sempre tive pena de ti por isso. Sei exactamente o que sentiste, como se eu tivesse vivido essa situação por ti, esse momento de tentação terrível. Foi um momento de delírio, o momento da madrugada, quando as forças do mundo inferior ainda são poderosas na terra e nos corações humanos, quando a noite solta o seu último suspiro maléfico. É um momento perigoso. Conheço-o bem. Mas como vês, tudo isso é matéria policial... que queres que faça com essa verdade judicial, se se revelar de facto, o que já sei com o meu coração e com a minha mente... Que posso fazer com os segredos abafados duma casa de celibatário, com a matéria podre dum adultério, com velhos segredos de alcova bafientos, com as recordações confidenciais de mortos e de anciãos que estão com os pés para a cova? Que processo absurdo e vergonhoso seria, se agora, no fim da vida, te pedisse contas sobre tudo o que era

possível comprovar com dados desse adultério e dessa tentativa de homicídio, se arrancasse de ti uma confissão, quando mesmo a lei já considera prescrito aquilo que aconteceu, ou poderia ter acontecido?... Tudo isso seria vergonhoso, indigno de ti e de mim, indigno das memórias da nossa infância e amizade. Talvez fosse um alívio para ti contar tudo que era possível contar com factos. Não quero que sintas alívio — diz tranquilamente. Quero a verdade, e a verdade para mim já não são alguns factos policiais poeirentos e decrépitos, os segredos de paixões e equívocos antigos dum corpo de uma mulher, morto e reduzido a pó... que importância tem tudo isso para nós, para marido e amante, agora que esse corpo já não existe, e nós somos velhos, discutimos mais uma vez algumas questões, tentamos saber a verdade e depois caminhamos para a morte, eu aqui, misturando os meus ossos com os dos meus antepassados, e tu, algures no mundo, perto de Londres ou nos trópicos?

Que importa, no fim da vida, a verdade e a mentira, o engano, a traição, a tentativa de homicídio ou mesmo o homicídio, que importa, onde, quando e quantas vezes me enganou contigo, com o meu melhor amigo, a minha mulher, o único e grande amor e esperança da minha vida, Krisztina?... Contarias essa verdade triste e miserável, confessarias tudo, contarias exactamente como começou, que ciúmes e inveja, medo e tristeza os empurrou para os braços um do outro, que sentias quando a abraçavas, que sentimentos de vingança e de culpa atormentava o corpo e a alma da Krisztina nesses anos... que importa isso? Afinal, tudo é tão simples — tudo o que foi e o que poderia ter sido. Tudo o que outrora eram factos, tornam-se em pó e cinzas. Aquilo que queimava os nossos corações de tal maneira que pensávamos que não podíamos suportá-lo, que

morríamos ou matávamos alguém — porque eu também conheço esses sentimentos, conheci o momento da tentação final, pouco depois de te ires embora e de eu ficar sozinho com a Krisztina —, tudo isso se torna em pó, menos consistente que o pó que o vento levanta e arrasta sobre os cemitérios. Seria uma vergonha e absurdo falar disso. De resto, sei tudo tão exactamente, como se um relatório policial apresentasse todos os pormenores. Poderia contar-te todo o processo, como o procurador no tribunal: que será depois?... Que posso fazer com essa verdade trivial, com os segredos dum corpo que já não existe? Que significa fidelidade, que é que podemos esperar da pessoa que amamos? Estou velho, reflecti muito sobre isso. A fidelidade não será um egoísmo terrível, egoísmo e vaidade, como a maior parte das coisas e pretensões humanas na vida? Quando exigimos fidelidade, queremos que a outra pessoa seja feliz? E se a outra pessoa não é feliz na prisão subtil da fidelidade, amamos essa pessoa de quem exigimos fidelidade? E se não amamos o outro de modo a fazê-lo feliz, temos o direito de exigir algo, fidelidade ou sacrifício? Agora, no fim da vida, já não me atrevia a responder com tanta firmeza a essas perguntas, se alguém as formulasse, como teria feito há quarenta e um anos — há quarenta e um anos, quando a Krisztina me deixou na tua casa, onde tinha estado muitas vezes antes de mim, onde tu tinhas acumulado tudo para poder recebê-la, onde as duas pessoas, a quem mais estava ligado na vida, me enganavam e traíam de uma maneira tão vergonhosa, tão vulgar, sim, agora diria, tão enfadonha... Porque foi isso que aconteceu — diz sem ênfase, quase aborrecido e indiferente. — E tudo aquilo a que as pessoas chamam “engano”, essa rebelião triste e enfadonha dos corpos contra uma situação e contra uma terceira pessoa, parece terrivelmente insignificante, se olharmos para trás no fim da vida — insignificante, quase

deplorável, como um acidente ou um mal-entendido. Na altura ainda não percebia isso. Estava ali, na casa secreta, como se observasse os indícios dum crime, olhava para os móveis, para o sofá-cama... sim, quando alguém é jovem, e a sua mulher o engana com o seu único amigo, mais íntimo que um irmão, naturalmente sente que o mundo se desmoronou à sua volta. Pensa que deve ser assim, porque os ciúmes, a decepção, a vaidade podem causar uma dor tremenda. Mas isso passa... passa duma maneira incompreensível, não de um dia para o outro, não, essa ira nem com os anos se apazigua — mas finalmente passa, da mesma forma que a vida. Voltei para o palácio, fui ao meu quarto e esperava por Krisztina. Esperava-a para a matar, ou para que ela dissesse a verdade e eu lhe perdoasse... de qualquer modo, esperava. Esperei até à noite; e então fui para a casa de caça, porque ela não veio. Talvez isso fosse infantil... agora que olho para trás e quero julgar-me a mim e aos outros, considero e sinto que essa vaidade, essa espera e esse afastamento eram infantis. Mas o homem é assim, como vês, e mesmo com inteligência e experiência pouco pode fazer contra as obsessões teimosas da sua natureza. Agora já sabes isso também. Fui para a casa de caça que tu conheces, não é muito longe daqui, e depois não vi a Krisztina durante oito anos. Só voltei a vê-la quando já estava morta, de manhã, quando a Nini me mandou dizer que podia regressar a casa, porque ela morrera. Sabia que ela estava doente e que os melhores médicos a tratavam — moraram aqui, no palácio, durante meses, e fizeram tudo para salvá-la, como diziam: “Fizemos tudo o que foi possível, segundo os conhecimentos actuais da ciência.” São palavras.

Provavelmente fizeram aquilo que os seus conhecimentos defeituosos lhes permitiam, e que a sua

presunção e vaidade não lhes impediam. Informavam-me todas as noites do que se passava no palácio, durante esses oito anos, no início, quando Krisztina ainda não estava doente e no fim, quando decidiu ficar doente e morrer. Porque estou convencido de que essas coisas se podem decidir — agora sei isso com certeza. Mas eu não podia ajudar a Krisztina, porque havia um segredo entre nós, o único segredo que não se pode perdoar, mas também não é aconselhável desvelar antes do tempo, porque não se sabe o que há no fundo desse segredo. Há algo pior que a morte e o sofrimento... quando uma pessoa perde o amor-próprio. Por isso tinha medo do segredo, o segredo comum, de Krisztina, de ti e de mim. Há algo que pode doer, ferir e queimar de tal maneira que talvez nem a morte seja capaz de dissolver esse sofrimento: se uma ou duas pessoas ferem aquele amor-próprio profundo, sem o qual não podemos viver em dignidade. Vaidade, dirias tu. Sim, vaidade... porém, essa dignidade é o conteúdo mais profundo da vida humana. Por isso temia o segredo. Por isso aceitamos qualquer solução, mesmo uma solução vil e cobarde — olha à tua volta, e encontras sempre essa solução a meio termo entre pessoas, na vida: um vai-se embora para longe daquela ou daquelas pessoas que ama, porque tem medo do segredo, o outro fica, guarda silêncio e espera eternamente por alguma resposta... Foi isso que vi. E vivi. Não é cobardia isso, não... é a última defesa do instinto para viver. Voltei para casa, esperei até à noite, depois fui para a casa de caça e estive à espera de algo, de uma palavra, de uma mensagem, durante oito anos. Mas a Krisztina não veio. Da casa de caça até aqui, ao palácio, são duas horas de viagem, de carruagem. Mas essas duas horas, esses vinte quilómetros significavam uma distância maior para mim, tanto no tempo, como no espaço, do que podiam ser para ti os trópicos. Sou assim por natureza, fui educado dessa maneira, tudo aconteceu

assim. Se a Krisztina tivesse mandado uma mensagem — qualquer mensagem —, ter-se-ia cumprido a sua vontade. Se ela tivesse desejado que te trouxesse de volta, teria ido procurar-te por todo o mundo, para te trazer.

Se ela tivesse desejado que te matasse, teria ido atrás de ti mesmo até ao fim do mundo para te matar. Se me tivesse pedido o divórcio, eu tê-lo-ia concedido. Mas ela não queria nada. Porque ela também era alguém, à sua maneira, à sua maneira feminina, ela também tinha sido ferida por aqueles que amava; um, porque fugiu duma paixão, não quis queimar-se numa ligação, que sabia que era fatal, o outro, porque soube a verdade, esperou e guardou silêncio. A Krisztina também tinha carácter, num sentido diferente daquele em que nós, homens, interpretamos a palavra. A ela também aconteceu algo nesses anos, não só a ti e a mim. O destino tinha-nos tocado e tinha-se cumprido, e nós três suportámos esse destino. Não a vi durante oito anos. Não me chamou em oito anos. Há pouco, enquanto esperava por ti para discutir aquilo que temos de discutir, porque já não nos resta muito tempo, soube algo da ama: soube que na sua agonia ela chamou por mim. Não por ti... e não digo isso com satisfação, mas também não com insatisfação, não te esqueças. Chamou por mim, e isso significa alguma coisa, mesmo que não seja muito... Mas só a vi quando já estava morta. Estava bonita. Permaneceu jovem, a solidão não a desfigurou, a doença não alterou a sua beleza peculiar, a harmonia severa e composta do rosto da Krisztina. Mas tudo isso já não te diz respeito — diz com orgulho.

— Vivas por esse mundo fora e a Krisztina morreu. Eu vivia na solidão, no ressentimento e a Krisztina morreu. Ela respondeu-nos a ambos, da maneira que podia; como

vês, os mortos respondem bem e definitivamente — às vezes penso que só os mortos respondem bem e por completo. Foi isso que aconteceu. Que outra coisa poderia ter dito, depois de oito anos, além de morrer?... Não se pode dizer mais. E assim respondeu a todas as perguntas que tu ou eu lhe poderíamos ter feito, se, no decorrer do tempo, ela tivesse querido falar com qualquer um de nós. Sim, os mortos respondem bem. Mas, como vês, ela não quis falar connosco. Às vezes, tenho a sensação que entre nós três, era ela a enganada, a Krisztina. Não eu, que ela enganou contigo, não tu, que me enganaste com ela — engano, que palavra! Há palavras assim, prontas para usar, com as quais definimos certas situações duma maneira indiferente e automática. Mas se tudo está acabado, como agora para nós, pouco podemos fazer com palavras assim. Engano, infidelidade, traição, são apenas palavras, quando a pessoa a quem essas palavras se referem já está morta, quando a pessoa que teria que responder pelo verdadeiro significado dessas palavras já respondeu. O que não são palavras, mas a realidade silenciosa, é que a Krisztina está morta e nós estamos vivos. Quando me apercebi disso, já era tarde. Não restava mais nada, apenas a espera e a vingança — e agora que o momento da vingança chegou e a espera acabou, sinto com surpresa como é irremediável e insignificante tudo aquilo que ainda podemos vir a saber, confessar ou mentir — uma pessoa só pode compreender a realidade. Já compreendo a realidade. O fogo purificador do tempo extraiu das recordações toda a ira. Às vezes, vejo novamente a Krisztina, acordado e em sonhos, ela a atravessar o jardim, delgada, com o seu chapéu florentino de aba larga, de vestido branco, ou vindo da estufa, falando com o seu cavalo. Vejo-a, hoje à tarde também a vi, enquanto estava à tua espera e adormeci. Vi-a meio adormecido — diz envergonhado, com o modo

dos velhos. — Vi imagens de todo o género, dum passado longínquo. E hoje percebi com a razão o que já percebi há muito tempo com o coração: a infidelidade e o engano, a vossa traição. compreendi, e que mais posso dizer sobre isso?... Uma pessoa envelhece lentamente: primeiro envelhece o seu gosto pela vida e pelas pessoas, sabes, pouco a pouco torna-se tudo tão real, conhece o significado das coisas, tudo se repete tão terrível e fastidiosamente. Isso é também velhice. Quando já sabe que um corpo não é mais que um corpo. E um homem, coitado, não é mais que um homem, um ser mortal, faça o que fizer... Depois envelhece o seu corpo; nem tudo ao mesmo tempo, não, primeiro envelhecem os olhos, ou as pernas, o estômago, ou o coração. Uma pessoa envelhece assim, por partes. A seguir, de repente, começa a envelhecer a alma: porque por mais enfraquecido e decrépito que seja o corpo, a alma ainda está repleta de desejos e de recordações, busca e deleita-se, deseja o prazer. E quando acaba esse desejo de prazer, nada mais resta que as recordações, ou a vaidade; então é que se envelhece de verdade, fatal e definitivamente. Um dia acordas e esfregas os olhos: já não sabes porque acordaste. O que o dia te traz, conheces tu com exactidão: a Primavera ou o Inverno, os cenários habituais, o tempo, a ordem da vida. Não pode acontecer nada de inesperado: não te surpreende nem o imprevisto, nem o invulgar ou o horrível, porque conheces todas as probabilidades, tens tudo calculado, já não esperas nada, nem o bem, nem o mal... e isso é precisamente a velhice. Porém, há ainda algo vivo no teu coração, uma recordação, algum objectivo de vida indefinido, gostarias de tornar a ver alguém, gostarias de dizer ou saber alguma coisa, e sabes bem que um dia chegará esse momento e então, de repente, já não será tão fatalmente importante saber e responder à verdade, como pensaste durante as décadas de espera. Uma

pessoa compreende o mundo, pouco a pouco, e depois morre. Compreende os fenómenos e a razão das acções humanas. A linguagem simbólica do inconsciente... porque as pessoas comunicam os seus pensamentos por símbolos, já reparaste? Como se falassem numa língua estrangeira, ou em chinês, sobre as coisas essenciais, e depois essa língua tem de ser traduzida para a linguagem da realidade. Não sabemos nada de nós próprios. Falamos sempre sobre os nossos desejos, e tentamos esconder-nos desesperada e inconscientemente. A vida torna-se quase interessante, quando já aprendeste as mentiras das pessoas, e comesças a desfrutar e a notar que dizem sempre uma coisa diferente daquilo que pensam e querem realmente... Sim, um dia chega o reconhecimento da verdade: e isso significa a velhice e a morte. Mas então, isso já não dói. A Krisztina enganou-me, que palavra tão ridícula!... E enganou-me precisamente contigo, que rebelião tão miserável! Sim, não olhes para mim surpreendido: acho isso deplorável. Mais tarde, quando soube muitas coisas e percebi tudo, porque o tempo trouxe à ilha da minha solidão alguns destroços, sinais reveladores das substâncias desse naufrágio, olhei para o passado, cheio de piedade, vi-os, aos dois rebeldes, a minha mulher e o meu amigo, duas pessoas, atemorizadas e com remorsos, arrependidas e consumidas pela paixão obstinada, infelizes que se revoltaram e celebraram um pacto de vida e morte contra mim... Coitados! — pensei. Pensei isso muitas vezes. Imaginava os pormenores desses encontros, na casa dos arredores, numa cidade provinciana, onde um encontro secreto é quase impossível, a clausura, como se estivessem num barco e, ao mesmo tempo, a exposição angustiante em público, esse amor que não tem um só minuto de tranquilidade, cujos passos são seguidos por olhares sorrateiros e desconfiados de lacaios, criados e

outras pessoas que os rodeiam, esse temor e as manobras para se esconderem de mim, os quartos de hora com o pretexto de andarem a cavalo, da música, ou de jogarem ténis, os passeios na floresta, onde os meus guarda-caças vigiam os caçadores furtivos... imagino o ódio que enche os vossos corações, quando pensam em mim, quando a cada passo, a cada momento, tropeçam no meu poder, no meu poder de marido, de proprietário de terras, de grande senhor, na minha superioridade social e financeira, no meu exército de criados, e naquilo que é o maior poder entre todos, nas limitações que os obrigam a saber, além de qualquer sentimento de amor e de ódio: que sem mim não podem viver nem morrer completamente. Vocês, amantes infelizes, podiam enganar-me, mas não me podiam evitar; por mais diferente que eu seja, nós os três estamos tão unidos, como os cristais, segundo uma lei geométrica. E deixas cair a tua mão com a arma, na manhã em que me queres matar, porque já não aguentas essa corrida, esse jogo de esconder, essa miséria. o que podes tu fazer? Levas a Krisztina contigo? Tens de renunciar à tua posição, és pobre e a Krisztina também, não podem aceitar nada de mim, não, não podes fugir com ela, nem viver com ela, não podes casar com ela, mantê-la como amante, significa um perigo de morte, ou ainda mais: a cada momento tens de contar com a denúncia e a descoberta, tens medo das contas que tens de me prestar, precisamente a mim, teu amigo e irmão. Essa situação de perigo, não a aguentas durante muito tempo. E um dia, quando o momento amadureceu e surgiu entre nós os dois de uma forma palpável, levantas a arma; e eu, mais tarde, sinto pena de ti sinceramente por esse momento, várias vezes. Deve ser uma tarefa extremamente penosa e pesada matar alguém a quem estamos ligados — diz sem ênfase. — Não és suficientemente forte para essa tarefa. Ou o momento

passa, e já não podes fazer nada. Porque também existe isso, o momento — o tempo traz e leva as coisas arbitrariamente, e não somos apenas nós que colocamos as nossas acções e os fenómenos no decorrer do tempo. Acontece que o momento traz consigo uma possibilidade e isso tem um tempo exacto — e se o momento passou, de repente já não podes fazer nada. A tua mão tomba com a arma. E na manhã seguinte, partes para os trópicos.

Observa com atenção a ponta dos dedos e as unhas.

— Mas nós ficámos aqui — diz enquanto continua a inspecção, como se isso fosse o mais importante —, ficámos aqui, a Krisztina e eu. Ficámos aqui e tudo se revela daquela maneira regular e incompreensível, como se propagam as notícias entre pessoas, em ondas, mesmo que não haja nenhum denunciador de segredos ou traidor por perto. Tudo se revela, porque te foste embora e nós ficámos aqui, vivos, eu, porque perdeste o momento, ou o momento te perdeu — o que é a mesma coisa — e a Krisztina porque, de momento, não pode fazer outra coisa, tem de esperar, talvez apenas quisesse comprovar que guardamos bem o silêncio ambos, tu e eu, os dois homens que lhe importam e que saíram do seu caminho: espera até conhecer e perceber o verdadeiro significado desse silêncio. E então morre. Mas eu fico aqui e sei tudo, porém há algo que não sei. Por isso tenho de viver e esperar pela resposta. Agora chegou o momento em que vou saber a resposta à minha pergunta. Responde-me, por favor: a Krisztina sabia que tu querias matar-me naquela manhã, na caça?

Pergunta isto com objectividade e calma, mas com tanta curiosidade e tensão na sua voz, como uma criança

pede aos adultos uma explicação sobre os segredos das estrelas e do mundo intangível.

O convidado não se move ao ouvir a pergunta. Está sentado, com a cabeça apoiada nas mãos, com os cotovelos pousados nos braços da poltrona. Respira profundamente, inclina-se para a frente e passa uma mão pela testa. Pretende responder; mas o general corta-lhe a palavra: — Perdoa-me — diz. — Como vês, perguntei — continua rapidamente, com entusiasmo, quase se justificando. — Tinha de perguntar e, agora que o fiz, tenho a sensação de que não perguntei bem, criei uma situação embaraçosa para ti, porque queres responder, queres dizer a verdade e eu não coloquei bem a pergunta. A minha pergunta soava como se fosse uma acusação. E não nego que tinha a suspeita, durante as décadas passadas, de que aquele momento, na floresta matinal, na caça, não foi só um acaso, uma ideia repentina, uma ocasião, um momento inspirado pelo mundo inferior — não, atormenta-me a suspeita de que aquele momento foi precedido por vários outros momentos sensatos, totalmente diurnos. Porque a Krisztina, quando soube que tinhas fugido, disse: “Era um covarde” — é o que ela diz, são as últimas palavras que ouço da sua boca, e também o seu último juízo pronunciado sobre ti. E fico sozinho com estas palavras. Era um covarde, porquê?... — pergunto-me muito mais tarde. Covarde, em que sentido? Para viver? Para viver nós três juntos, ou para viver vocês dois separados? Covarde para morrer? Não tinha coragem e não queria nem viver nem morrer com a Krisztina?... Medito assim. Ou apenas era covarde para outra coisa, não para viver nem para morrer, não para fugir nem para trair, não era covarde para me tirar a Krisztina nem para abdicar da Krisztina, não, era simplesmente covarde para cometer um acto muito singelo e punível do ponto de vista da lei,

que discutiram e planejaram os dois, a minha mulher e o meu melhor amigo? E esse plano não resultou, porque eras covarde?... É para isso que ainda queria resposta na vida. Mas perdoa-me, que há pouco não formulei bem a pergunta; por isso te interrompi ao ver que te preparavas para responder. Porque essa resposta não tem importância para a humanidade, nem para o universo, mas é importante para mim, para a única pessoa que queria saber afinal, agora que aquela pessoa que te acusou de covardia já é pó e cinzas: queria saber contudo, em que é que foste covarde? Porque se essa resposta puser fim às minhas perguntas, conhecerei a verdade, e não saberei nada, se não conhecer ao certo esse pormenor. Vivo entre o tudo e o nada há quarenta e um anos, e não há ninguém que me possa ajudar, apenas tu. E não gostaria de morrer assim. Nesse caso, teria sido melhor e mais digno de homem, se não tivesses sido um covarde há quarenta e um anos, como a. Krisztina afirmou; sim, teria sido mais humano se uma bala tivesse acabado com aquilo que o tempo não podia resolver: a dúvida de que vocês se tivessem unido contra mim para me matar, e que tu, afinal, foste covarde para executar. É isso que ainda gostava de saber. Todo o resto são apenas palavras, ideias falsas: traição, amor, intriga, amizade, tudo se desvanece perante a luz intensa dessa pergunta, empalidece, como os mortos e as pinturas, quando as sombras do tempo envolvem as figuras. Já não me interessa nada, não quero respostas sobre a verdadeira natureza da vossa relação, não quero conhecer os pormenores, não quero saber o “porquê” e o “como”. Entre duas pessoas, um homem e uma mulher, o “porquê” e o “como” afinal são sempre tão miseravelmente idênticos... É uma fórmula trivialmente simples. Tudo acontece sempre assim, porque podia e tinha de acontecer dessa maneira, isso é a verdade. Não vale a pena indagar os pormenores no fim de tudo. Mas o

essencial é a verdade, vale a pena e tenho de procurar, porque se não, para que é que vivi? Porque é que suportei estes quarenta e um anos? Porque é que estava à tua espera — não como o irmão espera pelo irmão infiel, não como o amigo espera pelo amigo fugitivo, não, esperava por ti como um juiz e vítima na mesma pessoa espera pelo acusado. E agora o acusado está sentado aqui, eu pergunto-lhe e ele dispõe-se a responder. Mas coloquei bem a pergunta, e disse tudo o que ele tinha de saber, o culpado e acusado, se quer responder a verdade? Porque, como vês, a Krisztina também respondeu — e não só com a sua morte. Um dia, vários anos depois da sua morte, encontrei aquele diário encadernado a veludo amarelo que uma noite — uma noite extremamente memorável para mim, a seguir à caçada — tinha procurado em vão na gaveta da sua secretária. Na altura, o diário desapareceu, tu partiste no dia seguinte e eu nunca mais falei com a Krisztina. Depois a Krisztina morreu, tu vivias longe e eu vivia nesta casa, aonde regressei após a morte da Krisztina, porque queria viver e morrer naqueles quartos onde tinha nascido e onde os meus antepassados tinham nascido, vivido e morrido. E tudo é assim, porque as coisas obedecem a uma certa ordem, e essa ordem não depende da nossa vontade. Todavia, o diário encadernado a veludo amarelo também vivia à sua maneira misteriosa, ao nosso lado e por cima de nós, no tempo, o diário, esse peculiar “Livro da sinceridade”, essa confissão temível, confissão incondicional sobre o amor, sobre as dúvidas, sobre os medos da Krisztina, sobre o seu carácter oculto. O diário vivia e eu encontrei-o, mais tarde, muito mais tarde, um dia, entre os objectos da Krisztina, numa caixa onde guardava o retrato da mãe pintado numa peça de marfim, o anel de sinete do pai, uma orquídea seca — fora eu que lha tinha oferecido — e esse diário amarelo, atado com uma fita

azul. A prega da fita estava selada com o anel do pai. Está aqui o diário — diz, pega-lhe e estende-o ao amigo. — Foi isto que ficou da Krisztina. Não rasguei a fita, porque ela não tinha deixado nenhuma autorização escrita, nem o modo de emprego relativamente a essa sua herança, e não podia saber se essa confissão do outro mundo estava destinada a mim, ou a ti. Provavelmente, nesse diário encontra-se a verdade, porque a Krisztina nunca mentiu — diz com respeito e seriedade, Mas o amigo não estende a mão para pegar no diário.

Apoia a cabeça nas mãos, continua sentado imóvel, olha para o livro fino, encadernado a veludo amarelo, fechado com a fita azul e com o selo de lacre igualmente azul. Não se move, nem pestaneja.

— Queres que leiamos juntos a mensagem da Krisztina?... — pergunta o general.

— Não — responde Konrád.

— Não queres — pergunta o general com frieza e altivez, como um superior — ou não tens coragem de lê-la?

Olham-se fixamente durante longos minutos, por cima do diário que o general estende a Konrád; e nesses momentos a sua mão não treme.

— A essa pergunta — diz finalmente o convidado — não respondo.

— Percebo — replica o general. A sua voz está especialmente satisfeita. com um movimento lento, atira o pequeno livro para as brasas. As brasas começam a fazer um fogo escuro, acolhem a sua vítima, absorvem

lentamente e fumegantemente a matéria do livro, chammas miúdas levantam-se das cinzas. Observam, imóveis, como as chammas começam a animar-se, como o fogo se torna vivo, quase alegre com a sua presa inesperada, ofega e cintila, as labaredas estão cada vez mais altas, o lacre do selo já se derreteu, o veludo amarelo arde com um fumo acre e, como se uma mão invisível virasse as páginas de cor marfim, de repente aparece entre as chammas a caligrafia da Krisztina, as letras agudas e alongadas, escritas, em tempos, por uma mão que já não existe, as letras, o papel, o livro reduzem-se a cinzas, como a mão que outrora encheu essas páginas. No meio das brasas ficam apenas as cinzas negras, sedosas, como o cetim de luto. Olham para essas cinzas escuras, cetinosas, com atenção, em silêncio.

— Agora — diz o general — já podes responder à minha pergunta. não existe nenhuma testemunha que deponha contra ti. A Krisztina sabia que naquela manhã, na floresta, querias matar-me? Vais responder?...

— Agora já não respondo nem a essa pergunta — diz Konrád.

— Está bem — diz o general numa voz apagada, quase indiferente.

A sala arrefeceu à volta deles. Ainda não amanhece, mas através das janelas com batentes, entreabertas, sentem o ar fresco da madrugada que espalha um aroma a tomilho. O general, com frio, esfrega as mãos.

Agora, na penumbra daquela meia hora que precede a madrugada, os dois parecem muito velhos. São amarelos e ossudos, como as figuras esqueléticas no ossário.

O convidado levanta a mão repentinamente com um movimento mecânico e olha para o relógio de pulso com olhos de míope.

— Penso — diz em voz baixa — que já discutimos tudo. Está na hora de me ir embora.

— Se quiseres ir — diz o general com cortesia —, a carruagem está a tua espera.

Ambos se levantam, aproximam-se da lareira espontaneamente, inclinam-se e, friorentos, estendem as mãos magras em direcção à brasa do fogo apagado. Só agora dão conta de que estão com frio e a tiritar; a noite, de repente, arrefeceu, a tempestade que tinha apagado as luzes na central eléctrica da cidade próxima, passou nas imediações do palácio.

— Regressarás a Londres — diz o general, como se falasse para si próprio.

— Sim — responde o convidado.

— Queres viver lá?

— Viver e morrer — responde Konrád..

— Percebo — diz o general. — É natural. Não queres ficar mais um dia? Ver qualquer coisa? Encontrares-te com alguém? Não viste o túmulo. E também não viste a Nini — diz prontamente.

Fala hesitante, como se procurasse as palavras certas para se despedir e não as encontrasse. Mas o convidado fica tranquilo e responde com prontidão.

— Não — diz. — Não quero ver nada e nem ninguém.  
Cumprimentos à Nini — diz cortesmente.

— Obrigado — responde o general. E aproximam-se da porta.

O general põe a mão na maçaneta da porta. Ficam assim, um em frente do outro, numa postura social, com o tronco ligeiramente inclinado, prontos para a despedida. Ambos olham em volta mais uma vez na sala onde — é o que pensam — não voltam a entrar nunca mais. O general olha em redor com olhos de míope, pestanejando, como se procurasse qualquer coisa.

— As velas — diz distraído, quando lhe saltam à vista os restos fumegantes das velas do candelabro, colocado na borda da lareira. — Olha, as velas arderam até ao fim.

— Duas perguntas — diz repentinamente Konrád, numa voz apagada —, disseste que eram duas perguntas. Qual é a outra?

— A outra?... — responde o general. Inclina-se um para o outro, como dois velhos cúmplices que têm medo das sombras da noite e de que as paredes os ouçam. — A outra pergunta?... — repete sussurrando.

— Mas se não respondeste à primeira... Olha — diz numa voz muito baixa —, o pai da Krisztina acusou-me de ter sobrevivido. Queria dizer que tinha sobrevivido a tudo. Porque uma pessoa não responde só com a sua morte. Essa é uma boa resposta. Mas responde também, se sobrevive a alguma coisa. Nós dois, sobrevivemos a uma mulher — diz num tom confidencial. — Tu, ao te ires embora, eu, ao ficar aqui. Sobrevivemos com cobardia ou com cegueira, com ressentimento ou com prudência, o facto é que sobrevivemos. Não achas que tivemos as

nossas razões para isso?... Não achas que afinal lhe devemos uma certa responsabilidade para além do túmulo, a ela, que foi mais, mais humana que nós dois — foi mais, porque morreu, e assim respondeu a ambos, enquanto nós ficámos aqui, na vida, e não se pode atenuar isso. Esses são os factos. Quem sobrevive ao outro é sempre traidor. Sentíamos que tínhamos de viver, e não é possível atenuar isso, porque ela é que morreu. Morreu, porque te foste embora, morreu porque eu fiquei e não me aproximei dela, morreu porque nós dois, homens, a quem ela pertencia, fomos mais vis, orgulhosos, cobardes, barulhentos e silenciosos que o que uma mulher podia suportar, porque fugimos dela e a traímos, porque lhe sobrevivemos. Essa é a verdade. Tens de saber isso, enquanto estiveres em Londres, quando tudo acabar, na última hora, sozinho. Eu também saberei, nesta casa: e já o sei. Sobreviver a alguém, a quem amámos tanto que teríamos sido capazes de matar por ela, sobreviver a alguém, a quem estávamos ligados de tal maneira que quase morremos por isso, é um dos crimes mais misteriosos e inqualificáveis da vida. Os códigos penais não conhecem esse crime. Mas nós os dois sabemos — diz em voz baixa e seca. — E sabemos também que com toda a nossa inteligência ressentida, covarde e orgulhosa, não salvaguardámos nada para nós próprios, porque ela morreu, nós estamos vivos, e nós três estávamos ligados duma maneira ou de outra, na vida e na morte. Isso é muito difícil de compreender, e quando uma pessoa o compreende, fica particularmente inquieta. Que pretendeste ao sobreviver a tudo, que ganhaste com isso?... Conseguiste libertar-te de situações embaraçosas? Que importam situações, quando se trata da verdade da vida, de que existe uma mulher no mundo a quem estás ligado, e essa mulher é a esposa daquela pessoa que é o teu amigo, com quem te unem laços igualmente?... E o que importa tudo aquilo

que as pessoas pensam sobre isso? Nada — diz com simplicidade. — No fim, o mundo não importa nada. Só importa o que fica nos nossos Corações.

— Que é que fica — pergunta o convidado — nos nossos corações?...

— A outra pergunta — responde o general. E não solta a maçaneta da porta. — A outra pergunta resume-se em saber o que ganhámos com toda a nossa inteligência, orgulho e superioridade? A outra pergunta é, se não tivesse sido aquela atracção penosa por uma mulher que morreu, qual teria sido o verdadeiro conteúdo da nossa vida? Sei que é uma pergunta difícil. Eu não sei responder-lhe. Vivi tudo, vi tudo, e não sei responder a essa pergunta. Vi paz e guerra, vi miséria e grandiosidade, vi-te cobarde e vi-me a mim mesmo vaidoso, vi luta e concordância. Mas no fundo, o significado da vida e das nossas acções talvez tenha sido esse laço que nos uniu a alguém — laço ou paixão, chama-lhe o que quiseses. Essa é a pergunta? Sim, é essa. Gostava que me disseses — continua tão baixo como se tivesse medo de que alguém estivesse atrás das suas costas ouvindo as suas palavras —, qual é a tua opinião sobre isso? Pensas também que o significado da vida não seja outro senão a paixão, que um dia invade o nosso coração, a nossa alma e o nosso corpo, e depois arde para sempre, até à morte? Aconteça o que acontecer? E que se nós vivemos essa paixão, talvez não tenhamos vivido em vão? É assim tão profunda, tão maldosa, tão grandiosa e desumana a paixão?... E talvez não se dirija a uma pessoa em concreto, mas apenas ao desejo mesmo?... Essa é a pergunta. Ou dirige-se a uma pessoa em concreto, desde sempre e para sempre à única e mesma pessoa misteriosa, que pode ser boa ou má, mas cujas acções e qualidades não influenciam a

intensidade da paixão que nos une a ela? Responde, se sabes responder — diz mais alto e insistente.

— Porque é que perguntas? — replica o outro tranquilamente. — Sabes que é assim.

E examinam-se um ao outro dos pés à cabeça.

O general respira com dificuldade. Puxa a maçaneta. Na escadaria bailam grandes sombras e oscilam luzes. Descem as escadas em silêncio, apressam-se criados ao seu encontro com luzes, com o casaco e o chapéu do convidado. Em frente do portão, sobre o cascalho branco, ouve-se o ranger das rodas da carruagem. Despedem-se em silêncio, com um aperto de mão; ambos fazem uma reverência profunda.

O general volta ao seu quarto. No fim do corredor, a ama está à sua espera.

— Agora estás mais tranquilo? — pergunta a ama.

— Sim — diz o general.

Caminham juntos em direcção ao quarto. A ama anda com agilidade, com passos curtos, como se acabasse de se levantar e se apressasse para o seu trabalho matinal. O general avança lentamente, apoiando-se na bengala. Percorrem o corredor, cheio de quadros pendurados na parede. A mancha que indica o lugar do retrato da Krisztina, faz parar o general.

— O quadro — diz — já podes voltar a pô-lo no seu lugar.

— Sim — responde a ama.

— Não tem importância — diz o general.

— Eu sei.

— Boa noite, Nini.

— Boa noite.

A ama ergue-se nas pontas dos pés e com as mãos pequenas, ossudas, de pele amarela e enrugada, desenha o sinal da cruz sobre a testa do ancião. Beijam-se. É um beijo estranho, breve e singular: se alguém o visse, sorria de certeza. Mas como todos os beijos humanos, este também é uma resposta, à sua maneira disforme e terna, a uma pergunta, que não se pode dizer com palavras.